

ISABELA TAVARES GUERRA

**ENTRE OBJETOS E PESSOAS: EDUCAR EM MUSEUS,  
FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE MEDIADORES – A  
EXPERIÊNCIA DOS MUSEUS HISTÓRICOS DE BELO  
HORIZONTE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do  
Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e  
Cidadania, para obtenção do título de Magister Scientiae.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS - BRASIL  
2016

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

Guerra, Isabela Tavares, 1979-

G934e  
2016      Entre objetos e pessoas : educar em museus, formação e  
práticas de mediadores - a experiência dos museus históricos de  
Belo Horizonte / Isabela Tavares Guerra. – Viçosa, MG, 2016.  
xii, 240f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Leonardo Cívale.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.106 -113.

1. Museus - Aspectos educacionais - Belo Horizonte (MG).  
2. Patrimônio cultural. 3. Museus históricos - Belo Horizonte  
(MG). I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de  
Historia. Programa de Pós-graduação em Patrimônio Cultural,  
Paisagens e Cidadania. II. Título.

CDD 22. ed. 069.15098151

ISABELA TAVARES GUERRA

**ENTRE OBJETOS E PESSOAS: EDUCAR EM MUSEUS,  
FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE MEDIADORES – A  
EXPERIÊNCIA DOS MUSEUS HISTÓRICOS DE BELO  
HORIZONTE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa,  
como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do  
Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e  
Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*

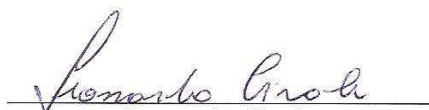
APROVADA: 20 de maio de 2016.



Luiz Lima Vailati



Soraia Freitas Dutra



Leonardo Cival  
(Orientador)

Estas imagens de sonho me ensinaram que a felicidade de estar vivo nunca pode ser separada do prazer de ver este mundo. (Orhan Pamuk)

## AGRADECIMENTOS

Aos visitantes, que confiam no nosso trabalho, escutam-nos e fazem o dia a dia do educador ser permeado por aprendizagens significativas.

Às educadoras queridas, Daniela, Eleusa, Joanna, Vanessa, Neilia e Soraia com quem convivi diariamente nos museus nos quais trabalhei, agradeço por terem me apresentado o potencial educativo e poético dos museus.

Ao Professor Leonardo Civalé, querido Léo, que abriu para mim, no dia da entrevista de seleção, um sorriso acolhedor e acalmou o meu nervosismo, agradeço por continuar me acolhendo nestes dois anos, pelas leituras atentas, indicações bibliográficas e conversas animadoras.

Aos colegas e agora amigos do mestrado, obrigada por compartilharem seus projetos, leituras, dúvidas e alegrias. Vocês fizeram minhas horas de viagem entre BH e Viçosa valerem a pena.

À Walquíria, obrigada por dividir o curso comigo e, principalmente, por ter se tornado minha amiga.

Aos funcionários do Departamento de História, que todas as semanas conseguiram o transporte, e à Mileny, que nos salvou diversas vezes quando a burocracia ameaçava nos engolir. Aos funcionários e graduandos do Departamento de Geografia que nos auxiliaram em tudo que foi necessário.

Aos professores do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. Agradeço por compartilharem seus conhecimentos e pela confiança no nosso trabalho, especialmente aos professores Luiz Vailatti e Jonas Queiróz pelas valiosas observações no processo de qualificação.

Aos professores Soraia Freitas Dutra e Luiz Lima Vailati pela leitura atenta e observações precisas na banca de defesa. Com certeza vocês trouxeram novos questionamentos que me instigaram o desejo de continuar a pesquisa.

Aos educadores dos museus: infelizmente não posso citar os nomes de vocês por questões éticas da pesquisa, agradeço por terem dividido comigo o seu cotidiano, projetos, dúvidas, angústias e conhecimentos. Como diz Arnaldo Antunes, “o seu olhar melhora o meu”. Depois desta pesquisa, tornei-me uma educadora melhor.

Aos participantes do curso Educação e Patrimônio: Reflexão sobre o Patrimônio Cultural de Viçosa e Seu Potencial Educativo, vocês foram a “cereja do bolo”.

À Secretaria de Cultura de Viçosa e à Divisão de Assuntos Culturais da UFV, obrigada pela parceria para a efetivação do curso e exposição que planejamos.

Obrigada à Efigênia, minha sogra, e Antônio, meu sogro, que me receberam de braços abertos todas as semanas em Viçosa, fazendo-me sentir sempre em casa.

Aos meus pais, que cuidaram dos meus filhos enquanto fazia o mestrado em outra cidade, agradeço por manterem a rotina das crianças e por oferecerem a eles tanto carinho quanto eu sempre recebi.

Aos meus irmãos: Mateus, pesquisador competente e pai dedicado, você é meu modelo; Carol, minha melhor amiga e a pessoa que mais acredita na minha competência, obrigada por confiar em mim, mesmo quando não tenho certezas.

Ao Marcelo, meu amor, por não me deixar acomodar e fazer a minha vida muito mais prazerosa.

Ao João, que com suas milhares de perguntas diárias mostra que podemos sempre ver o mundo com um olhar encantado e investigador. À Olívia, obrigada por desligar o computador diariamente e me mostrar que há vida lá fora. Vê-los crescer é meu presente diário.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CK – Casa Kubitschek

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

ICOM – Conselho Internacional de Museus

MHAB – Museu Histórico Abílio Barreto

PNEM – Programa Nacional de Educação Museal

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                  |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Imagem 1- Planta Geral da Cidade de Minas.....                                                   | 14 |
| Imagem 2- Vista parcial do Bairro Cidade Jardim com o Casarão do MHAB<br>aos fundos.....         | 14 |
| Imagem 3- Casarão do Museu Histórico Abílio Barreto.....                                         | 15 |
| Imagem 4 -Atual sede do MHAB localizada no mesmo terreno do Casarão .....                        | 17 |
| Imagens 5 e 6 - Aspectos da exposição O Museu e a Cidade sem Fim .....                           | 18 |
| Imagem 7- Exposição Terceiro Sinal. Foto: Samuel Costa .....                                     | 19 |
| Imagem 8- Aspecto da exposição permanente .....                                                  | 19 |
| Imagem 9- Fachada da Casa Kubitschek. ....                                                       | 20 |
| Imagem 10- Fundos da Casa Kubitschek.....                                                        | 20 |
| Imagens 11 e 12 - Exposição permanente Casa Kubitschek: uma invenção<br>modernista do morar..... | 22 |
| Imagem 13 - Exposição Pampulha: território da modernidade.....                                   | 22 |
| Imagem 14 - Parte interna do Guia de visitação da Casa Kubitschek.....                           | 54 |
| Imagem 15 - Capa do pôster da Casa Kubitschek.....                                               | 60 |
| Imagens 16 e 17 - Filipeta de divulgação do Tour Patrimonial. ....                               | 74 |
| Imagem 18 - Visita e discussão sobre alguns bens culturais de Viçosa.....                        | 75 |
| Imagem 19 - Feira livre.....                                                                     | 75 |
| Imagem 20 - Grupo na Praça Silviano Brandão.....                                                 | 76 |
| Imagem 21- Exercício de montagem de exposição 1.....                                             | 81 |
| Imagem 22 - Exercício de montagem de exposição 2.....                                            | 82 |
| Imagem 23 - Edifício Arthur Bernardes refletido no Centro de Vivência da UFV. ....               | 86 |
| Imagem 24 - Hotel Alcântara – Foto selecionada para a exposição. ....                            | 87 |
| Imagem 25 - Casa Cora Bolívar e Balaústre. ....                                                  | 87 |
| Imagem 26 - Linha férrea e balaústre – foto selecionada para a exposição.....                    | 88 |
| Imagem 27 - Cine-Brasil.....                                                                     | 88 |
| Imagem 28 - Congado de São José do Triunfo – foto selecionada para a exposição. ....             | 89 |
| Imagem 29 - Violeiros.....                                                                       | 89 |
| Imagem 30 - Fundos da Casa de Nello Nuno.....                                                    | 90 |
| Imagem 31 - Trecho do rio São Bartolomeu.....                                                    | 91 |
| Imagem 32 - Recanto da Cigarra.....                                                              | 91 |

|                                                                                                                                     |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Imagem 33 - Estação Cultural Hervé Cordovil. ....                                                                                   | 92  |
| Imagem 34 - Igreja Santa Rita. ....                                                                                                 | 92  |
| Imagem 35 - Feira Livre. ....                                                                                                       | 93  |
| Imagem 36 - Leilão em Ponte Nova. ....                                                                                              | 93  |
| Imagem 37 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Ponte Nova. ....                                                                  | 94  |
| Imagem 38 - Pontilhão (foto selecionada para a exposição). ....                                                                     | 94  |
| Imagem 39 - Rio Piranga, em Ponte Nova. ....                                                                                        | 95  |
| Imagem 40 - Congado em Ouro Preto. ....                                                                                             | 95  |
| Imagem 41 - Estrada Rural de Anna Florência. ....                                                                                   | 96  |
| Imagem 42 - Ipês da Avenida Santa Rita – foto selecionada para a exposição. ....                                                    | 96  |
| Imagem 43 - Vila Gianetti. ....                                                                                                     | 97  |
| Imagem 44 - Centro de Viçosa. ....                                                                                                  | 97  |
| Imagem 45 - Procissão de Santa Rita – foto selecionada para a exposição. ....                                                       | 98  |
| Imagem 46 - Sobrado em Pedra do Anta. ....                                                                                          | 98  |
| Imagem 47 - Palacete Imperial em Pedra do Anta. ....                                                                                | 99  |
| Imagem 48 - De quem e para quem é o patrimônio, os negócios à frente da cultura. ....                                               | 99  |
| Imagem 49 - Vida que segue, vida que resiste, vida que não é lembrada;<br>o olhar distante daquele que almeja uma vida melhor. .... | 100 |
| Imagem 50 - Exposição. ....                                                                                                         | 101 |
| Imagem 51 - Inauguração da Exposição. ....                                                                                          | 101 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Perfil dos educadores.....                                   | 32 |
| Quadro 2 – Observação de visita no Museu Histórico Abílio Barreto ..... | 41 |
| Quadro 3– Observação de visitas na Casa Kubitschek.....                 | 55 |

## RESUMO

GUERRA, Isabela, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, Maio, 2016. **Entre objetos e pessoas: educar em museus, formação e práticas de mediadores – A experiência dos museus históricos de Belo Horizonte.** Orientador: Leonardo Civalle.

Nesta pesquisa, investigaram-se as práticas educativas e as exposições de dois museus públicos municipais de Belo Horizonte, Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) e Casa Kubitschek (CK). Observaram-se quatro visitas em cada instituição, procurando identificar os princípios que regem a educação em museus. A partir da análise da formação dos profissionais educadores e de sua atuação, apontamos a possibilidade de desenvolver um curso de formação com o tema educação em museus.

## **ABSTRACT**

GUERRA, Isabela Tavares. M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, May, 2016. **Between objects and people: educating in museums, training and mediators' practices – The experience of historic museums in Belo Horizonte.** Adviser: Leonardo Civalle.

In this research, educational practices were investigated alongside exhibitions in two public museums in Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) and Casa Kubitschek (CK). Four visits were made to each institution, seeking to identify the principles that govern education in museums. Based on the analysis of the training and performance of education professionals, we appoint the possibility of developing a training course on the theme: education in museums.

# ÍNDICE

|                                                                                                                                                                                                                         |      |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| AGRADECIMENTOS .....                                                                                                                                                                                                    | iii  |
| LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS .....                                                                                                                                                                                    | v    |
| LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....                                                                                                                                                                                              | vi   |
| LISTA DE QUADROS .....                                                                                                                                                                                                  | viii |
| RESUMO .....                                                                                                                                                                                                            | ix   |
| ABSTRACT .....                                                                                                                                                                                                          | x    |
| INTRODUÇÃO: dos desafios profissionais à reflexão sobre a profissão.....                                                                                                                                                | 1    |
| PARTE I .....                                                                                                                                                                                                           | 7    |
| CAPÍTULO 1 – Os vários papéis dos museus: coleção, contemplação, estudo, lazer,<br>transformação social e lugar de memória .....                                                                                        | 7    |
| 1.1 Leituras da cidade nos lugares de memória: Museu Histórico Abílio Barreto, Casa<br>Kubitschek e suas exposições.....                                                                                                | 12   |
| CAPÍTULO 2 – Princípios e métodos da educação em museus: a experiência dos educadores<br>do Museu Histórico Abílio Barreto e da Casa Kubistchek e sua inserção nas discussões sobre<br>a educação museal no Brasil..... | 26   |
| 2.1 Metodologia de pesquisa: leitura documental, observação da atuação e entrevista aberta.....                                                                                                                         | 26   |
| 2.2 A educação museal nas instituições brasileiras: métodos de trabalho e documentos de<br>referência .....                                                                                                             | 29   |
| 2.3 Educação no MHAB: educação patrimonial ou educação para a sensibilidade.....                                                                                                                                        | 37   |
| 2.4 Projetos e práticas educativas na CK: democratização do acesso à cultura e aprendizagem<br>histórica .....                                                                                                          | 51   |
| PARTE II.....                                                                                                                                                                                                           | 62   |
| CAPÍTULO 3 - A construção de um projeto à luz dos resultados da pesquisa: Curso Educação<br>e Patrimônio – Reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo ...                                 | 62   |
| CAPÍTULO 4 – O desenvolvimento do curso: quando a proposta se torna prática.....                                                                                                                                        | 68   |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                                                                                                                                              | 103  |
| REFERÊNCIAS .....                                                                                                                                                                                                       | 106  |
| ANEXOS .....                                                                                                                                                                                                            | 114  |
| Anexo A – Diário do Mediador/MHAB 2015.....                                                                                                                                                                             | 114  |
| Anexo B – Ficha Avaliativa do professor- CK 01 .....                                                                                                                                                                    | 115  |
| Anexo C – Ficha Avaliativa do educador CK 01 .....                                                                                                                                                                      | 116  |
| Anexo D – Ficha Avaliativa do professor CK 02.....                                                                                                                                                                      | 117  |
| Anexo E – Ficha avaliativa do educador CK 02 .....                                                                                                                                                                      | 118  |
| Anexo F – Ficha Avaliativa do Professor CK 03 .....                                                                                                                                                                     | 119  |
| Anexo G – Ficha avaliativa do Educador CK 03 .....                                                                                                                                                                      | 120  |

|                                                                      |     |
|----------------------------------------------------------------------|-----|
| Anexo H – Ficha Avaliativa Professor CK 04 .....                     | 121 |
| Anexo I – Ficha Avaliativa Educador CK 04.....                       | 122 |
| Anexo J – Ementa do curso entregue nas escolas visitadas .....       | 123 |
| Anexo K – Ficha de Inscrição .....                                   | 125 |
| Anexo L – Apostila do Curso Educação e Patrimônio .....              | 127 |
| Anexo M – Fôlder de divulgação .....                                 | 212 |
| Anexo N – Power Point utilizado no Curso Educação e Patrimônio ..... | 213 |
| Anexo O – Convite para a Inauguração da Exposição .....              | 224 |
| Anexo P – Livreto da Exposição Olhares sobre a cidade.....           | 225 |

## **INTRODUÇÃO: dos desafios profissionais à reflexão sobre a profissão**

No livro *O Museu da Inocência*, o premiado escritor Orhan Pamuk conta-nos uma história de amor vivida em Istambul, na segunda metade do século XX. O livro, quase todo o tempo narrado por Kemal, relata a sua conturbada relação com a jovem Füsum e como ele colecionou diversos objetos comuns, mas que de alguma maneira estavam relacionados aos momentos vividos com ela, para apaziguar o seu sofrimento. Após a perda de Füsum, Kemal resolve inaugurar um museu, e o livro é então escrito, uma comovente narrativa, produzida a partir dos objetos coletados e expostos.

O *Museu da Inocência* não é só obra de ficção; o seu autor, Orhan Pamuk, colecionou diversos objetos enquanto escrevia o livro e inaugurou o museu com o mesmo nome, instituição vencedora do Prêmio Museu Europeu 2014. À época da inauguração do museu, seu idealizador escreveu um manifesto no qual expõe suas propostas e ideias para os novos museus, bem como tece críticas aos grandes museus, como o Louvre ou o Hermitage. Ele considera que “as histórias dos indivíduos são mais adequadas para entendermos a profundidade da humanidade”<sup>1</sup> e defende no seu manifesto a necessidade de instituições modestas, integradas à sua vizinhança, e que não a dominem. E continua, considerando que “a medida do sucesso de museus deveria ser a capacidade de revelar a humanidade nas individualidades”.<sup>2</sup>

O sucesso do *Museu da Inocência*, uma instituição que, a princípio, tem objetos reveladores de uma vida de personagens que existem apenas na ficção, desperta-nos a observação de histórias expostas nas instituições museológicas que apresentam personagens e eventos reais. As exposições museológicas reúnem objetos diversos e os apresentam a partir de um tema, construindo um sentido para eles. Orhan Pamuk também o fez de uma maneira radical: coletou objetos do cotidiano dos moradores de Istambul e construiu uma história em torno deles; publicou um livro que serviria como objeto mediador da exposição e construiu um museu com expografia bastante tradicional.

As discussões que abordam as relações entre história e ficção são intensas e não pretendemos fazê-las aqui, mas, há treze anos trabalhando como educadora em museus históricos e de arte, aprendi que os museus são lugares onde conhecimento e sensibilidade se

---

<sup>1</sup> PAMUK, Orhan. *A Modest Manifesto for museums*. Disponível em: <<http://craftcouncil.org/magazine/article/modest-manifesto-museums>>. Acesso em: 20 ago. 2014. Tradução da autora.

<sup>2</sup> Idem.

misturam, os curadores das exposições têm um objetivo ao apresentarem determinados objetos, textos e imagens, mas muitas vezes os visitantes são sensibilizados por outras questões, seu conhecimento prévio, vivências e experiências.

Os curadores das exposições criam vários processos de mediação para auxiliar na apropriação de um visitante de uma exposição: textos de parede, equipamentos eletrônicos, catálogos e folhêres são alguns. Mas, mesmo com todos os materiais interativos (ou de mediação) disponíveis, não há um controle efetivo da apropriação do visitante. Ranciére, ao analisar o espectador de teatro, afirma que:

O espectador também age, tal como o aluno ou o intelectual. Ele observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares. [...]. Assim, são ao mesmo tempo espectadores distantes e intérpretes ativos do espetáculo que lhes é proposto.<sup>3</sup>

Assim como o espectador de teatro, o visitante de um museu também tem este papel ativo, e muitas instituições possuem uma equipe educativa para intermediar essas relações entre a exposição e os visitantes. Tais equipes educativas são cada vez mais comuns nos museus, já que hoje há uma demanda de visitação crescente nas instituições, principalmente por públicos antes não visitantes. Projetos de visitação gratuita, eventos como shows, oficinas e palestras atraem o público e demandam um preparo por parte da instituição para o diálogo. Além disso, projetos de ampliação do período escolar, como Mais Educação, do Governo Federal, Segundo Tempo do Governo do Estado de Minas Gerais e, no caso de Belo Horizonte, Escola Integrada da Prefeitura Municipal, aumentam a demanda nas instituições museológicas, vistas como parceiras importantes na educação das crianças e adolescentes.

O crescente número de profissionais de educação nos museus e a necessidade de profissionalização dos educadores estimularam a criação, por parte do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), do Programa Nacional de Educação Museal (PNEM), cuja primeira etapa consistiu em um fórum de discussão na internet para a contribuição dos diversos profissionais. Ao longo dos debates, os educadores apresentaram demandas diversas, como a necessidade de formação dos profissionais, a regulamentação da profissão e a criação de mecanismos para a produção de conhecimento na área.<sup>4</sup> Além das várias propostas e demandas apresentadas por meio dos fóruns de discussão do PNEM, outros documentos também demonstram o interesse na formação dos serviços educativos de museus. A Lei nº 11.904/2009, que institui o Estatuto

---

<sup>3</sup> RANCIÉRE, Jacques. O Espectador Emancipado. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 17.

<sup>4</sup> Os fóruns de discussão estão disponíveis em: <[pnem.museus.gov.br/](http://pnem.museus.gov.br/)>. Acesso em: 11 ago. 2015.

de Museus, estabelece, no seu artigo 29, que “Os museus deverão promover ações educativas fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação”.<sup>5</sup>

Apesar de as tentativas de regulamentação da profissão de educador de museus serem recentes, a função educativa dos museus não é nova. Segundo Benett, desde o final do século XIX, época da formação dos museus públicos modernos, a função destas instituições estaria ligada a objetivos educacionais, principalmente voltados a uma educação dos corpos. Para esse autor, os museus abertos ao público teriam três características que contribuiriam para auxiliar em mudança de comportamento pretendida pelos governantes: 1- espaço onde as formas de civilização podem ser difundidas e aprendidas; 2- espaço de representação; 3- local de observação e regulação onde os corpos dos visitantes poderiam ser moldados de acordo com as normas de conduta.<sup>6</sup>

Para o autor, à época, os museus eram considerados, junto com os playgrounds, galerias de arte, livrarias e teatros, prazeres inocentes que poderiam ajudar na mudança dos hábitos considerados negativos, como os da bebida, prostituição, conversas negativas, entre outros. Nesse sentido, criaram-se os serviços educativos dos museus para ensinar os sujeitos que ainda não eram públicos de museus como se comportar neste espaço.

Mas, nos dias atuais, ainda estaríamos atuando nos museus com os mesmos objetivos de controle, difusão das formas de civilização e promoção de um comportamento considerado adequado? Na maioria das instituições, a resposta é negativa. Hoje, palavras como diálogo, apropriação, mediação, acesso e interatividade estariam mais próximas da realidade.

Os museus atualmente são espaços usados para diversos objetivos, pois neles acontecem shows, palestras, oficinas. Muitos deles possuem restaurantes, áreas ao ar livre para usufruto e livrarias, além do principal: exposições, reservas técnicas, pesquisas e bibliotecas. Portanto, os objetivos das pessoas, ao adentrarem os museus, podem ser muito diversos. Nesta pesquisa, porém, partimos do princípio de que os museus são espaços educativos. A partir da experiência de trabalho e de pesquisa, sabemos que várias instituições têm equipe específica e programas educativos. Os educadores de museus, na maior parte das

---

<sup>5</sup> BRASIL. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e da outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acesso em: 20 set. 2015.

<sup>6</sup> BENNETT, Tony. The formation of the museum. In: The Birth of the museum: history, theory, politics. Londres: Routledge, 1995. p. 17-25. Tradução livre.

vezes, são grupos de estagiários ou profissionais que ao longo da graduação não receberam formação específica para este trabalho e formam-se em ação.

Nesta pesquisa, investigaram-se as práticas educativas e as exposições de dois museus públicos municipais de Belo Horizonte, Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB) e Casa Kubitschek (CK). Observaram-se quatro visitas em cada instituição, procurando identificar os princípios que regem a educação em museus. A partir da análise da formação dos profissionais educadores e de sua atuação, apontamos a possibilidade de desenvolver um curso de formação com o tema educação em museus.

Esta pesquisa nasceu das minhas inquietações profissionais, em 2002, comecei a trabalhar no setor educativo do Museu Histórico Abílio Barreto. As minhas experiências anteriores haviam sido em pesquisa sobre a História de Minas Gerais e como professora em pré-vestibular. Assim que entrei no MHAB, percebi que não sabia nada sobre museus. Nenhuma disciplina da minha graduação em História tratava daquele tipo de instituição. Nas disciplinas de licenciatura, o foco era a educação escolar. A graduação em História, naquele momento, não havia me preparado para este campo de trabalho. Mas, então, o que fazer? No meu primeiro dia de trabalho, os colegas que já estavam na instituição abriram um arquivo com vários textos e, a partir deles, comecei a entender um pouco melhor o lugar em que estava; museus históricos, museus de arte, museus-casa, ecomuseus, museus de território, educação museal, educação formal, educação informal, educação não formal, educação patrimonial, educação para o patrimônio, museologia, museografia, expografia, museus de experiência. Enfim, uma infinidade de termos, conceitos e propostas de trabalho passaram a fazer parte do meu vocabulário.

Ao longo de 5 (cinco) anos, trabalhei no setor educativo do MHAB vivenciando projetos diversos, atendendo milhares de pessoas. Após esta experiência, trabalhei em educativos de um centro cultural que apresenta exposições de arte contemporânea, onde me ocupei da formação dos educadores; como educadora em exposições de arte; como coordenadora educativa em projeto de arquivo público, com o foco em formação de educadores para o patrimônio; e como educadora da Casa Kubitschek.

Nessas experiências, percebi que, apesar de toda a preparação prévia para o trabalho em exposição, o público pode sempre surpreender. Em exposições, somos educadores que temos um contato extremamente rápido com nossos educandos. Com grupos organizados, cerca de 2 horas; com públicos espontâneos, não mais que 20 minutos. Muitas vezes, além de lidarmos com a mediação da exposição em cartaz, temos que ensinar às pessoas o tipo de

comportamento esperado em museus; às vezes, até para transgredi-lo, pois muitas delas estão pela primeira vez visitando uma exposição; explicar como um museu funciona e atender as demandas dos visitantes, que frequentemente não têm relação com a exposição.

Em um dos meus atendimentos com grupo escolar no Museu Histórico Abílio Barreto, ao final, perguntei ao grupo do que mais tinha gostado. As crianças, com cerca de 9 (nove) anos, responderam: a noiva. Fiquei totalmente perdida, afinal de contas não havia nenhuma noiva na exposição, nada que lembrasse casamento, pois era uma exposição que apresentava vestígios arqueológicos. Mas logo o mistério se desfez: muitas noivas de Belo Horizonte usam a área externa do Museu como cenário para fotografias de seu álbum. Depois de quase 2 horas discutindo com as crianças questões relacionadas à verdade histórica, vestígios arqueológicos, história de Belo Horizonte, o que despertou a atenção delas era exatamente aquilo que eu nem tinha visto. Como acomodar este interesse em uma visita educativa? Deveria pedir para as crianças ignorarem a presença de uma noiva? Poderia discutir o porquê do interesse das noivas em usar aquele cenário para as suas fotos? Resolvi então mudar o foco, pedi para eles observarem como as pessoas estavam usando aquele espaço. Elas logo perceberam que havia a noiva e o fotógrafo, pessoas dormindo nos bancos, lavadores de carro que buscavam água na torneira externa do museu, alguns que usavam a área externa como uma possibilidade de cortar caminho entre duas ruas. Enfim, conversamos sobre apropriações do espaço público.

Em outro momento, quando mediava uma exposição de arte em um centro cultural mantido por uma montadora de carros de Belo Horizonte, preparei-me para a visita de um grupo de adolescentes em liberdade assistida. No dia anterior, já sabia desta visita, li a ficha de marcação de visitas, instrumento comum nas instituições e importante para o preparo do educador, sabia que o objetivo era o acesso a espaços culturais da cidade. A exposição era composta de retratos do acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP). As pinturas e esculturas percorriam cerca de 500 anos de história da arte e estavam organizadas cronologicamente. Organizei-me para discutir com eles como as pessoas se apresentavam ao mundo a partir do retrato. Mas quase no início da visita recebi a orientação do presidente da instituição para apresentar as obras dos artistas que haviam sido, em algum momento da vida, encarcerados. Esta era a última temática que gostaria de abordar com menores infratores, não considerava adequado, em um momento de apreciação artística, esta temática. Gostaria que, pelo menos naquele momento, eles se esquecessem da sua condição. Pior, eu não fazia a menor ideia de quais artistas haviam sido presos, nunca havia pensado nas obras por este

viés... Comecei a percorrer a exposição procurando identificar os encarcerados. Vale lembrar que ainda não possuíamos smartphones para poder fazer uma pesquisa rápida em sites de buscas. Assim que os visitantes entraram, a primeira pergunta que fizeram foi quais daqueles artistas haviam estado na cadeia! Diego Rivera me salvou! Por ser um muralista, os adolescentes, todos do sexo masculino, se identificaram; vários falaram sobre os grafites e pichações que reconheciam em Belo Horizonte. A partir desta identificação inicial, eles se abriram para percorrer a exposição. Aquilo que eu considerava um erro, conversar sobre prisão com aqueles adolescentes, acabou sendo uma oportunidade de contato.

Poderia relatar aqui outros tantos momentos nos quais os visitantes me surpreenderam e me obrigaram a repensar a prática, refazer rotas e abrir espaço para o diverso. Mas será que mesmo com tantas mudanças de rota necessárias existe algo específico que poderíamos caracterizar como educação museal? Como os educadores destas instituições trabalham? Como se formam? É possível planejar um curso geral para formar educadores de museus? Estas são algumas das questões que procuramos discutir nesta pesquisa.

Organizamos o texto em duas partes. A primeira parte é dividida em dois capítulos. No primeiro, intitulado “Os vários retratos dos museus: coleção, contemplação, estudo, lazer, transformação social e lugar de memória”, discutimos os museus históricos e suas relações com a memória. No segundo, traçamos um histórico das instituições investigadas e apresentamos a análise da pesquisa de campo, documentos e debates relacionados à prática da educação em museus históricos. A segunda parte, dividida em dois capítulos, apresenta inicialmente um memorial da elaboração do curso Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo, elaborado à luz das reflexões empreendidas a partir da pesquisa discutida na primeira parte deste texto e também como resultado de trabalho da pesquisadora Walkíria Maria de Freitas Martins, intitulado A pena e o compasso: políticas públicas patrimoniais e a produção da paisagem urbana de Viçosa-MG, entre 1980 e 2010. O segundo capítulo da segunda parte aborda os resultados do curso. Por fim, nas Considerações Finais, buscamos discutir as reflexões geradas pela pesquisa e o trabalho prático.

## PARTE I

### **CAPÍTULO 1 – Os vários papéis dos museus: coleção, contemplação, estudo, lazer, transformação social e lugar de memória**

As origens dos museus são apresentadas de maneiras diversas, alguns autores defendem que eles nasceram a partir do templo das musas na Grécia, outros que o primeiro museu seria integrado à Grande Biblioteca de Alexandria, e há ainda os que defendem a ideia de que os museus nasceram a partir das coleções organizadas na Europa após a descoberta do Novo Mundo.<sup>7</sup> Inicialmente conhecidos como Gabinetes de Curiosidades, misturavam coleções de objetos naturais e os produzidos por seres humanos. “Os gabinetes, a princípio, revelam um caráter enciclopedista, uma tentativa de se ter ao alcance dos olhos, pelo menos, o que existe em lugares distantes e desconhecidos”.<sup>8</sup> Inicialmente, estes locais eram privados e demonstravam o status e o poder dos seus proprietários. Depois, no século XVII, as obras começaram a ser ordenadas e classificadas, e estas novas coleções abriram-se para os cientistas.

Com a Revolução Industrial, novos sujeitos chegam aos museus, o cidadão urbano no momento de lazer. Portanto, se antes o museu era lugar dos estudiosos, nesse momento se tornava lugar do lazer. No século XIX, os museus abrem-se ao público e ganham cada vez mais a função de instrução pública. Um dos grandes críticos de arte da época, Jonh Ruskin, defendia que a função do museu deveria ser dar mostras de perfeita elegância para o povo vulgar. Como já foi dito na Introdução, Benett, ao analisar a abertura dos museus para o público no século XIX, mostra, por meio de documentos dos legisladores, que o objetivo principal era regular os corpos de acordo com normas de conduta e possibilitar o ensinamento da civilização.

No século XIX e início do XX, uma das funções dos museus era auxiliar na criação dos valores dos Estados Nacionais, com o objetivo de criar uma identidade comum. E é nesta chave que podemos compreender a abertura dos museus no Brasil e, principalmente, sua expansão no Estado Novo, período compreendido entre 1937 e 1945. Ao longo deste período, o Ministério da Educação e Cultura, chefiado por Gustavo Capanema, definiu uma política de

---

<sup>7</sup> BENNETT, Tony. *The Birth of the museum*. London: Routledge, 1995; POMIAN, Krzysztof. *Collectors & Curiosities*. Cambridge: Polity Press/Oxford: Basil Blackwell, 1990.

<sup>8</sup> POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a História Natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 159.

preservação do patrimônio cultural, culminando com a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

Sphan, constituído majoritariamente por uma equipe de arquitetos, caracterizou-se pelo tombamento de prédios que obedeciam à estética modernista, e de solares e mansões, fortes, câmaras municipais, esculturas, pinturas e objetos sagrados, praticamente todos do período colonial. Estes itens foram elevados a símbolos da autenticidade da nação, fortalecendo a mítica do Estado forte e unificado. O imaginário nacional adquiria uma forma ufanista e exacerbada, ressaltando não apenas a exuberância da natureza, como no passado, mas também a excepcionalidade do povo brasileiro, seus heróis, sua arte barroca e sua estética moderna, e seu desenvolvimento técnico e científico. [...] Alguns dos museus mais importantes para o discurso unificado da nação foram criados nesse período, seguindo os mesmos padrões valorativos: Museu Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro, RJ, 1937), Museu da Inconfidência (Ouro Preto, MG, 1938), Museu Imperial (Petrópolis, RJ, 1940), Museu das Missões (São Miguel, RS, 1940) e Museu do Ouro (Sabará, MG, 1945).<sup>9</sup>

Na década de 1960, os movimentos políticos e de democratização da cultura questionaram as instituições existentes, incluindo os museus. Nos protestos de maio de 1968, quando jovens saíram as ruas para lutar contra as ditaduras e o conservadorismo, os museus estavam no rol de instituições fadadas ao desaparecimento por seu caráter considerado autoritário, tidos como locais que guardavam e sacralizavam os valores burgueses.

Em agosto de 1971, como informou Hugues de Varine, durante a IX Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus, realizada em Paris, Dijon e Grenoble, o beninense Stanislas Adotévi e o mexicano Mario Vásquez proclamavam abertamente: a “revolução do museu será radical, ou o museu desaparecerá”.<sup>10</sup>

Após as críticas e previsões de “morte” dos museus, eles foram transformados. Experiências diferentes passaram a conviver com os museus tradicionais, criando o que ficou conhecido como Nova Museologia. Diversos documentos produzidos, a partir de encontros e seminários, sendo alguns até anteriores ao movimento de 1968, passaram a refletir sobre o papel social dos museus: Seminário Regional da Unesco (1958),<sup>11</sup> Mesa-Redonda de Santiago do Chile (1972),<sup>12</sup> Declaração de Quebec (1984)<sup>13</sup> e Declaração de Caracas (1992) são alguns deles.<sup>14</sup>

<sup>9</sup> SANTOS, Myriam Sepúlveda. Museus, liberalismo e Indústria Cultural. Ciências Sociais, São Leopoldo, v. 47, n. 3, p. 191, set.-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/938/93821299002.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

<sup>10</sup> CHAGAS, Mário; CHAGAS, Vicktor. 1968 e a morte dos museus. Revista Museu: cultura levada a sério. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=17273>>. Acesso em: 13 out. 2015.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001338/133845so.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

<sup>12</sup> NASCIMENTO JUNIOR, José do; SANTOS, Paula Assunção dos; TRAMPE, Alan. Mesa Redonda de Santiago do Chilo 8 Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972. Brasília: Ibram/MinC; Programa Ibero-museos,

Destacamos a Mesa-Redonda do ICOM em Santiago do Chile, em 1972, que consistiu em um marco para os museus, pois retirou a ênfase das coleções e enfatizou o papel dos museus a serviço da sociedade e sua contribuição para as mudanças nas estruturas sociais. Em Santiago, lançaram-se os princípios para o Museu Integral, os quais definem que “os museus podem e devem desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade”.<sup>15</sup>

Atualmente museu é definido como:

[...] uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.<sup>16</sup>

No Brasil, o Estatuto dos Museus afirma:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.<sup>17</sup>

Estas definições, muito semelhantes, demonstram que as funções dos museus estão ligadas a seu acervo, pesquisa e comunicação.

Segundo Poulot, na década de 1970, os museus que tinham fama por causa da preciosidade de suas coleções, passam a ser reconhecidos pela originalidade das suas exposições.<sup>18</sup> Os reconhecidos tripés da função museal – preservar, pesquisar e comunicar – começam a sofrer uma mudança no pêndulo e, atualmente, vemos uma primazia da última função em relação às outras duas, pois o público passa a ser o centro das atenções dos museus:

Em lugar de estar a serviço dos objetos, o museu deveria estar a serviço dos homens  
Em vez do museu de alguma coisa, o museu para alguma coisa: para a educação, a

---

2012. Disponível em: <[http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion\\_Mesa\\_Redonda\\_VOL\\_I.pdf](http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion_Mesa_Redonda_VOL_I.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2016.

<sup>13</sup> Uma versão do documento, traduzida para o português por Mário Moutinho está disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/342/251>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.iber museus.org/wp-content/uploads/2014/07/declaracao-de-caracas.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

<sup>15</sup> MESA Redonda de Santiago do Chile ICOM, 1972.

<sup>16</sup> Definição do ICOM, Conselho Internacional de Museus, instituição não governamental criada em 1946, congrega mais de 130 países defende internacionalmente os interesses dos museus e seus profissionais.

<sup>17</sup> Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus.

<sup>18</sup> POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte, Autêntica, 2013. p. 28.

identificação, a confrontação, a conscientização, enfim, museu para a comunidade, em função dessa mesma comunidade.<sup>19</sup>

Nos últimos anos, assistimos a um aumento expressivo no número de museus. No Brasil, em 1950, registravam-se 102 museus e, em 2010, mais de 3.000.<sup>20</sup> O público visitante também sofreu um grande acréscimo: em 1950, os dados coletados revelavam cerca de 1.500.000 de visitantes e, em 2014, o Instituto Brasileiro de Museus apresentou um número de cerca de 24.800.000 visitantes em 883 museus que participaram da pesquisa. Os dados revelam que a morte dos museus não aconteceu e que, hoje, eles têm funções ligadas a preservação, economia turística, lazer, preservação e educação. A multiplicação destas instituições de memória é entendida por alguns autores pela necessidade do homem contemporâneo de reagir à velocidade e à mudança incessante, “o contínuo encolhimento dos horizontes do tempo e do passado”.<sup>21</sup> Desde o século XX, as mudanças na paisagem, objetos de consumo e relações pessoais têm causado uma sensação de instabilidade, por consequência há uma busca por uma identidade.

Jöel Candau considera que há uma

[...] vertigem patrimonial contemporânea, a paixão memorial pode revelar uma rejeição de representação que fazemos de nossa identidade atual, projetando no passado e, por vezes, ao mesmo tempo no futuro uma imagem do que gostaríamos de ter sido [...]<sup>22</sup>

Essa narrativa que associa o mundo contemporâneo a um tempo de instabilidade legitima as práticas memorialistas que buscam criar um elo e uma identidade de grupo. Nas instituições pesquisadas, também podemos presenciar este discurso.

No catálogo da exposição “O museu e a cidade sem fim” do Museu Histórico Abílio Barreto, encontramos também a defesa deste papel do museu como um refúgio para os cidadãos perdidos, o museu seria o local onde podem buscar sentido, laços identitários. Para o presidente da Fundação Municipal de Cultura, órgão responsável pela gestão dos museus de Belo Horizonte, a função dos museus da cidade é permitir que os cidadãos encontrem sentidos nos símbolos da memória coletiva de sua cidade e do seu povo. Segundo ele: “esses elementos lhe dão pertencimento a determinado território e criam vínculos com um passado coletivo da urbe, arrefecendo uma aflição típica da contemporaneidade de se temer um futuro

<sup>19</sup> MARTINS, Maria Helena Pires. Ecomuseu. In: TEIXEIRA Coelho. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras, 1999.

<sup>20</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Museus em números, v. 1, 2011. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus\\_em\\_numeros\\_volume1.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2015.

<sup>21</sup> HUSSEYEN, Andreas. Seduzidos pela Memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 28.

<sup>22</sup> CANDAU, Jöel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2014. p. 18.

desconhecido”.<sup>23</sup> O autor caracteriza o patrimônio histórico conservado no museu como um “álbum de família que propõe a vivência em comunidade, da qual é parte integrante, por meio do legado que a história nos revela”.<sup>24</sup>

Mas, apesar da busca por conforto, não conseguimos encontrar refúgio nas instituições museológicas e no patrimônio preservado, no museu a história não pode nos ser revelada, como afirma o autor, já que a história é uma construção intelectual, não uma revelação. Além disso, O álbum de família da humanidade não é tão confortável como parece, não é possível encontrar uma idade de ouro no passado, pois a história da humanidade é feita de lutas, guerras, encontros e desencontros. Se não encontramos conforto nos museus históricos e de cidade, quais seriam então suas funções?

Francisco Régis propõe-nos uma saída:

Tratar a cultura em sua constituição conflituosa, dialogar com o passado, não para sentir saudade ou tentar salvá-lo do esquecimento, mas para interpretá-lo como fonte de conhecimento a respeito das nossas idas e vindas nos mapas das temporalidades.<sup>25</sup>

Aqui, recupera-se Halbwachs, que considera que a memória coletiva tem um papel fundamental na coesão do grupo, pois essa seria produzida por um grupo orgânico, no qual não haveria conflito. Para Halbwachs, as memórias individuais seriam pontos de vista da memória coletiva, que existe independentemente da vontade dos sujeitos. Apesar de Oliveira utilizar a ideia de revelação, nos museus históricos públicos o que vemos são construções de memória, a partir de pontos de contato comuns, mas com uma linguagem e uma seleção próprias. Não há uma memória natural revelada nestas instituições, mas há uma intencionalidade de memória.

Pierre Nora estabelece uma distinção entre a memória, que para ele é vida, carregada por grupos vivos e, portanto, aberta à evolução, e a história, que seria uma reconstrução. Memória seria continuidade, identidade, história estaria no campo da descontinuidade, o passado da história é o outro. O autor afirma que na nossa sociedade a memória não é mais espontânea, por isso são necessários lugares de memória, tais como museus, arquivos, comunidades e manifestações que poderiam servir como suportes de memória, estes espaços

---

<sup>23</sup> OLIVEIRA, Leônidas (Org.). O Museu e a cidade sem fim: setenta anos de história preservada no MHAB, o Museu da Cidade. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2013. p. 67.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>25</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004. p. 81.

teriam um sentido material, simbólico e funcional. Ao lermos Nora, percebemos que os lugares de memória não existem por si, eles têm que ter um conteúdo de memória que interessa. Função simbólica só existe quando se estabelecem relações, portanto, para entender um museu histórico, não é possível simplesmente procurar o sentido nos artefatos preservados, é preciso pensar os sentidos nas relações sociais estabelecidas.

Todorov usa as categorias de memória exemplar e memória singular para tratar destes elementos, defendendo o uso da memória exemplar que deve ser transformada em critérios racionais que permitem o diálogo, estabelecendo comparações entre o passado e o presente. O autor procura distinguir o bom uso do mau uso do passado. O mau uso seria aquele no qual o presente ficaria refém do passado, o bom uso permitiria usar o passado para extrair lições para o presente, esta memória deveria ser utilizada pensando no critério da justiça. Ao abrir o olhar sobre a importância de o pesquisador ter em mente os usos que podem ser feitos do passado, Todorov questiona a ideia comum de que preservar é um bem em si mesmo, segundo ele, “o culto a memória nem sempre serve a justiça” e chama os profissionais que trabalham com a memória para assumir a “responsabilidade frente às misérias atuais.”<sup>26</sup>

As exposições dos museus são resultado de muitas discussões e pesquisas, mas para o visitante a aparência é de um conhecimento acabado, como se a única alternativa para apresentar a temática proposta fosse aquela apresentada. As indefinições, caminhos diferentes possíveis não aparecem para o público. A força da presença do objeto traz uma aparência muito forte de “realidade verdadeira” para o discurso museológico. Por isso, as discussões de ordem ética e políticas relacionadas às escolhas de memória propostas por Todorov nos mantêm em alerta para que possamos estudar os museus históricos de Belo Horizonte, entendendo as ligações externas à exposição, procurando entender o seu lugar dentro do poder público municipal e os objetivos institucionais.

### **1.1 Leituras da cidade nos lugares de memória: Museu Histórico Abílio Barreto, Casa Kubitschek e suas exposições<sup>27</sup>**

Nesta parte, procuramos compreender as ações de preservação e de comunicação desenvolvidas nas exposições O Museu e a cidade sem fim, do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), e Casa Kubitschek: uma invenção modernista do morar. O objetivo é compreender as noções de patrimônio envolvidas nos processo de concepção destas

<sup>26</sup> TODOROV, Tzvetan. La memoria amenazada. Espanha: Ariela, 1995.

<sup>27</sup> Parte deste subcapítulo está publicada nos Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, com o título Museus, História e Cidade: os Museus de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>.

instituições e de suas exposições, entendendo que o MHAB e a Casa Kubitschek (CK) buscaram refletir sobre a cidade em suas múltiplas temporalidades. Pretende-se pensar como a cidade está sendo problematizada nas instituições e em que momento elas foram criadas e se desenvolveram. A partir do entendimento das estruturas destas instituições e das suas exposições, poderemos refletir sobre o papel desenvolvido nestes museus.

As instituições analisadas são museus históricos de Belo Horizonte que buscam discutir a cidade a partir da exposição de suas coleções. Segundo Ramos:

Qualquer exposição é sempre uma leitura a partir de determinados parâmetros e, por isso mesmo, nunca pode assumir a condição de conhecimento acabado, para (con)vencer o visitante. A partir de problemáticas históricas, que se fundamentam em certos critérios de interpretação, não há “dados” expostos, mas sim modos de provocar reflexões.<sup>28</sup>

O Museu Histórico de Belo Horizonte, atual Museu Histórico Abílio Barreto, foi inaugurado em 18 de fevereiro de 1943 por iniciativa do funcionário público Abílio Barreto e por Juscelino Kubitschek, na época Prefeito. O Museu foi criado com o objetivo de recolher, preservar, pesquisar e divulgar testemunhos da história de Belo Horizonte. O Museu Histórico de Belo Horizonte foi gestado junto ao Arquivo Geral da Prefeitura, órgão responsável pela coleta de documentos produzidos pelo Poder Executivo. O Decreto nº 91, de 26 de maio de 1941, criou a Secção de História, anexa ao Arquivo, “núcleo do museu da Cidade, a ser instalado na Fazenda Velha, no Córrego do Leitão, competindo à mesma, além da informação sobre tudo que o diga respeito ao passado de Belo Horizonte, a coleta, classificação e conserva de cousas ao mesmo ligadas.”<sup>29</sup>

Belo Horizonte é uma cidade republicana, planejada e construída no final do século XIX para substituir Ouro Preto como capital do estado de Minas Gerais. A Cidade de Minas (nome definido inicialmente) foi construída na área do Arraial de Bello Horisonte (antigo Arraial do Curral Del Rei). Para que a cidade fosse erguida, os moradores do Arraial foram desapropriados e quase todas as casas demolidas, dessa maneira, a cidade planejada com moldes positivistas e higienistas poderia ser construída. Quando da sua inauguração em 1897, a nova capital ainda estava em obras e, por mudanças do planejamento inicial, o casarão da Fazenda do Leitão resistiu e em 1943 ela foi escolhida para sediar o Museu Histórico de Belo Horizonte.

---

<sup>28</sup> MAGALHÃES, Alice Montenegro; RAMOS, Francisco Régis. De objetos a palavras: reflexões sobre as exposições em Museus de História. In: JULIÃO, Leticia (Coord.). Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus; curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 57.

<sup>29</sup> Decreto n 0091 de 26 de maio de 1941

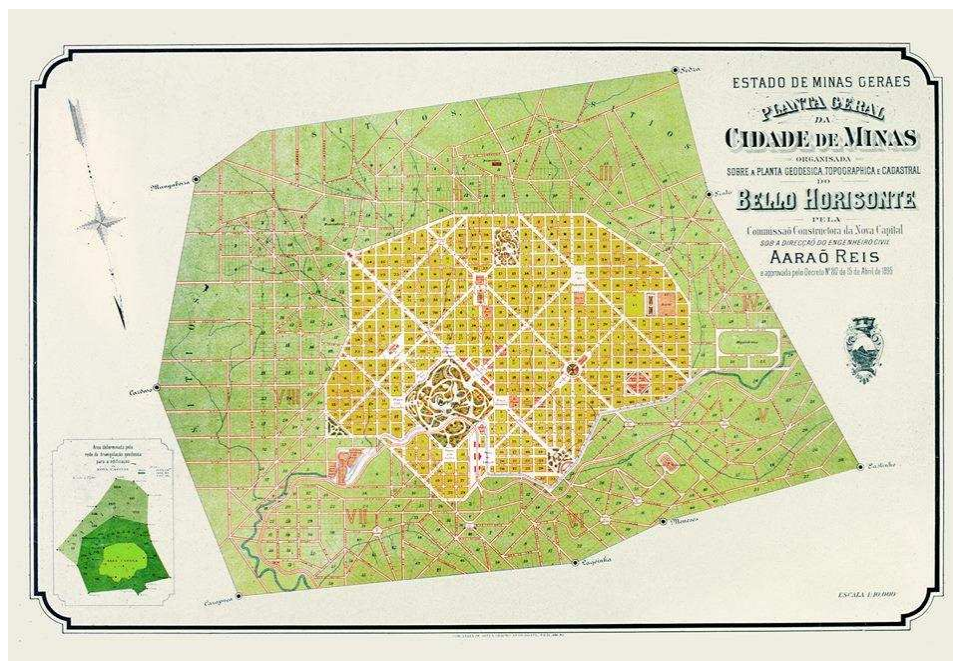


Imagem 1 - Planta Geral da Cidade de Minas. Em amarelo, a região urbana, próximo à região central, pequenas propriedades que formariam uma espécie de cinturão verde (região suburbana) e fazendas onde seriam produzidos os alimentos para abastecer a cidade.<sup>30</sup>



Imagem 2 - Vista parcial do Bairro Cidade Jardim com o Casarão do MHAB aos fundos. Foto 1945. Acervo MHAB.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Planta Geral da Cidade de Minas, 1895. Acervo do Museu Histórico Abílio Barreto.

<sup>31</sup> Facebook MHAB. Data da postagem: 02/02/2016. A imagem mostra como na época da sua inauguração o Museu Histórico de Belo Horizonte ficava distante da área urbanizada da cidade e, por isso, a escolha deste local para a instalação do Museu também foi criticada.



Imagem 3- Casarão do Museu Histórico Abílio Barreto<sup>32</sup>

O Museu Histórico de Belo Horizonte foi visto, assim, como um museu para o futuro, como divulgaram os jornais da época:

No entanto, a iniciativa do Prefeito Juscelino Kubitschek é digna de todos os louvores e poucos, talvez, tenham penetrado o pensamento que presidiu este empreendimento. É que a verdadeira história de Belo Horizonte está começando a se escrever agora. Estes últimos anos que estamos vivendo marcaram verdadeiramente o início da história de Belo Horizonte – uma história de tremenda significação nacional. Essa febre de crescimento, esse ritmo de desenvolvimento de que nos apossamos assinalam a nossa entrada na história [...] é, por isso, oportuníssima, e equivale a um gesto de previsão. [...] Fundando agora o seu museu, Belo Horizonte exprime sua confiança no futuro.<sup>33</sup>

Essa consideração feita no jornal Folha de Minas mostra-nos a intenção de se organizar o Museu Histórico de Belo Horizonte, um Museu inserido no presente da cidade e voltado para o futuro.

O MHBH foi criado em um momento de grandes discussões no Brasil sobre o patrimônio histórico nacional. Segundo Chuva:

A história de preservação do patrimônio histórico e artístico no Brasil ficou marcada pela relação entre conservação do passado e modernização do presente, especialmente em função dos agentes envolvidos com a questão. Registra-se que esse aspecto não tem precedente em outros países, tendo se tornado uma das

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/MuseuHistoricoAbilioBarreto.MHAB/?fref=ts>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

<sup>33</sup> Folha de Minas. Belo Horizonte, 05 de jun. 1941.

especificidades do caso brasileiro no processo de intervenção do patrimônio nacional.<sup>34</sup>

Belo Horizonte já parece assim identificada, pois, enquanto Abílio Barreto, Rodrigo Melo Franco e Juscelino Kubitschek propunham a preservação da Casa Velha do Leão, para abrigar o MHBH, considerada a última casa com características coloniais de Belo Horizonte, em outra região da cidade, na Pampulha, construía-se o moderno. O mesmo Juscelino, unido a Oscar Niemeyer, Burle Marx, Portinari, Volpi, construiu edificações que se tornaram símbolos do modernismo nacional, Igreja de São Francisco, Cassino da Pampulha, Iate Golf Clube, Casa do Baile e Casa Kubitschek, procurando fornecer os parâmetros modernistas para o futuro da cidade.

Arquitetos ligados à vertente modernista ocuparam, desde cedo, postos no SPHAN, onde teceram uma rede de relações pessoais na distribuição de projetos e obras de arquitetura e restauração, explorando o conteúdo da aparente contradição verificada entre seu papel de “revolucionários de novas formas artísticas e os árbitros e zeladores do passado cultural” [...] <sup>35</sup>

O então diretor do SPHAN cuidou destas duas vertentes em Belo Horizonte. Enquanto se responsabilizava pela restauração do Museu, apresentava para Juscelino o jovem arquiteto Oscar Niemeyer, com o objetivo de estimular o prefeito de Belo Horizonte a construir um bairro modernista na capital.

Rodrigo Mello Franco, então diretor do SPHAN, manteve uma relação direta com Abílio Barreto e Juscelino Kubitschek, auxiliando na restauração da edificação, colaborando nas diretrizes do Museu e algumas vezes entrando em conflito com Abílio Barreto. O diretor do Museu, preocupado com a ampliação do acervo da instituição e com as facilidades de acesso do público, queria construir anexos e fazer modificações na arquitetura da casa. Rodrigo Melo Franco, ocupado em preservar edificações que apresentassem as raízes fundadoras da nação, não aceitava nenhuma mudança, procurando restaurar a casa de acordo com o que ela teria sido na sua origem.

Podemos perceber a partir das exposições, cartas e escritos de Abílio Barreto que o Museu para ele deveria ter uma função educativa. O que o Museu Histórico procurava mostrar não eram raridades e preciosidades artísticas e históricas. Abílio Barreto procurou, por meio do acervo, das exposições e das aulas que ministrava para os estudantes dos colégios da Capital, apresentar uma linha do tempo que mostrava desde o início a tenacidade do povo

---

<sup>34</sup> CHUVA, Márcia Regina. Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2009. p. 209.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 196.

mineiro que construiu aquela cidade cada vez mais moderna deixada para a população dos anos 1940. Segundo Mário Lúcio Brandão, que trabalhou com Abílio Barreto e foi seu sucessor na diretoria do Museu Histórico de Belo Horizonte:

E esta é justamente a função do Museu. Documentar estes fatos, talvez sem importância hoje, mas valiosíssimos no futuro. E esta é a lição do Museu Histórico de Belo Horizonte. [...] Mas faz ver a seus visitantes a tenacidade dos mineiros, que transformaram um vilarejo perdido no sertão numa das mais belas e progressistas cidades do Brasil.<sup>36</sup>

Esta fala de Mário Lúcio Brandão sobre a primeira exposição do Museu mostra-nos o objetivo de Abílio Barreto, que queria instruir o cidadão para os valores cívicos, do progresso e da civilização. Nesse sentido, percebemos que, apesar de não ser um museu ligado ao SPHAN, o MHBH seguia todas as definições desta instituição, destacando a preservação dos bens da cultura material e a função pedagógica do patrimônio histórico.



Imagem 4 -Atual sede do MHAB localizada no mesmo terreno do Casarão.<sup>37</sup>

Em 1993, 50 anos após a inauguração do MHAB, iniciou-se na instituição um projeto que ficou conhecido como projeto de revitalização, cujos principais objetivos eram: restaurar o Casarão, construir uma nova sede para a instituição, pesquisar o acervo e trazer novas concepções museológicas para o Museu. Nesse processo:

<sup>36</sup> CASASSANTA, Mário. O Museu da Cidade. Folha de Minas. Belo Horizonte, 06 ago. 1946.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/MuseuHistoricoAbilioBarreto.MHAB/?fref=ts>>. Acesso em 13 fev. 2016.

O Museu teria que se livrar da aura-firmemente plantada no imaginário do público-de que era um lugar onde o tempo parou, e o desafio era imprimir àquele recanto da cidade, indissolivelmente ligado ao passado, marcas do ritmo, dinâmica e diversidade dos tempos atuais.<sup>38</sup>

Desde então o MHAB passou a apresentar exposições de média, curta e longa duração que buscam o diálogo com a cidade, compreendendo não só a existência de um acervo institucional, mas tomando a cidade como um acervo operacional.

A exposição de longa duração, atualmente em cartaz no Museu da Cidade, intitula-se MHAB 70 anos: o museu e a cidade sem fim. O título já nos traz a proposta da diversidade e da impossibilidade do museu de guardar toda a memória da urbe, por isso já pressupõe uma escolha. A curadora da exposição, Luciana Teixeira de Andrade, deixa claro que as escolhas foram por abordar o espaço público da cidade moderna, a partir do cidadão em ação.

‘O Museu e a cidade sem fim’ remete a uma tensão própria à natureza das cidades modernas e à função dos museus: a necessidade de se reter a história e as experiências de uma cidade e a velocidade com que se transformam. Sem fim remete a algo que não pode ser contido no espaço e no tempo. Sem fim, também, é a cidade das múltiplas experiências, possuidora de uma diversidade dificilmente captada por representações totalizantes.<sup>39</sup>



Imagens 5 e 6 - Aspectos da exposição O Museu e a Cidade sem Fim.<sup>40</sup>

O Museu também apresenta atualmente uma exposição de média duração, intitulada Terceiro Sinal: Belo Horizonte em Cena, que aborda a história do teatro na cidade.

<sup>38</sup> PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Crônicas da revitalização de um museu público. In: PIMENTEL, Thaís Velloso (Org.). Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade, 1993-2003. Belo Horizonte: museu Histórico Abílio Barreto, 2004. p. 13-34. p. 27.

<sup>39</sup> ANDRADE, Luciana Teixeira de. MHAB 70 anos: o museu e a cidade sem fim. In: OLIVEIRA, Leônidas José. O museu e a cidade sem fim: setenta anos de história preservada no MHAB, o Museu da Cidade. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Museu Histórico Abílio Barreto, 2013. p. 113.

<sup>40</sup> Disponível em: <<http://bhfazcultura.pbh.gov.br/content/abertura-da-exposi%C3%A7%C3%A3o-o-museu-e-cidade-sem-fim-mhab>>. Acesso em: 10 maio 2015.

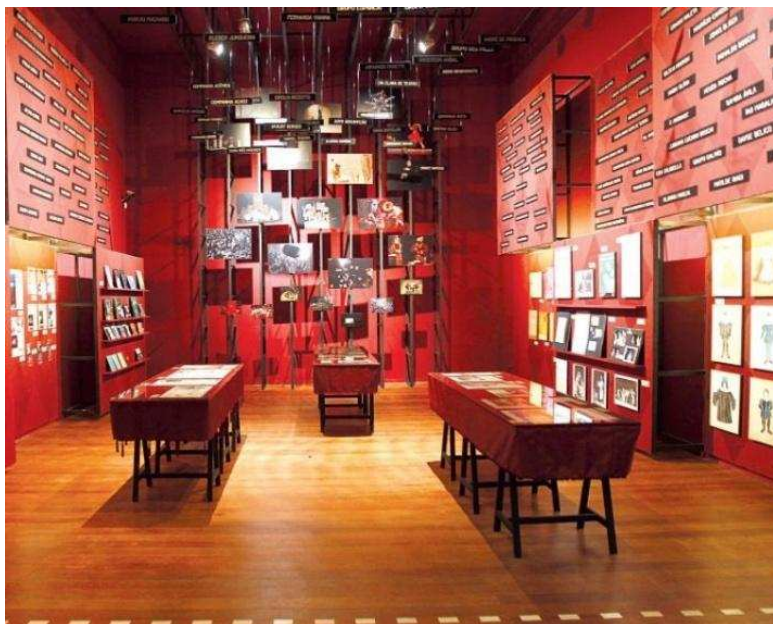


Imagem 7- Exposição Terceiro Sinal. Foto: Samuel Costa.<sup>41</sup>

A área externa da instituição apresenta uma exposição permanente dos meios de transporte usados na cidade: carro de boi, coche, maria-fumaça, elevador e bonde.



Imagem 8- Aspecto da exposição permanente.<sup>42</sup>

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/almanaque/3-sinal-pontua-historia-cenica-de-bh-atraves-de-figurinos-de-montagens-1.276248>>. Acesso em: 10 maio 2015.

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/MuseuHistoricoAbilioBarreto.MHAB/?fref=ts>>. Acesso em: 10 maio 2015.

Até 2013, o MHAB era o único museu público municipal cuja temática principal era Belo Horizonte. Neste ano, junto à campanha de eleição da Pampulha como patrimônio da humanidade, inaugurou-se a Casa Kubitschek, que tem como missão tratar dos:

aspectos históricos da época moderna e da ocupação da região da Pampulha, assim como o estilo de vida da elite belo-horizontina, instruir sobre o personagem Juscelino Kubitschek e sua relação com o prédio em si e os proprietários subsequentes, estabelecendo relações com a nossa realidade contemporânea.<sup>43</sup>



Imagem 9- Fachada da Casa Kubitschek.<sup>44</sup>



Imagem 10- Fundos da Casa Kubitschek. Nesta foto é possível visualizar parte do jardim projetado por Burle Marx e aos fundos o painel em azulejos de Paulo Werneck.<sup>45</sup>

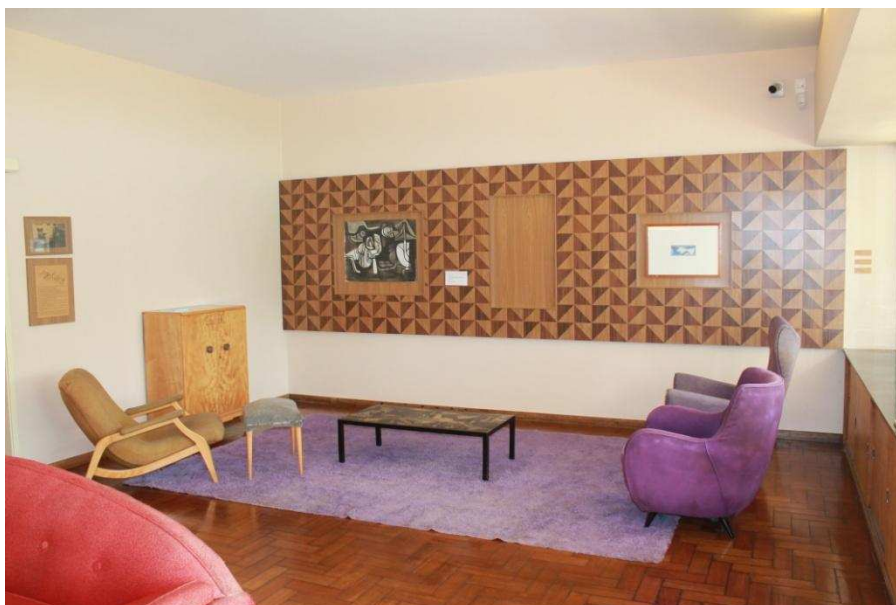
<sup>43</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Diretrizes para o Projeto Museográfico da Casa JK. [s.d.], p. 13.

<sup>44</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CasaKubitschek/?fref=ts>>. Acesso em: 10 maio 2015.

<sup>45</sup> Acervo pessoal Isabela Guerra. Foto: 10/02/2016.

A exposição permanente Casa Kubitschek: a invenção modernista do morar, e a exposição temporária Pampulha: território da modernidade, ainda em cartaz, abriram o museu ao público com narrativas sobre o modernismo na arquitetura e designer e sobre a ocupação da Pampulha.

A exposição permanente da CK apresenta a arquitetura, o paisagismo e a arte integrada da própria casa como objetos principais. O grupo envolvido nesta obra era formado por nomes do modernismo brasileiro que se tornaram bastante expressivos, como Oscar Niemeyer (arquitetura), Burle Marx (paisagismo), Alfredo Volpi (azulejaria), Zanine Caldas (azulejaria), Paulo Werneck (mosaico) e o próprio Juscelino Kubitschek, primeiro proprietário da casa. O acervo exposto é composto por móveis adquiridos pelos proprietários posteriores a Juscelino, Juraci Brasiliense Guerra e Joubert Guerra, considerado, pelos curadores, importante mobiliário do design brasileiro.





Imagens 11 e 12 - Exposição permanente Casa Kubitschek: uma invenção modernista do morar.<sup>46</sup>

A exposição Pampulha: território da modernidade é composta por textos e reproduções fotográficas produzidos e coletados a partir de pesquisa desenvolvida por historiadores do Museu Histórico Abílio Barreto que apresenta dois momentos, a Pampulha antes das obras modernistas com fotografias e depoimentos dos antigos moradores e após a construção das edificações modernas.



Imagem 13 - Exposição Pampulha: território da modernidade.<sup>47</sup>

<sup>46</sup> Acervo pessoal Isabela Guerra. Foto: 10/02/2016.

Na Casa Kubitschek, o tema da exposição de longa duração é uma tentativa de construir uma ideia de uma elite belo-horizontina moderna. Tanto o mobiliário, quanto a arquitetura, o paisagismo e a arte integrada da Casa nos remetem ao que havia de mais inovador no Brasil no período. A CK foi aberta ao público no momento em que Belo Horizonte reforça a candidatura do Complexo da Pampulha para Patrimônio da Humanidade. No anteprojeto de restauração da casa, lemos que:

Portanto, a criação do complexo da Pampulha, inaugurou um modo de fazer política em que as formas concretas da arquitetura foram tornadas o meio ideal para se consolidar um plano de governo, e foi através dela que as ideias passaram a ser representadas e fixadas no imaginário coletivo.<sup>48</sup>

Nesse sentido, parece-nos que os modernistas, mesmo grupo que se ocupou da questão da restauração do Casarão do Museu Histórico Abílio Barreto e da construção do Conjunto Arquitetônico da Pampulha, saíram vitoriosos, deixando sua contribuição na construção do patrimônio histórico da cidade.

Na CK também é possível perceber as memórias subterrâneas, pois a exposição Pampulha, território da modernidade é dividida em duas partes distintas, a “Pampulha Velha e a Pampulha Nova”, e é possível perceber na exposição que estas “duas pampulhas” existiam na mesma época: a velha não foi destruída para a construção da nova. Nos depoimentos orais de antigos moradores, aparecem os ressentimentos em relação à Pampulha modernista que, para eles, deixou a outra parte ser esquecida.

Os museus de cidade podem ser lugares de preservação de um tipo de patrimônio cultural e de várias interpretações e de geração de conhecimento sobre a cidade e sua história. Constantemente são desafiados a pensar sobre a memória coletiva na seleção de seu acervo, nas possibilidades de usos desses e nas discussões sobre as exposições.

As instituições públicas analisadas recebem público amplo e que, muitas vezes, procura estes “lugares de memória”<sup>49</sup> com objetivos diversos, como compreender a cidade, passear, viver um momento cultural, ou, no caso dos estudantes de escola, as visitas a museus históricos são trabalhos de campo nos quais se busca um complemento, outra maneira de abordar temas aprendidos na escola.

---

<sup>47</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/CasaKubitschek/?fref=ts>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

<sup>48</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Anteprojeto de Restauração da Casa Kubitschek. [s.d.], p. 13.

<sup>49</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

Os museus não colecionam a memória em si, apresentam suportes físicos de determinados conteúdos de memória, expostos em uma narrativa que será interpretada pelos visitantes. Estudar as exposições e as práticas educativas pode nos ajudar a perceber como a cidade é representada neste local e a mentalidade dos indivíduos que a constituíram.

A aquisição e exposição de acervo de um museu histórico pode até ser dispersa, mas nunca é aleatória (principalmente em museus ligados a uma administração pública), é preciso lembrar que um museu é um lugar de poder. Cardoso afirma que controlar um museu significa precisamente o controle da representação de uma comunidade e de seus mais elevados valores e verdades, ou local de instrução pública de uma ideologia dominante.<sup>50</sup> O museu não controla toda a representação de uma cidade, mas, ao longo dos anos, como educadora de museus, percebo que os visitantes têm uma visão muito positiva do museu, como lugar onde podemos encontrar a verdade histórica.

Os visitantes de museus, frequentemente, veem os objetos expostos como relíquias, segundo Lowenthal, “a crença em sua veracidade [dos artefatos] ainda perdura; uma relíquia tangível parece ipso facto verdadeira”. O mesmo autor afirma que os “fragmentos físicos permanecem ao alcance dos nossos sentidos”.<sup>51</sup>

É exatamente nesta percepção de que é possível acessar o passado apenas pela presença física de um artefato que reside a potencialidade e o risco de um museu histórico. A impressão do visitante é que os bens materiais do museu permitem um acesso direto, mas o museu constrói uma narrativa, de certa maneira, reconstrói o passado a partir destes bens materiais.

Segundo Burke, ao lidarmos com a memória, devemos sempre pensar em “comunidades de memória”. Para ele, “é importante fazer a pergunta: quem quer que quem lembre o que e por quê? De quem é a versão registrada ou preservada?”<sup>52</sup> Neste trabalho, estamos lidando com memórias preservadas e apresentadas em instituições do poder público de Belo Horizonte, que, a partir de um corpo técnico, formado principalmente por historiadores, seleciona, pesquisa, expõe e apresenta objetos, documentos e textos referentes à história de Belo Horizonte. Portanto, estamos lidando tanto com a memória coletiva, quanto com os esquecimentos oficiais.

---

<sup>50</sup> CARDOSO, Rafael. Coleção e construção de identidades: museus brasileiros na encruzilhada. In: BITTENCOURT, José; BENCHETRIT, Sarah e TOSTES, Vera (Org.). A História representada: o dilema dos museus. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003. p. 185.

<sup>51</sup> LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto História, São Paulo, 17, p. 63- 201, nov. 1998. p. 158.

<sup>52</sup> BURKE, Peter. Variedades da História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 84.

Nesse sentido, tanto o MHAB, como a Casa Kubitschek apresentam, como nomeia Pollak, a memória enquadrada que, segundo ele, “se forma a partir de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas, etc”.<sup>53</sup>

Segundo este autor:

É portanto absolutamente adequado falar, como faz Henry Rousso, em memória enquadrada, um termo mais específico do que memória coletiva. Quem diz enquadrada diz trabalho de enquadramento. Todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem limites, pois ela não pode ser construída arbitrariamente.<sup>54</sup>

Pollack afirma que alguns mecanismos são utilizados para este controle da memória, ou enquadramento da memória, tais como as testemunhas autorizadas e o emprego de historiadores da casa, além da produção de discursos.

Consideramos que as exposições e os discursos dos museus históricos municipais podem nos ajudar a compreender estes mecanismos e escolhas que buscam construir este fundo comum de referências a partir da história e da memória.

Ulpiano Bezerra de Meneses busca uma definição dos museus históricos, em vez de locais que guardam objetos históricos, deveriam partir de uma problemática.

Mas, já que se trata de museu, de uma problemática que pode ser montada (ou melhor, montada) com objetos materiais [...] <sup>55</sup>

[...] concebe-se corretamente o museu histórico como aquele que opera com objetos históricos. Se, contudo, é a dimensão do conhecimento que sobe à tona, é preciso retificar e dizer, como vimos, que o museu histórico deve operar com problemas históricos, isto é, problemas que dizem respeito à dinâmica da vida das sociedades. <sup>56</sup>

E afirma que a linguagem do Museu não é natural, por isso não é possível encontrar recursos que possibilitem uma comunicação imediata. É nesta relação entre aquilo que o museu expõe para lidar com uma problemática e as possibilidades interpretativas dos visitantes que atuam os educadores de museus, tema que abordaremos no próximo capítulo.

---

<sup>53</sup> POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 10.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 9.

<sup>55</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 24.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 28.

## **CAPÍTULO 2 – Princípios e métodos da educação em museus: a experiência dos educadores do Museu Histórico Abílio Barreto e da Casa Kubistchek e sua inserção nas discussões sobre a educação museal no Brasil**

### **2.1 Metodologia de pesquisa: leitura documental, observação da atuação e entrevista aberta**

Neste capítulo, discutiremos os princípios da educação em museus, a partir da pesquisa que desenvolvemos no MHAB e na CK. Abordar as instituições e descrever suas exposições, como no capítulo anterior, é importante para entendermos a recontextualização que se opera quando estes atores lidam com esta informação. Utilizamos aqui o sentido de recontextualização de Basil Bernstein: a transformação que o discurso pedagógico sofre quando sai do local de criação original para o contexto pedagógico. No caso dos museus históricos, consideramos que existe o conhecimento histórico que é transformado em um discurso museográfico, este discurso é então recontextualizado pelo educador no contexto pedagógico.<sup>57</sup>

A pesquisa dos educativos dos museus foi desenvolvida em 3 (três) fases. Inicialmente, analisamos os relatórios dos educativos, textos já publicados que continham seus princípios e os documentos dos “programas educativos”, quando existentes. Em sequência, fizemos uma pesquisa de campo, a partir dos princípios da etnografia e da observação participante e, na terceira etapa, uma entrevista aberta com os educadores.

Inicialmente, conversamos com os coordenadores das equipes, apresentando nossa proposta, eles foram responsáveis por informar a presença da pesquisadora aos outros membros da equipe. Por causa da minha vivência como educadora das instituições pesquisadas, conhecia muitos dos educadores investigados por termos participado de reuniões juntos, de cursos, ou por termos sido colegas de trabalho em outros momentos. A minha vivência como educadora representava um verdadeiro desafio metodológico.

Para desvendar a atuação dos educadores, optamos por uma pesquisa qualitativa, calcada na etnografia.<sup>58</sup> Daniel Miller define a metodologia da etnografia como a vivência com determinado grupo, participando de suas atividades.<sup>59</sup> A opção por esta metodologia foi

---

<sup>57</sup> Basil Bernstein criou a ideia do dispositivo pedagógico e recontextualização para a análise do sistema educacional, Luciana Martins utilizou a teoria de Bernstein para a análise da educação museal.

<sup>58</sup> ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 33.

<sup>59</sup> MILLER, Daniel. Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 15.

essencial para que pudéssemos perceber como os educadores atuavam no seu cotidiano, para além dos textos escritos, e como eles se apresentam. Para Geertz,

[...] se você quer compreender o que é a ciências, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou suas descobertas. E certamente não para o que seus apologistas dizem sobre ela, você deve ver o que os praticantes da ciência fazem.<sup>60</sup>

O desejo era observar como eles trabalhavam, quais interações construíam, quais repertórios exploravam. Buscou-se perceber quais condutas e ações poderiam ser chamadas de típicas do grupo estudado,<sup>61</sup> pois assim poderíamos concluir se há uma educação específica nos museus, diferente de outras como a educação escolar ou familiar. Nesta etapa, observamos quatro visitas educativas desenvolvidas em cada uma das instituições participantes. Ao longo da conversa e dos encontros com os educadores, percebemos que nossa interação com o grupo investigado foi mais ampla que a de observação. A nossa experiência de trabalho na instituição investigada era conhecida pelos educadores, portanto, eles nos reconheciam como “membro do grupo”, alguém que possuía um conhecimento prévio do assunto a ser investigado. Em algumas situações, sugeríamos aos educadores novas formas de atendimento, relatamos experiências vividas nas mediações e em outras respondemos perguntas dos alunos que nos viam como uma pessoa de referência, já que fomos apresentados a eles pelos educadores responsáveis.<sup>62</sup> Na nossa pesquisa, procuramos evitar interferências ao longo do atendimento, momento no qual os educadores estão em contato com seus educandos, e fizemos algumas comentários, quando convidados, ao final do atendimento ou em momentos de preparação da mediação.

A observação ocorreu em 4 (quatro) mediações a grupos escolares, em cada uma das instituições analisadas, totalizando 8 (oito) visitas observadas. Antes do início da coleta de dados, selecionaram-se os grupos que iriam ser observados, a partir dos agendamentos escolares, procurando abarcar uma diversidade de visitantes, grupos de escolas particulares e públicas, adolescentes e crianças. Procuramos também observar visitas de mais de um educador, principalmente tentando identificar se os cursos de graduação frequentados influenciavam o tipo de mediação. Na Casa Kubitschek, não observamos nenhuma visita de escola particular, pois não havia escola agendada com este perfil. É importante dizer que a

---

<sup>60</sup> GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 4.

<sup>61</sup> ANGROSINO, op. cit.

<sup>62</sup> MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: MATTOS, Carmem; CASTRO, Paula de Almeida (Org.). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 38. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2016.

Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte possui uma parceria estreita e bem estruturada com os museus e centros culturais da cidade, por meio de projetos como o Circuito de Museus, aulas-passeio e Escola Integrada, portanto, temos uma visitação massiva das escolas públicas municipais nestas instituições.

Permanecemos nas duas instituições, em visitas semanais, por cerca de um semestre em cada uma delas, neste período recolhemos documentos, participamos de reuniões e conversas informais. Acompanhamos as pesquisas dos setores educativos e fizemos a leitura dos textos de referência que estavam sendo utilizados pela equipe. Portanto, a observação das quatro mediações foram inseridas em um longo processo de pesquisa.

A Casa Kubitschek, por ser uma instituição com apenas dois anos de funcionamento, ainda não entrou no circuito de visitação das escolas particulares. A maior parte dos grupos visitantes agendados é composta por escolas municipais e faculdades de arquitetura. A CK também possui uma visitação expressiva de turistas, pois a Pampulha, onde está localizada, é um dos principais pontos turísticos e de lazer da cidade. O setor educativo da Casa Kubitschek não possui projetos específicos para a recepção dos turistas, normalmente é utilizado o Guia de Visitação da Casa. Um dos educadores fica disponível na exposição para responder dúvidas e conversar sobre interesses específicos. Por isso, não foi possível fazer a observação deste tipo de visita.

O MHAB tem outro perfil de visitantes. Ao longo dos seus 70 anos, estabeleceu uma parceria consistente com as escolas de Ensino Fundamental e já faz parte do roteiro de estudos dos alunos dos terceiros e quartos anos, portanto, com idades entre nove e onze anos, pois nesta época estão estudando história da cidade na escola.

Em pesquisa elaborada sobre cidades educadoras, com foco nos professores que desenvolvem este trabalho em Belo Horizonte, Vanessa Barboza<sup>63</sup> constata que, muitas vezes, o estudo da história da cidade nas escolas aborda, principalmente, a origem de Belo Horizonte. Por isso, frequentemente a história da cidade na escola encerra-se no momento em que Belo Horizonte começa a existir, com a destruição do Arraial do Belo Horizonte (antigo Arraial do Curral Del Rei) e o início da construção da Cidade de Minas (atual Belo Horizonte). Esta característica promove uma visitação massiva dos escolares no MHAB, pois a principal peça do Museu, o casarão, é ainda um dos poucos exemplares de edificação do Arraial do Curral Del Rei.

---

<sup>63</sup> ARAUJO, Vanessa Barboza de. Ensinar a ler a cidade: práticas de estudo na urbe na educação básica. Universidade do Estado de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Educação), Belo Horizonte, 2014.

Após a coleta de dados de campo, produziram-se duas entrevistas de natureza aberta, uma com os educadores da CK e outra com educadores do MHAB. Fizemos uma revisão de todos os dados coletados, percebendo quais questões ainda precisavam ser esclarecidas e, com base nesses resultados, conduzimos o diálogo. Não se elaborou um questionário estruturado ou semiestruturado, mas apenas perguntas gerais que ajudaram na orientação da conversa.

## **2.2 A educação museal nas instituições brasileiras: métodos de trabalho e documentos de referência**

As práticas educativas em museus brasileiros não são recentes, como já vimos. No próprio MHAB, eram desenvolvidas visitas guiadas logo após a sua inauguração, em 1943. Na década de 1950, o I Congresso Nacional de Museus, realizado em Ouro Preto em 1956, e o Seminário Internacional sobre o papel pedagógico dos Museus, no Rio de Janeiro em 1958, demonstram que havia uma discussão em torno deste tema. Além disso, devemos nos lembrar da Divisão de Educação criada na década de 1930, no Museu Nacional, na gestão de Roquete Pinto.

No Brasil, a educação nos museus esteve relacionada aos princípios da Escola Nova,<sup>64</sup> que buscou renovar o ensino no início do século XX e estimulou a organização dos museus escolares e à visita a museus com o objetivo de tornar o ensino mais prático e experimental.

A educação museal tinha então seus princípios relacionados à educação escolar. Os estudantes iam ao museu para poder ver aquilo que haviam aprendido no currículo escolar. Esta aproximação frequente entre a educação escolar e a educação desenvolvida nos museus foi alvo de críticas. Em um texto que ficou famoso entre os educadores de museus, chamado “A favor da desescolarização dos museus”, de Maria Margareth Lopes, publicado em dezembro de 1991 na revista Educação e Sociedade, a autora afirma que os museus incorporaram as finalidades e métodos da escola e “considera que os problemas básicos que os museus enfrentam hoje são decorrentes de sua condição de instituições de saber oficializado que, assim como a escola, integram sistemas educacionais e culturais

---

<sup>64</sup> A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino cujos princípios influenciaram educadores na Europa, EUA e Brasil no início do século XX. Este movimento considera que a escola deve possibilitar aos educandos uma construção e reconstrução de experiências. As escolas são incentivadas a construir museus e laboratórios que contribuiriam para propiciar esta aprendizagem pela experiência. Um marco deste movimento no Brasil foi a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, assinado, entre outros nomes, por Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Cecília Meireles.

empenhados na manutenção da ordem social vigente”.<sup>65</sup> Ela então defende uma educação museal específica baseada na relação profunda existente entre o homem e o objeto.

Daniel Miller, no livro *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos da cultura material*, defende esta relação existente entre o homem e o mundo material, nomeada no seu estudo como “trecos”, e considera que:

Meu ponto de partida é que nós também somos trecos, e nosso uso e nossa identificação com a cultura material oferecem uma capacidade de ampliar, tanto quanto de cercear, nossa humanidade. Minha esperança e minha intenção é que o livro possa demonstrar como e porque uma apreciação mais profunda das coisas nos levará a uma apreciação mais profunda das pessoas.<sup>66</sup>

O autor afirma que, quanto menos temos consciência dos objetos, quanto menos olhamos os objetos, mais eficientes eles serão em determinar nossa conduta. “A lição da cultura material é que quanto mais deixamos de notá-la, mais poderosa e determinante ela se mostra”.<sup>67</sup>

O estudo de Daniel Miller mostra-nos a importância de tomarmos consciência da materialidade na qual estamos inseridos, assim podemos compreender a afirmação de Margareth Lopes, que considera que a educação em museus deve tratar desta relação homem/objeto.

No mesmo período em que Margareth Lopes publicava seu texto, outras metodologias educativas entravam com mais força nos museus. A educação patrimonial é uma das que influenciou o trabalho em museus de várias tipologias, incluindo os museus históricos.

O termo educação patrimonial no Brasil ganhou projeção a partir dos trabalhos desenvolvidos por Maria de Lourdes Parreira Horta, então diretora do Museu Imperial. O I Seminário de Educação Patrimonial, realizado em 1983, é considerado um marco. Posteriormente, o Guia Básico de Educação Patrimonial, lançado em 1999, colaborou na difusão desta metodologia.

A Educação Patrimonial é entendida como “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”.<sup>68</sup> Parte-se do princípio de que esta metodologia

---

<sup>65</sup> LOPES, Maria Margareth. A favor da desescolarização dos Museus. *Educação e Sociedade*, n. 40, p. 443-455, dez. 1991.

<sup>66</sup> MILLER, Daniel. *Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>68</sup> HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999. p. 6.

promove a alfabetização cultural e pode despertar nos alunos o desejo de “resolver questões significativas para sua própria vida, pessoal e coletiva”.<sup>69</sup>

Hoje, bastante criticada,<sup>70</sup> por propor a alfabetização cultural e também pela tentativa de reduzir a educação patrimonial a apenas uma única metodologia, esta proposta adentrou os museus e estimulou os trabalhos que tomassem os objetos como base para a produção de conhecimento e promovessem a apropriação do patrimônio e sua valorização.

Atualmente, não existe uma política pública responsável pela área educativa dos museus, cada instituição elabora seu próprio programa educativo, a partir de critérios próprios, há uma falta de coesão dos princípios norteadores. Mas alguns documentos trazem referências. Antes de apresentarmos os dados coletados, vamos analisar alguns documentos oficiais que tratam da relação entre museus e educação ou museus e escola, sendo os principais os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Programa Nacional de Educação Museal.

O Programa Nacional de Educação Museal (PNEM) do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), “visa à elaboração e redação de diretrizes voltadas aos museus e processos museais no que tange às suas ações educacionais”.<sup>71</sup> Em 2012, foi lançada uma plataforma digital com o objetivo de estabelecer um diálogo entre os educadores, para servir de referência ao Programa.

As discussões organizaram-se em 9 (nove) eixos temáticos: perspectivas conceituais; gestão; profissionais de educação museal; formação, capacitação e qualificação; redes e parcerias; estudos e pesquisas; acessibilidade; sustentabilidade; museu e comunidade. Como diretrizes para o início das discussões outros dois documentos foram considerados, o Estatuto dos Museus de 2003 e a Carta de Petrópolis: Subsídios para a Construção de uma Política Nacional de Educação Museal.

A partir dos debates, construiu-se o Documento Preliminar do Programa Nacional de Museus. Para a nossa reflexão, detivemo-nos nas discussões do Grupo de Trabalho 3, cuja temática era profissionais de educação museal, e do Grupo de Trabalho 4, que abordou a formação, capacitação e qualificação.

As reflexões do Grupo de Trabalho 3 consideram que existe uma falha na formação dos educadores que poderia ser corrigida nas próprias instituições. No caso dos museus

---

<sup>69</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>70</sup> Ver: COSTA, Carina Martins. Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas (Tese Doutorado), 2011; e CERQUEIRA, Fábio Vergara. Patrimônio Cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005.

<sup>71</sup> INSTITUTO Brasileiro de Museus. Metodologia para o processo de construção do Programa Nacional de Museus, 2012. Disponível em: <<http://pnem.museus.gov.br/orientacoes/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

pesquisados, percebe-se esta preocupação. As duas instituições desenvolvem propostas de formação das equipes, incluindo discussões de textos, observação do trabalho de outros educadores, visita às exposições, participação em seminários e a produção de fichas avaliativas ou textos reflexivos sobre cada visita.

Outra preocupação apresentada nos debates é quanto à valorização do profissional. Considera-se que há uma grande exigência de formação, que não é acompanhada por uma valorização profissional, incluindo salarial. O documento preliminar propõe 5 (cinco) diretrizes:

1- Promover a Educação Museal como campo profissional; 2- Fortalecer o papel do educador nos museus [...] entendendo a educação museal como parte do direito à educação e não como entretenimento; 3- Estimular a produção e difusão do conhecimento produzido na área de educação em museus; 4- Propor a realização de concursos públicos; 5- Garantir que cada instituição possua setor educativo, com a mesma equivalência apontada no organograma para os demais setores técnicos do museu, composto por uma equipe qualificada e multidisciplinar, que tenha definido um projeto pedagógico que fomente a relação museu-sociedade, assegurando seu status de ferramenta educacional para o desenvolvimento social.<sup>72</sup>

Dados nacionais apontam que nos museus a maioria dos educadores são estudantes, com idade entre 17 e 27 anos, que realizam trabalho temporário e são remunerados com bolsa de estudo ou horas de trabalho.<sup>73</sup> Os problemas identificados nos debates nacionais referentes à valorização dos profissionais também acontecem na CK e no MHAB.

**Quadro 1 – Perfil dos educadores**

| <b>Instituição</b> | <b>Profissional</b>                                   | <b>Formação inicial</b>   | <b>Tipo de contrato</b>           |
|--------------------|-------------------------------------------------------|---------------------------|-----------------------------------|
| Casa Kubitschek    | 1 coordenadora (fase inicial da pesquisa)             | História                  | Funcionária pública municipal     |
|                    | 1 coordenadora (fase final da pesquisa) <sup>74</sup> | História e Museologia     | Funcionária pública municipal     |
|                    | 1 educadora                                           | História (mestranda)      | Contrato de prestação de serviços |
|                    | 1 educador                                            | História                  | Contrato de prestação de serviços |
|                    | 2 educadores                                          | Graduandos em Arquitetura | Bolsa de estágio                  |

<sup>72</sup> IBRAM. Documento Preliminar do Programa Nacional de Museus, 2013, p. 23.

<sup>73</sup> MARTINS, Luciana (Org.). Que público é esse? Formação de públicos em Museus e Centros Culturais. São Paulo: Percebe, 2013. p. 44.

<sup>74</sup> Houve a troca de coordenação do setor educativo da Casa Kubitschek ao longo da pesquisa.

|                                   |                |                                                               |                                  |
|-----------------------------------|----------------|---------------------------------------------------------------|----------------------------------|
| Museu Histórico<br>Abílio Barreto | 1 educadora    | Graduanda em<br>Museologia                                    | Bolsa de estágio                 |
|                                   | 2 educadores   | Graduandos em<br>História                                     | Bolsa de estágio                 |
|                                   | 1 coordenadora | Bacharelado e<br>Mestrado em Artes                            | Funcionária pública<br>municipal |
|                                   | 1 coordenadora | Graduação em<br>Comunicação e<br>mestrado em Arte<br>Educação | Funcionária pública<br>municipal |
|                                   | 1 educadora    | Graduanda em<br>Museologia e<br>Ciências Sociais              | Bolsa de estágio                 |
|                                   | 1 educadora    | Graduanda em<br>História                                      | Bolsa de estágio                 |
|                                   | 1 educador     | Graduando em Artes<br>Plásticas                               | Bolsa de estágio                 |
|                                   | 1 educadora    | Graduanda em<br>Ciências Sociais                              | Bolsa de estágio                 |
|                                   | 1 educadora    | Graduanda em<br>História e Belas<br>Artes                     | Bolsa de estágio                 |

Fonte: Elaborado pela autora.

O perfil dos setores educativos das duas instituições confirma as pesquisas nacionais: a maioria dos educadores está em situação temporária, e apenas os coordenadores possuem uma condição de trabalho melhor.

Na Casa Kubitschek, a situação é bastante peculiar, pois a equipe educativa é a única equipe técnica da instituição. Além desta equipe, a CK possui 1 (uma) gestora, 1 (uma) responsável pela administração, 1 (uma) responsável aos finais de semana e feriados, 1 (uma) recepcionista, 2 (dois) funcionários da limpeza e portaria com funcionários rotativos. Portanto, além de atuar nos projetos específicos do educativo, os educadores também atuam nas outras frentes de trabalho, produzindo eventos, colaborando na manutenção, produzindo material para a exposição, desenvolvendo pesquisas, além de outras frentes. Até o presente momento, a Casa Kubitschek também possui apenas uma sala de trabalho para a equipe e não tem reserva técnica ou sala específica para o atendimento educativo. Está em fase final de restauração um anexo nos jardins que poderá suprir alguma destas deficiências. O atendimento escolar é responsabilidade tanto dos estagiários quanto dos educadores graduados e da coordenadora.

O MHAB possui setores técnicos diversificados com funcionários específicos, como os setores de pesquisa, processamento técnico, gestão, administração, conservação/restauração, pessoal para montagem e desmontagem de exposições, manutenção, portaria, vigilância, limpeza e o apoio da Guarda Municipal de Belo Horizonte, presente na área externa da instituição. O MHAB também possui uma boa estrutura, no prédio sede há 4 reservas técnicas climatizadas, salas para cada setor, auditório, sala de exposição e um café. No casarão, além da área utilizada para exposição, o educativo possui uma sala específica para desenvolver suas atividades. Hoje utilizada para o projeto chamado o “quartinho”, antes usado para cursos, oficinas e atendimento dos grupos agendados. O atendimento escolar é executado pelos estagiários, à coordenação cabe a formação dos bolsistas e o acompanhamento das atividades por meio do blog dos mediadores e reuniões de formação.

Retornamos, então, a outras questões levantadas pelo Grupo de trabalho do PNEM, responsável pela discussão do tema formação, qualificação e capacitação. Algumas demandas levantadas foram a necessidade de investir na formação, mas também de garantir a permanência com melhores salários, além de estabelecer diretrizes para que os museus não contratem apenas estagiários. As outras diretrizes seriam: reconhecer e consolidar o museu como espaço de produção do conhecimento; promover e financiar estágios técnicos interinstitucionais; “promover políticas públicas em âmbito federal, estadual e municipal, direcionadas às ações museais que garantam o fomento de ações de divulgação, valorização, preservação e difusão dos diferentes tipos de manifestações culturais, associando estas ações à sustentabilidade cultural, ambiental, econômica e social”.<sup>75</sup>

Outro documento importante para compreendermos aquilo que se entende como o papel educativo dos museus são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). No Brasil, grande parte do público dos museus são os escolares. Portanto, há uma demanda escolar intensa, acolhida pelos museus. Já apresentamos aqui algumas críticas à considerada “escolarização” dos museus. Mas, mesmo considerando a especificidade da educação museal, não é possível aos educadores de museus se furtarem de conhecer as demandas escolares.

Na nossa pesquisa de campo, os PCNs não foram citados explicitamente por nenhum dos educadores como referência, mas muitos deles citaram as dificuldades em conseguir atender a demanda escolar dependendo da exposição em cartaz. Mas, quando percebemos que o número de visitantes das escolas forma quase a totalidade dos atendimentos dos educadores dos museus, perguntamo-nos: como lidar com esta fronteira, entre os objetivos escolares e o

---

<sup>75</sup> IBRAM. Documento Preliminar do Programa Nacional de Museus, 2013.

alcance dos museus? Esta é uma das principais dificuldades apresentadas pelos educadores das duas instituições analisadas. No Museu Histórico Abílio Barreto, esta questão é mais sensível, pois as escolas buscam na instituição a discussão sobre a história da cidade, principalmente sobre suas origens, e encontram exposições temáticas (chamadas de monografias tridimensionais),<sup>76</sup> como as apresentadas ao longo desta pesquisa, uma tratando especificamente do teatro e a outra dos usos do espaço público.

Em sua pesquisa de doutorado, Sibelee Cazzelli, utilizando o conceito de capital cultural de Bourdieu, fez uma ampla pesquisa no Rio de Janeiro, aplicando mais de 2.220 questionários em 48 escolas públicas e particulares. A autora concluiu que no “contexto familiar, os resultados indicam que as diferentes formas do capital cultural, combinado com o capital social entrelaçado nas relações familiares, têm particular relevância no aumento das chances de acesso a museus.” Utilizando cruzamentos de dados, a autora demonstra que os jovens filhos de pais com nível superior e moradores de residências com maiores recursos educacionais e culturais têm maior probabilidade de frequentar museus. As crianças oriundas de escolas particulares tinham maior probabilidade de visitar museus com as famílias, ao passo que as crianças de escolas públicas dependiam das instituições de ensino para ter este acesso.<sup>77</sup> Este caso é significativo, pois a pesquisa trabalhou com dados coletados no Rio de Janeiro, cidade com mais de 115 instituições museológicas, muitas delas com acesso gratuito, portanto local bastante privilegiado no Brasil, onde quase 80% das cidades não possuem nenhum museu.<sup>78</sup>

Vários autores e pesquisas demonstram que os museus, mesmo os gratuitos, definem quem vai ou não entrar, a partir de um currículo oculto no qual, em alguns visitantes, é reforçado o sentimento de pertencimento, em outros, o de exclusão. A própria organização do espaço, prédios elegantes, seguranças na porta, cobrança por determinado comportamento representam que o museu é um espaço a ser frequentado por aqueles que já possuem os códigos de comportamento considerados adequados:<sup>79</sup>

---

<sup>76</sup> COSTA, Thiago Carlos; PIMENTEL, Thaís Veloso Cougo. Monografias tridimensionais: exposições de média e curta duração do Museu Histórico Abílio Barreto. In: JULIÃO, Letícia. Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus - curadorias, exposições e ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas. Gerais: Superintendência de Museus, 2008. p. 126.

<sup>77</sup> CAZELLI, Sibelee. Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações? 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. 260p.

<sup>78</sup> INSTITUTO Brasileiro de Museus. Guia dos Museus Brasileiros. IBRAM, Brasília, 2011. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_sudeste.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2015.

<sup>79</sup> BERNARDI, Andreia de Menezes. Mediação cultural e direito à memória: a mediação cultural como promotora do acesso aos museus. 2012. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Andreia73/mediao-cultural-e-direito-memria>>.

[...] a estatística revela que o acesso às obras culturais é privilégio da classe culta; no entanto, tal privilégio exhibe a aparência da legitimidade. Com efeito, são excluídos apenas aqueles que se excluem. Considerando que nada é mais acessível do que os museus e que os obstáculos econômicos – cuja ação é evidente em outras áreas – têm, aqui, pouca importância, parece que há motivos para invocar a desigualdade natural das ‘necessidades culturais’.<sup>80</sup>

Portanto, a escola ainda é responsável por favorecer o acesso de muitos estudantes de baixa renda. Conhecer os objetivos da escola, trabalhar com ela, compreender a importância da visita escolar ao museu como uma possibilidade de democratização cultural deve estar entre os principais compromissos dos educadores dos museus.

Bertelli investigou a relação entre os discursos escolares e os museus por meio do estudo de documentos oficiais e demonstra que nos PCNs os museus foram citados 27 vezes, sendo 14 na disciplina de História, 8 na de artes, 3 na de ciências naturais e 2 na de Geografia, 1 vez no volume Introdução, e considera que os museus aparecem nos documentos oficiais curriculares em um papel passivo.<sup>81</sup> Enfim, a atividade estaria no lado da escola que decide fazer a visita por questões próprias e o museu estaria no papel de receber a visita.

Examinamos os PCNs da disciplina História, pela relação direta com a temática dos museus pesquisados e por ser esta a que apresenta o maior número de citações da instituição. No tópico “Orientações e métodos didáticos”, uma das referências são as visitas a exposições, museus e sítios arqueológicos. O documento considera que as visitas são momentos lúdicos, permitindo o envolvimento com as vivências sociais mais amplas da sociedade. Considera que as visitas possibilitam contato direto com documentos históricos, incentivando os estudantes a construir suas próprias observações e sínteses históricas, destaca a possibilidade do estabelecimento do diálogo com outras “épocas e evidenciar a reconstrução do passado pelo presente”,<sup>82</sup> e a possibilidade de reconhecer que existiram outros modos de viver.

Os PCNs também tratam da importância de se discutir a “questão da seleção dos documentos, o que é considerado patrimônio histórico e sua relação com a memória”.

---

<sup>80</sup> BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alan. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Zouk, 2001. p. 69.

<sup>81</sup> BERTELLI, Mariana de Queiroz. Identidades, imagens e papéis museais nos discursos institucionais sobre a relação museu-escola. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. p. 67.

<sup>82</sup> BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais. História/terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC, 1998. p. 92.

Assim, será significativo reconhecer que os documentos deslocados dos seus espaços originais estão organizados segundo interpretação de estudiosos do que é importante lembrar, preservar, rememorar.<sup>83</sup>

Nesse sentido, os PCNs estão em consonância com os estudiosos da área que afirmam a necessidade de discutir a própria seleção do acervo exposta nos museus.

[...] é possível tornar evidente na visita educativa o quanto há de intriga no trabalho do museu sobre a memória social, oferecendo ao visitantes a oportunidade de aprender a usar o museu também compreendendo de que maneira ele funciona, como se organiza, que seleções realiza e que critérios utiliza para reunir ou separar objetos e narrativas.<sup>84</sup>

Ulpiano Bezerra de Menezes, analisando a preservação do patrimônio cultural, afirma que, como “os valores não estão previstos geneticamente, mas são criados, eles precisam ser explicitados, fundamentados e podem ser propostos, recusados, transformados – não impostos”.<sup>85</sup>

Enfim, apesar da necessidade de os museus afastarem-se das escolas em relação aos métodos, os PCNs demonstram que pode haver uma aproximação entre as instituições no sentido dos objetivos da visita aos museus. Portanto, as duas instituições, para além das suas especificidades, podem construir propostas comuns de trabalho que ajudem a garantir o direito do cidadão à cultura. O direito à cultura não é só o direito ao acesso à cultura com valores já previstos, mas também o direito à produção cultural. Por isso, neste trabalho, optamos por fazer uma pesquisa dos projetos educativos das instituições e uma pesquisa de campo dos atendimentos voltados às escolas.

## **2.3 Educação no MHAB: educação patrimonial ou educação para a sensibilidade**

O Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), criado em 1943, possui, desde a sua inauguração, propostas de atendimento voltadas ao público visitante, e, em 1993, no bojo de um processo de revitalização do MHAB, o setor educativo, também influenciado pelas metodologias que envolvessem as relações entre educação e patrimônio, criou o Programa de Educação Patrimonial do MHAB. A principal referência para a criação deste programa é o conceito de Educação para o Patrimônio formulado por Denise Grinspum:

---

<sup>83</sup> Idem.

<sup>84</sup> PEREIRA, Júnia Sales. Arbítrio e sensibilidade na aprendizagem histórica atravessada pelos museus. In: DALBEN, Ângela et al. (Org.). *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Coleção Didática e prática de ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 518.

<sup>85</sup> MENESES, Ulpiano. *O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas*.

[...] formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios da cultura material e imaterial com excelência e igualdade.<sup>86</sup>

Dentro deste programa, várias atividades foram planejadas para públicos diversos: Descobrindo o Museu, Encontro com o Museu, Visitas Técnicas, Capacitação de Funcionários, Oficinas Culturais, Exposição em Movimento, Álbum de Figurinhas, Almanaque, Objetos da Memória, Museu para Todos os Sentidos.

Este programa não está mais em vigor no MHAB, desde 2013. A saída da equipe que elaborou o projeto e o manteve em vigor por cerca de 20 (vinte) anos, formada principalmente por historiadores, e a entrada de sujeitos com outras graduações, pode ajudar a explicar a mudança. Mas algumas atividades, como o “Descobrindo o Museu”, destinado ao atendimento escolar, continuam a existir, mesmo que com outros princípios.

O Programa de Educação Patrimonial do MHAB que esteve em vigor por quase 20 anos considerava que o principal desafio da educação em museus históricos “era promover encontros significativos entre o público e as diversas culturas e temporalidades”.

Atualmente, o MHAB não possui um programa educativo com seus princípios escritos, mas no relatório de avaliação das ações de 2014 são apresentados 17 projetos e atividades desenvolvidas ao longo do ano. O documento afirma que o “setor educativo do Museu Histórico Abílio Barreto teve suas ações, ao longo de 2014, pautadas na expansão de suas relações com um público mais diverso e a cidade, bem como em firmar o atendimento prestado”.<sup>87</sup> Investigamos as notícias do Facebook de julho de 2014 a junho de 2015, em todas elas as hashtags presentes são arte-educação e acessibilidade, não há indicações relacionadas à educação e patrimônio ou educação patrimonial, como defendido pela equipe anterior.

Os projetos e ações desenvolvidos foram:

- “Descobrindo o Museu”, atividade para os estudantes que visitam o MHAB, este projeto foi o foco da nossa pesquisa de campo, iremos abordá-lo de forma específica adiante;
- “Memórias na cidade: narrativas em Belo Horizonte”, parceria desenvolvida com os Centros de Referências de Assistência Social (CRAS), no qual os educadores do

---

<sup>86</sup> GRINSPUM, Denise. Educação para o patrimônio: museu de arte e escola - responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000 apud ARAUJO, Vanessa Barboza; FERNANDES, Joanna Guimarães. Casarão do MHAB - Museu da cidade: caderno de visitação. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2010. p. 78.

<sup>87</sup> Avaliação das ações 2014- Setor Educativo. Arquivo institucional.

museu vão a comunidades específicas e estimulam os relatos das histórias individuais e o compartilhamento de fotografias, os depoimentos são coletados, contribuindo para “guardar a memória dos cidadãos e consequentemente construir, preservar e difundir a história não institucional da cidade de Belo Horizonte”,<sup>88</sup>

- “Caminhadas culturais: conversas na cidade” é uma parceria entre o Muquifu (Museu de Quilombos e Favelas Urbanas) e uma escola estadual, em que os alunos foram convidados a caminhar pela cidade em três roteiros distintos, procurando discutir o conceito de cidade, o patrimônio cultural urbano e o projeto de modernização republicano na época da construção de Belo Horizonte.

O atual programa educativo do MHAB, ao buscar desenvolver atividades extramuros parece procurar um dos princípios defendidos por Dominique Poulot: “[...] o museu da cidade pode apresentar análises recentes da história, da geografia e da sociologia urbanas; fornecer a imagem de uma idade de ouro perdida; ou ainda esboçar uma alternativa para o estado presente das coisas”.<sup>89</sup> Neste caso, um afastamento das propostas de busca de identidade para propor discussões sobre a dinâmica da cidade, seus conflitos, problemas e memórias diversas.

Outro projeto realizado em 2014, a oficina “Brincadeiras no arraial” também é característica da proposta da educação no MHAB. A oficina buscava aproximar os visitantes dos modos de brincar e fazer brinquedos, “apresentar jogos e brincadeiras que fizeram parte da construção da cidade e promover o diálogo das diversas transformações ocorridas no espaço urbano”.<sup>90</sup>

Os projetos educativos do MHAB parecem-nos fazer uma defesa ao direito à cidade, como abordado por Lefebvre, possibilitando que o Museu seja um espaço de troca e de lazer:

Mudariam a realidade se entrassem para a prática social: direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, à habitação, aos lazeres e à vida. Entre esses direitos em formação figura o direito à cidade (não à cidade arcaica, mas à vida urbana, à centralidade renovada, os locais de encontro e de trocas, aos ritmos da vida e ao emprego do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais, etc.). A proclamação e a realização da vida urbana como reino do uso (da troca e do encontro separados do valor de troca) [...].<sup>91</sup>

Na entrevista aberta realizada com as 2 (duas) coordenadoras do setor e uma educadora, elas afirmaram que o trabalho delas propunha pensar o museu para além da sua definição disciplinar. Em vez de definir o papel do educativo a partir do olhar do MHAB

<sup>88</sup> Avaliação das ações 2014- Setor Educativo. Arquivo institucional.

<sup>89</sup> POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 51.

<sup>90</sup> Avaliação das ações 2014- Setor Educativo. Arquivo institucional.

<sup>91</sup> LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001. p. 139.

como um museu histórico, propunham refletir sobre a apropriação e acessibilidade de um espaço cultural. Além disso, quando perguntadas sobre quais autores ou conceitos influenciavam o trabalho, as respostas principais foram Jacques Rancière e o filme Tarja Branca.

Jacques Rancière é um filósofo francês, participante do maio de 1968, cujos livros *O Espectador Emancipado* e *O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*<sup>92</sup> são respeitados na área da cultura. Suas propostas principais giram em torno da emancipação do espectador. Ele critica a proposta de transmissão de conhecimento, defende a igualdade de inteligências e considera que todo espectador também é um intérprete, por isso não há uma recepção passiva, todo espectador é também um ator.

O filme Tarja Branca<sup>93</sup> é um documentário brasileiro dirigido por Cacau Rohden e lançado em 2014. No filme, há uma defesa do brincar. Os depoimentos de educadores, documentaristas, brincantes, atores, coreógrafos, psicólogos, entre outros, apresentam o brincar como uma forma de organizar o mundo na linguagem do espontâneo, da plenitude e da liberdade. Consideram que nos processos educativos em geral há um corte do prazer e do impulso e que as atividades lúdicas predispõem as pessoas para muitas coisas.

A oficina “Brincadeiras do arraial” sintetiza estas influências nas propostas educativas, pois as brincadeiras não foram ensinadas por alguém. Pais e filhos construíram seus brinquedos. Além disso, não houve uma preocupação em tematizar as brincadeiras de acordo com a exposição, mas uma proposta de ocupação da área externa do Museu, possibilitando que o local fosse apropriado com propostas lúdicas.

As outras atividades realizadas aconteceram dentro de semanas festivas ou eventos. No Inverno no MHAB, ofertaram-se oficinas; na Primavera dos Museus, as oficinas bomba verde e hortas urbanas, um passeio de bicicleta e piquenique. Além de caminhada cultural: os jardins da cidade jardim e a apresentação de três filmes na programação do Cinema e a Cidade.

Alguns projetos de formação não específicos do MHAB, mas dos quais os educadores participaram foram as reuniões da Rede Informal de Museus e Centros Culturais (RIMC) e os grupos de Trabalho do Encontro Regional do PNEM (Programa Nacional de Educação Museal) e a organização do I Simpósio Internacional de Educação em Museus.

---

<sup>92</sup> RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. Lílían do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

<sup>93</sup> Tarja Branca: a revolução que faltava. Direção Cacau Rohden. Produção: Maria Farinha Filmes, 2014.

Há também participação do grupo de Curadoria Educativa dos seis equipamentos da Diretoria de Políticas Museológicas da Fundação Municipal de Cultura, incluindo também a Casa Kubitschek; participação no curso oferecido pela fundação Typa de Buenos Aires, chamado Laboratório Typa de Gestións Museos.

Projeto que destacamos é o de formação da equipe que consiste na preparação, “atualização dos mediadores e desenvolvimento das ações educativas, proporcionando o compartilhamento de materiais, textos, reflexões e experiências”.<sup>94</sup>

Para os educadores de museus, a formação em trabalho é bastante importante, considerando que ainda existem poucas disciplinas nas universidades que abordam o tema. É na reflexão, na ação que a formação acontece. O aprendizado inicial em educação de museus normalmente ocorre quando o profissional adentra a instituição. Na troca de experiências com os educadores mais antigos, os primeiros conhecimentos são adquiridos. Além das reuniões e grupos de estudo, criou-se o diário do mediador, no qual eles expressam de maneira livre a experiência do atendimento diário. Não tivemos acesso a relatos das visitas observadas, pois à época o notebook do setor estava com defeito, mas acessamos relatos de outras visitas com as mesmas escolas (ANEXO A). Outra estratégia de formação é a visita a outros museus, nestas visitas é possível observar e discutir as práticas de outros educadores que podem servir como referência para a equipe.

Como já vimos, o principal grupo visitante do MHAB é o escolar, ao longo de 2015 observamos visitas mediadas com as seguintes características:

**Quadro 2 - Observação de visita no Museu Histórico Abílio Barreto**

|          | <b>Grupo</b>     | <b>Mediador</b>                                          | <b>Idade dos alunos</b> | <b>Objetivos da visita</b>                                       |
|----------|------------------|----------------------------------------------------------|-------------------------|------------------------------------------------------------------|
| Visita 1 | Escola Municipal | 1 graduanda em História e 1 graduanda em Artes Plásticas | 13/14 anos              | Circuito de Museus: conhecer para valorizar, se apropriar e amar |
| Visita 2 | Escola Municipal | 1 graduanda em História                                  | 14/15 anos              | Circuito de Museus: conhecer para valorizar, se apropriar e amar |
| Visita 3 | Escola Municipal | 1 graduanda em História e 1 graduanda em                 | 10 anos                 | Estudo da paisagem                                               |

<sup>94</sup> Avaliação das ações 2014- Setor Educativo. Arquivo institucional.

|          |                   |                                |        |                              |
|----------|-------------------|--------------------------------|--------|------------------------------|
|          |                   | Museologia                     |        |                              |
| Visita 4 | Escola particular | 1 graduando em Artes Plásticas | 9 anos | Estudo da história da cidade |

Fonte: Elaborado pela autora.

O Circuito de Museus é um projeto da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (SMED) que consiste na visitação de um mesmo grupo de alunos em 3 (três) museus diferentes ao longo do ano. Os professores apresentam projetos para a SMED, que os seleciona. Cada grupo percorre três museus de Belo Horizonte agrupados em temáticas diferentes: circuito artístico, circuito história das mulheres, circuito galeria, circuito ciência e tecnologia, circuito histórico e circuito território negro. O Museu Histórico Abílio Barreto está incluído no Circuito Histórico junto ao Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e o Memorial Minas Gerais Vale. Os grupos que participam deste projeto da Secretaria de Educação são diferenciados em relação a outros, pois têm a capacidade de fazer uma leitura comparativa entre as diversas instituições, na maior parte das vezes já sabem o tipo de comportamento esperado em uma visita. Os setores educativos dos museus participantes também são convidados a participar de reuniões nas quais apresentam suas instituições e propostas de trabalho. Por isso, estes alunos chegam aos museus com um conhecimento prévio.

Nas 4 (quatro) visitas mediadas observadas no MHAB, no acolhimento, o educador responsável iniciou dando as boas-vindas e explicando que ele não era um guia, mas um mediador. A primeira pergunta lançada ao grupo era: Vocês sabem o que é um mediador? As respostas mais comuns observadas: recebe os visitantes; mostra o museu; apresenta coisas do passado que não podemos ver mais; investiga sobre a história e depois conta sobre o museu. As respostas dos estudantes demonstram conhecimento prévio.

As duas explicações diferentes dos educadores sobre qual é a função dos mediadores foram: alguém que tenta aproximar o que o museu tem a oferecer daquilo que os visitantes têm a oferecer, ou mediador é uma pessoa que está entre o museu e o visitante.

Os nomes dos trabalhadores de museus, responsáveis por receber o público são muitos, mediadores, guias, educadores e monitores são alguns deles. Atualmente, mediadores e educadores são usados com frequência nos museus que possuem equipe educativa.

A mediação pode ser compreendida com uma atividade que busca, por meio de saberes reflexivos e críticos, engajar o público.<sup>95</sup> Mediação pretende partir mais da problemática sociocultural atual do que das disciplinas do conhecimento.<sup>96</sup>

O termo mediação é constantemente discutido nas áreas relacionadas à comunicação. Na área educativa, um difusor do papel do professor como mediador foi Vigotsky:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato dele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento de crianças.<sup>97</sup>

Vigotsky considera o papel do educador como um colaborador mais capaz auxiliando o educando a alcançar a zona de desenvolvimento potencial.

Teixeira Coelho define a mediação cultural como processos de diferentes naturezas cuja meta é promover a aproximação entre indivíduo e coletividades e obras de arte e cultura.<sup>98</sup> Esta definição está bem próxima da considerada pelos educadores do MHAB, a mediação como fator de aproximação.

Nos museus, as estratégias de mediação são inúmeras, sendo a mais específica a própria exposição. Outras são textos de parede, as publicações, principalmente aquelas em formas de guias, equipamentos eletrônicos, propostas de interatividade e os mediadores propriamente ditos. Nos museus históricos, uma categoria de mediação, no sentido de aproximar o público da temática, são os chamados living history, muito comuns em museus norte-americanos.<sup>99</sup>

Os living history não fazem parte das propostas apresentadas nas exposições e dos serviços educativos das instituições analisadas e costumam ser questionados por ter um papel

---

<sup>95</sup> HONORATO, Cayo. A formação de mediadores e um currículo da mediação. Encontro ANPAP, 2013. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/eav/Cayo%20Honorato.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2015.

<sup>96</sup> Palestra de Cayo Honorato no Museu Mineiro em 02 de março de 2015, com o título Mediação: Diálogos Expandidos em Educação.

<sup>97</sup> VIGOTSKY, Lev Semenovich. A construção do pensamento e da Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

<sup>98</sup> TEIXEIRA COELHO. Dicionário Crítico de política cultural. 2. ed. São Paulo: FAPESP/Iluminuras, 1999. Verbete Mediação Cultural. p. 248.

<sup>99</sup> Os living history são encenações nos espaços museais, vilas, pequenas cidades e áreas patrimonializadas com objetivos educacionais, que buscam mostrar a vida no passado exatamente como era, promovendo atividades interativas que permitam aos visitantes “entrar na história”.

mais sedutor do que educativo, além disso, a mediação empregada como fator de aproximação pode ser problemática, especialmente quando, no afã de estabelecer a ponte entre obra e público, incorre em estratégias simplificadoras, trai exatamente aquilo que se pretende defende.<sup>100</sup>

Portanto, o trabalho do mediador não é simples, pois ele tem que manter um equilíbrio na hora de buscar estabelecer a relação entre o público e os museus, para não cair naquilo que Bensaude detecta como um papel autoritário. Esse autor, ao tratar da relação entre o conhecimento científico e o público, afirma que os mediadores foram chamados para aproximar a ciência do público, desta maneira há um reforço da imagem dos entendidos, como se uma terceira pessoa (mediador) aparecesse para salvar os ignorantes, os não entendidos.<sup>101</sup>

Mas também não cair pelo lado da simplificação, pois o museu deve “conservar elementos do passado e, ao mesmo tempo, conferir-lhe consciência, ou seja, construir uma narrativa, sem reduzir seus visitantes ao silêncio, tampouco ceder aos perigos de uma representação demasiado empática que suscita resposta de cunho afetivo”.<sup>102</sup>

Nas visitas observadas no MHAB, após a explicação sobre o papel do mediador e a proposta de fazer uma visita mais livre e menos conduzida, os mediadores partiam para uma brincadeira como uma proposta para que os alunos se apresentassem. Em uma delas, foram entregues aos alunos alguns cartões com perguntas pessoais, tais como idade, sexo, nome, o que gostam de comer, principal qualidade, para qual time torciam. Cada aluno, neste caso, adolescentes, respondia uma das perguntas em voz alta. Ao final, a educadora promoveu uma síntese, construindo apenas 1 (um) sujeito a partir das respostas. Utilizou-se esta estratégia para os alunos refletirem sobre as identidades de Belo Horizonte, o argumento central era da impossibilidade da construção desta identidade única e que o Museu da cidade também apresentava uma das interpretações possíveis.

Posteriormente, houve a proposta de se fazer uma pequena representação com os alunos sobre a mudança da capital de Minas. Os personagens eram Aarão Reis e grupos de moradores das cidades estudadas para a construção da Cidade de Minas: Arraial do Belo

---

<sup>100</sup> MARTINS, Mirian Celeste; PSICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 135. Neste trecho do livro, as autoras citam falas pinçadas do evento Mediando [com]tatos com arte e cultura que aconteceu no SESC Pinheiro em 2007. As autoras não citam os nomes dos autores das falas, mas apenas as iniciais dos nomes, neste caso AF.

<sup>101</sup> BENSAUDE, Vincent Bernadett. A genealogy of the increasing gap between science and the public. *Public Understans. Sci.*, 10, p. 99-113, 2001.

<sup>102</sup> POULOT, Dominique. *Museu e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 44.

Horizonte, Várzea do Marçal, Juiz de Fora e Barbacena. Além de um grupo representando Ouro Preto, a então capital do estado. Outro tema discutido ainda na área externa, a partir da observação de reproduções de imagens do acervo do MHAB, foi a seleção e transformação daquela casa específica em museu, os critérios para seu tombamento. A visita iniciou-se às 9:00h e os alunos entraram na exposição à 10h40min, onde ficaram por 20 minutos. A temática específica da exposição não foi abordada pela educadora.

Nesta visita, houve a clareza das dificuldades enfrentadas pelos educadores. Responsáveis pela mediação entre público e museus, eles têm seu trabalho dificultado quando a demanda dos grupos agendados não encontra respaldo na exposição em cartaz. Neste caso específico, o objetivo explícito no agendamento da escola era que os alunos discutissem a história de Belo Horizonte e os patrimônios da cidade com o intuito de “conhecer para preservar e amar”. A mediadora então buscou elementos externos à exposição, mas existentes no acervo do museu, como fotos, mapas e os objetos de grande porte, como o próprio Casarão, para possibilitar a discussão.

Os curadores dos museus normalmente convidam os educadores para conhecer a exposição já pronta, consideram que estes sujeitos têm um papel de tradutores, os educadores então teriam o papel de transformar o “saber sábio” dos especialistas em “saber popular” para os não especialistas. “Sendo vistos e se vendo como tradutores, mediadores, do saber do especialista para o saber do leigo, os educadores ficaram sempre na posição subalterna de receber o conhecimento para traduzi-lo para o público.”<sup>103</sup> Por isso, muitas vezes os educadores, que normalmente conhecem o público do museu e suas demandas, não são convidados a participar das propostas expositivas, criando um afastamento entre o museu e seu público, a função da mediação seria então resolver estas questões promovendo a aproximação.

Cayo Honorato relata que, em um curso de formação de mediadores ministrado por ele, um educador lançou a pergunta: Por que os mediadores deveriam atender a demanda do público como se fossem clientes?<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> MARTINS, Luciana Conrado. A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011, p. 39.

<sup>104</sup> HONORATO, Cayo. A formação de mediadores e um currículo da mediação. Encontro ANPAP, 2013. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/eav/Cayo%20Honorato.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2015. p. 1057.

A realidade dos museus é bastante complexa. Estando hoje na lógica de mercado, os educativos dos museus são chamados não só para promover a chamada democratização cultural e discutir as exposições, mas também para acrescentar números às estatísticas.

Os museus precisam de um número grande de visitantes para garantirem a aprovação em editais de leis de incentivo e patrocínios empresariais. Hoje, muitos deles, têm setores específicos para a produção de projetos e Associações de Amigos, que, além de garantirem a presença da sociedade civil, também possibilitam a captação de recursos. Uma das tarefas executadas pelos coordenadores dos educativos é exatamente escrever projetos para a concorrência em editais. Esta foi outra capacitação que ganhei como educadora de museus, escrever projetos, organizar planilhas de custos, calcular impostos, administrar os recursos financeiros e prestar contas. Nesta entrada dos museus no mercado, como garantir que os visitantes não se tornem clientes que sempre têm razão?

Ulpiano Bezerra condena esta ideia de atendimento ao cliente ao considerar que o museu não pode ser um “almoxarifado de significantes disponíveis para os significados escolhidos, self-service pelos usuários, sem qualquer mediação.”<sup>105</sup> Museu continuará justificando sua existência pela necessidade de dar conta da apreensão sensorial, empírica, corporal, exigida pelo universo da cultura material”.<sup>106</sup>

Percebemos, aqui, a necessidade tanto da participação dos educadores nas etapas decisórias sobre as exposições quanto também do conhecimento deles sobre o público dos museus. Um aprofundamento dos estudos sobre as exposições, pois, somente com esta segurança de conhecer bem o seu local de trabalho, o público e a exposição, poderão realmente construir uma relação com os visitantes, sem cair no autoritarismo ou na simplificação.

Em outra visita observada, o educador, também viveu o mesmo problema, o objetivo da escola era conhecer a “História de BH”. Após o acolhimento, no qual o educador explicou que o seu papel como mediador era abrir um diálogo entre os visitantes e os museus, fez-se a opção de uma leitura linear da história de Belo Horizonte, a partir de alguns objetos expostos. Observou-se primeiramente a maquete do Arraial do Curral Del Rei, exposta na porta da biblioteca, depois, observaram um mapa atual de BH para tratar do plano da cidade elaborado por Aarão Reis. Posteriormente, seguiram a exposição dos meios de transporte na área externa de maneira cronológica: carro de boi, maria-fumaça, elevador e bonde. Em todas as paradas, o

---

<sup>105</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, jan./dez. 1994, p. 9-42. p. 13.

<sup>106</sup> *Ibidem*, p. 14.

educador primeiro esperou os alunos observarem, entender o funcionamento, para depois contextualizar o uso daquele meio de transporte específico em determinado momento da cidade.

Após este percurso, que atendeu a demanda da escola, o educador entrou na exposição do Casarão, a cada cômodo percorrido, estabelecia uma relação entre a sociabilidade no espaço da cidade, tema da exposição e os usos da casa quando ainda funcionava como sede de uma fazenda. Por fim, propôs aos alunos a elaboração de um desenho no qual fizessem um planejamento para Belo Horizonte hoje, a partir do conhecimento do plano original de Aarão Reis.

A mediação, nesta visita específica, conseguiu acolher os objetivos escolares e, ao mesmo tempo, abordar as especificidades da exposição, além de utilizar o tempo de contato do mediador com o público na abordagem do acervo exposto.

Marília Xavier Cury identifica algumas fragilidades educacionais nos setores educativos dos museus, entre elas a síndrome do Centro Cultural, são atividades propostas que não têm relação com os museus ou a exposição, cita algumas atividades como palavra-cruzada, jogo da memória, folha para colorir, e considera estas propostas uma fuga da especificidade da educação museal; outro problema ela chama de síndrome do conhecimento prévio, o grupo passa preciosos minutos tendo uma aula oral antes de conhecer a exposição.

A participação do público no museu não pode depender de seu capital cultural primordialmente, ou seja, este modelo fundado no conhecimento prévio ignora que há outros saberes e outras formas de participação baseados em outros códigos culturais.<sup>107</sup>

Nos museus pesquisados, percebemos uma recontextualização dos conhecimentos produzidos e apresentados nas exposições. Algumas vezes por causa dos objetivos das escolas visitantes, outras por determinados interesses dos alunos e educadores. Em uma das visitas acompanhadas, os alunos adolescentes, já no momento do lanche, enquanto esperavam o transporte na área externa do Museu, começaram a comentar baixinho um poema de Carlos Drummond que compõe a exposição cujo título é “A Puta”.<sup>108</sup> O poema despertou interesse em todas as visitas escolares, mas nesta, em particular, os adolescentes ficaram

<sup>107</sup> CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. Ensino em Revista, v. 20, n. 1, p. 13-28, jan./jun. 2013. p. 16.

<sup>108</sup> “A puta Quero conhecer a puta/A puta da cidade. A única./A fornecedora./Na Rua de Baixo/onde é proibido passar.Onde o ar é vidro ardendo/e labaredas torram a língua/de quem disser: Eu quero a puta/quero a puta quero a puta.Ela arreganha dentes largos/de longe. Na mata do cabelo/se abre toda, chupante/boca de mina amanteigada/quente. A puta quente .É preciso crescer/esta noite a noite inteira sem parar/de crescer e querer/a puta que não sabe/o gosto do desejo do menino/o gosto menino/que nem o menino/a puta”.

impressionados. Na exposição, o texto estava sendo proposto na área do trabalho no espaço público, portanto a mediadora poderia usar o interesse dos alunos para discutir a diversidade de atividades desenvolvidas na rua. Mas ela escolheu discutir o machismo, a partir do problema, e a alcunha normalmente dada às meninas, a puta, e aos meninos, o garanhão. Ela escolheu discutir algo presente na vida daqueles educandos e a grande participação dos adolescentes no diálogo fez-nos perceber que o machismo é um foco de interesse.

Na visita a museus, é importante que exista um tempo de contemplação, no qual nenhuma atividade programada ou diálogo com o educador exista. Este é o tempo da descoberta dos visitantes, no qual eles próprios poderão perceber os objetos, aquilo que chama a atenção, estabelecer conexões próprias com algo já conhecido, surpreender-se com o diferente. O tempo do lanche nas excursões escolares costuma ser este momento de se apropriar daquilo que foi visto.

Nesta mesma visita, antes de entrar na exposição, a educadora sugeriu que eles observassem a exposição e também a própria casa. A vista à exposição foi livre e os alunos percorreram as salas em pequenos grupos. Ao final, foram feitas algumas perguntas:

Educadora - O que vocês reconheceram como pertencentes à Casa ou ao Museu?

Estudante 1 - Da casa é a escada, janela e parede.

Estudante 2 - O extintor é do museu.

Com esta pergunta, a educadora demonstrou aos alunos algumas adaptações sofridas pelo imóvel, edificado para ser residência, para o seu uso como museu.

Educadora - *Qual é o tema da exposição “O Museu e a cidade sem fim”?*

Estudante 1 - Cultura.

Educadora - Várias formas de estar na cidade.

Na segunda pergunta, a educadora não conseguiu nenhuma resposta mais específica. Por isso, ela explicou que a exposição trata das várias formas de estar na cidade e das diferentes relações que os sujeitos estabelecem com o espaço público. Percebemos que a visita livre à exposição não permitiu aos alunos compreendê-la, a expografia era difícil até para os alunos de 8º ano. Há neste caso um desconhecimento dos curadores do público do museu. Em uma instituição, cujo principal grupo visitante são escolares com cerca de 9 (nove)

anos, como se construiu uma expografia não compreensível para adolescentes de 14 (quatorze) anos?

Em outra visita observada, com crianças, após o acolhimento, a educadora disse que ela seria ao longo da visita uma mediadora. E perguntou:

Educadora - Vocês sabem o que faz um mediador?

Estudante 1 - Recebe os visitantes.

Estudante 2 - Mostra o museu.

Estudante 3 - Mediadora é um tipo de escultura.

Estudante 4 - Investiga sobre a história e depois conta sobre o museu.

Educadora - Mediadora é uma pessoa que está entre o museu e o visitante.

Percebemos que, com exceção do estudante 3, todos os outros perceberam a função a ser exercida por uma pessoa que as recebe no museu. Ao conversar com a professora responsável, descobrimos que aquele grupo já possuía o hábito de visita, por isso estava familiarizado com os papéis exercidos pelos educadores.

Após apresentar a função do mediador, a educadora explicou que o museu tratava da história de Belo Horizonte e lançou a pergunta: quando a história acabou? Os alunos responderam datas diversas, apenas 1 (um) respondeu que a história não acabou.

O objetivo desta escola na visita era tratar da paisagem. Quando perguntados o que era paisagem natural e o que era paisagem cultural, as respostas mostravam ser este um assunto em estudo na escola, pois eles responderam que paisagem natural era aquilo feito pela natureza e paisagem cultural o que era feito pelos homens, e até disseram que existe a mistura dos dois, brincaram criando novos nomes “paisagem cultunal” ou paisagem “nacultural”. Procurando encontrar uma maneira de tratar as diferenças na paisagem da cidade em Belo Horizonte ao longo dos anos e a forma de agir dos moradores nestas diferentes paisagens, optou-se por uma brincadeira na entrada do casarão.

O local possui uma parte gramada e outra cimentada. Na parte gramada, os alunos brincaram de andar como se estivessem no campo, tirar o leite da vaca, pegar os ovos da galinha e deitaram para dormir após um dia de trabalho.

No cimento eles representaram papéis na cidade, comportaram-se em silêncio na igreja, quando chegaram à escola começaram uma gritaria, na praça brincaram, no shopping fugiram do segurança. É importante destacar que esta é uma escola municipal da zona norte

de Belo Horizonte e quando instigados a representar o comportamento no shopping eles não escolheram fazer compras, lanchar ou ir ao cinema. Neste grupo, de crianças com idades variando de 09 (nove) a 11 (onze) anos, a primeira fala foi “o segurança me pegou” e vários representaram uma fuga do segurança. Na representação do ônibus, nenhum deles sentou-se, todos esticaram as mãos para andar em pé. A proposta do teatro trouxe algumas interações, possibilitando entendermos as vivências destas crianças na cidade.

Os alunos então visitaram a exposição e, em todas as salas, a mediadora procurou mostrar os quadros e as fotos, para tratar da paisagem urbana. Ao final da visita, os estudantes reuniram-se na varanda e a educadora perguntou o que eles viram e qual relação daquilo que viram com a história. E, na última pergunta – Será que algo da sua família poderia estar aqui? A resposta de todos foi não. Um dos alunos explicou que se todo mundo trouxesse algo seriam milhões de documentos. Surpreendente esta resposta em uma exposição que apresenta imagens de vendedores ambulantes, pessoas brincando no parque, fotos de anônimos, banco de engraxate, uniforme de carteiro, enfim, uma mostra com objetos do cotidiano. A exposição não conseguiu demonstrar aos alunos as possibilidades de relação entre as suas histórias particulares e a história da cidade.

José Reginaldo Gonçalves considera que existem dois tipos de museus, o museu-narrativa e o museu-informação. Afirmar que atualmente há um declínio da narrativa, pois existe um declínio da nossa capacidade de trocar as experiências, fonte a que recorrem os narradores. Considera também que na narrativa há uma ausência de explicação, por isso existe o intercâmbio de experiências.

A narrativa, na condição de modalidade específica de comunicação humana, floresce num contexto marcado pelas relações pessoais. O narrador é aquele que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo e no espaço.<sup>109</sup>

Os museus-informação não estariam baseados na troca de experiências, onde não há relações interpessoais, as informações chegam com explicações, reduzindo o papel da interpretação, presente na narrativa. O visitante neste museu procura adquirir informações o mais rápido possível. Gonçalves considera que a relação sensível com o objeto é o aspecto original do museu, e sugere uma relação para o museu que seria de um meio caminho entre o museu-informação e o museu-narrativa.

---

<sup>109</sup> GONÇALVES, José Reginaldo. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 172.

Outro autor que nos fala sobre a experiência em um texto bastante divulgado entre educadores de museus é Larrosa, que aborda a necessidade de vivermos experiências e considera que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.<sup>110</sup>

Os dois autores lidam com a experiência em campos distintos, Gonçalves acha possível haver a troca de experiências nas relações interpessoais, Larrosa considera a experiência algo individual, aquilo que nos acontece, mas ambos defendem a necessidade de uma experiência. Na visita relatada, na qual os alunos não conseguiram enxergar a possibilidade de suas próprias histórias no museu da cidade na qual vivem, parece-nos que a exposição não conseguiu suscitar esta troca de experiências.

Na observação das visitas mediadas do MHAB, percebemos um exercício dos educadores para acomodar os objetivos das escolas visitantes na observação das exposições em cartaz. Eles utilizam estratégias como atividades lúdicas na discussão de conceitos, trazem imagens do acervo do MHAB que não estão expostas, mas que contribuem para a compreensão da cidade e utilizam como referência para suas atividades, principalmente, as teorias de Jacques Rancière e as ideias apresentadas no filme Tarja Branca.

Para refletirmos sobre a atuação dos educadores de museus e perceber se é possível extrairmos princípios comungados entre estes profissionais, observamos também visitas em outra instituição, a Casa Kubitschek (CK). Inicialmente, também utilizamos os projetos escritos como princípio da atuação pelo setor educativo e posteriormente observamos quatro visitas mediadas com o público escolar.

## **2.4 Projetos e práticas educativas na CK: democratização do acesso à cultura e aprendizagem histórica**

Ao longo da pesquisa na CK, houve mudança na coordenação do setor educativo. A CK possui dois programas educativos diferentes, o primeiro, com o nome Casa Kubitschek: educativo, escrito por membro externo à instituição, quando o museu ainda não havia sido

---

<sup>110</sup> LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. p. 23.

inaugurado, e o segundo elaborado pela equipe educativa da instituição, denominado “Programa Educativo CK: educação para o patrimônio”. As propostas, bastante diversas entre si, estiveram em evidência de acordo com a coordenação do setor no momento.

A primeira delas defende as seguintes temáticas para a abordagem da exposição: Juscelino Kubitschek, arquitetura, paisagismo, as biografias dos personagens importantes da casa, a história da dinâmica urbana. Além destas temáticas, aborda a necessidade da inclusão de públicos com necessidade especial e explicita ações possíveis. Propõe uma mediação centrada no acolhimento, aconchego e identidade. Estimula a proposta de adentrar em uma casa, propondo sons, cheiros e imagens que criem um imaginário mental de hábitos e costumes de época. Aposta também no “resgate da memória” para o público de terceira idade,<sup>111</sup> numa mediação que permita que os objetos contem as histórias daquilo que vale a pena ser lembrado.

A outra proposta, “Programa Educativo CK: educação para o patrimônio”, define que suas ações educativas consistem em atividades de mediação entre o sujeito e o bem cultural.<sup>112</sup> Os objetivos são: propiciar aprendizagens cognitivas, estéticas e sociais por meio dos objetos; estimular o olhar investigativo sobre os objetos e a história; formar público apto a se apropriar do patrimônio cultural; responder com eficiência à demanda de visitação escolar aos espaços culturais. Propõe que o eixo condutor deve ser o diálogo entre o público e o mediador.

Nas duas entrevistas abertas que fizemos com as duas coordenadoras em separado, observamos que uma delas defende a primeira proposta, sendo o fio condutor das ações a democratização dos espaços culturais. A outra coordenadora defende as especificidades do museu, a contribuição da instituição para o conhecimento histórico dos visitantes, sendo as principais referências conceituais utilizadas a educação museal de Martha Marandino, a proposta de objeto gerador de Francico Régis Lopes e a educação para o patrimônio de Denise Grinspum. Apesar de as duas coordenadas terem a graduação na mesma área, História, a experiência de ambas é diferente, a primeira com uma trajetória em centros culturais e a segunda seguindo, desde a época de estagiária, em museus históricos. Talvez a experiência distinta explique as propostas educativas diferentes na mesma instituição.

---

<sup>111</sup> Casa Kubitschek- educativo. Arquivo Institucional.

<sup>112</sup> Programa educativo: educação para o patrimônio, maio de 2013. Mimeo. Arquivo Institucional da Casa Kubitschek.

Francisco Régis Lopes é um historiador que esteve à frente do Museu do Ceará. Ele afirma que qualquer exposição é sempre uma leitura possível, mas não um conhecimento acabado para o qual simplesmente se solicita a adesão do visitante. E que a

Educação museal passa necessariamente pela capacidade progressiva de instrumentalizar o público para a decifração dos códigos propostos; do contrário, o monitor vira acessório permanente e corre-se o risco de pleitear mediações indispensáveis. Assim como a conquista da leitura se faz ao dispensar a figura alheia que lia para nós, a exposição também mostra sua eficiência ao criar formas de comunicação e dispositivos de reflexão sem tutela.<sup>113</sup>

Inspirado na metodologia das palavras geradoras de Paulo Freire, o autor propõe a seleção de objetos significativos nas exposições para fazer uma leitura do mundo.

Martha Marandino tem suas pesquisas voltadas principalmente para os museus de ciência, mas estabelece algumas definições para a educação de museu. Considera que “a exposição e as relações dela com o público configuram, desse modo, a base do sistema didático museal, sendo a matéria-prima a partir da qual os educadores de museu se apóiam ao planejar grande parte de suas ações.”<sup>114</sup> Segundo a autora, os três eixos de relação do sistema didático museal são: a exposição, o mediador e o visitante.

Percebemos que a relação entre estes dois autores citados é a centralidade da educação museal na interpretação dos objetos nas exposições.

Nas leituras dos documentos dos educativos e nas entrevistas abertas percebemos uma diversidade de propostas e princípios defendidos pelos educadores dos museus, mas será que, dentro desta diversidade, não existe alguma relação comum, que poderíamos chamar de “educação museal”?

Refletindo sobre estas questões é que decidimos observar as visitas mediadas, principal atividade dos setores educativos, procurando identificar se, na atuação, conseguimos encontrar este ponto comum. Inicialmente, podemos identificar o princípio da mediação e da dialogia em todas as propostas.

Abordaremos agora as visitas observadas na Casa Kubitschek. Como dito anteriormente, o público escolar não é o principal grupo de visitantes, a instituição recebe mais público espontâneo, principalmente adulto. Mas não há um tipo de mediação específica para este grupo, apenas o Guia de Visitação da Casa Kubitschek.

---

<sup>113</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004. p. 26.

<sup>114</sup> MARANDINO, Martha. Por uma didática museal: propondo bases sociológicas e epistemológicas para análise da educação em museus. Tese (Livre Docência), Universidade de São Paulo, 2011, p. 106.

O Guia de Visitação da Casa Kubitschek foi criado para ser usado pelo público ao longo da visita à instituição. Ele é um pequeno livreto dividido em três partes, que acompanham a própria subdivisão da casa – setor íntimo, setor social e setor de serviço. Cada um dos setores é apresentado de maneira geral e, posteriormente, cada cômodo da casa tem sua própria página com fotos e explicações sobre o mobiliário, principalmente descrevendo o material do qual é feito e os nomes dos designers responsáveis por sua criação. A proposta é que, munido do guia, o visitante possa percorrer a CK sozinho e compreendê-la utilizando a publicação.

O design gráfico da publicação é inspirado nos anos 1950, com o objetivo de estabelecer um diálogo com a própria arquitetura da Casa.

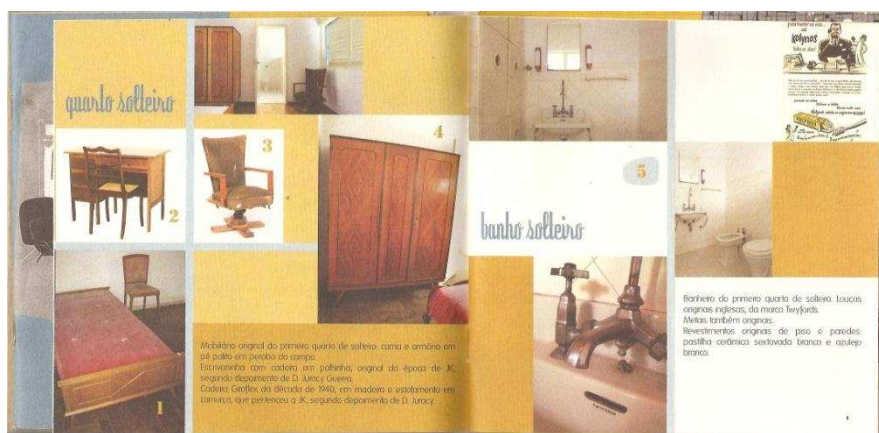


Imagem 14 - Parte interna do Guia de visitação da Casa Kubitschek.<sup>115</sup>

Carina Martins analisou diversos guias de museus históricos brasileiros e considera que a palavra Guia, utilizada em vários materiais de museus, reforça o sentido disciplinador dos museus em relação aos seus públicos, no sentido de orientar e conformar padrões de comportamento.<sup>116</sup> Outro ponto importante é que os guias analisados por ela não possuem bibliografia, portanto os textos são uma escrita legitimada pela própria instituição que os publica.<sup>117</sup> O Guia da CK segue a mesma lógica das publicações analisadas por Martins, ele é prescritivo, apresenta uma seleção daquilo que deveríamos olhar em cada cômodo, quais móveis são mais importantes e quais as questões fundamentais em cada setor. Além disto, esta

<sup>115</sup> Guia de Visitação da Casa Kubitschek. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2014.

<sup>116</sup> COSTA, Carina Martins. Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio. Tese (Doutorado) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011; COSTA, Janice Pereira. Ensinando a ser cidadão: memória nacional, história e poder no Museu da Inconfidência, 1938-1990. Dissertação (Mestrado em História), Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005, p. 158.

<sup>117</sup> Ibidem, p. 161.

publicação não tem nenhuma atividade, perguntas geradoras<sup>118</sup> ou proposta que possibilite a conversa entre os objetos da exposição e outras referências externas.

Na primeira página do guia lê-se este guia vai ajudá-lo a visitar a antiga residência de final de semana de Juscelino Kubitschek e posterior residência da família Guerra, levando-o a conhecer a forma de viver do homem moderno belo-horizontino nos anos 1940, 1959, 1960.<sup>119</sup>

Ao contrário do Guia, a observação das visitas escolares na Casa mostra uma perspectiva diferente, os educadores estabelecem uma visita bastante dialógica, centrada na observação livre da exposição para posterior discussão. Nas 4 (quatro) visitas, os educadores receberam o grupo no jardim, fizeram uma introdução sobre o comportamento esperado, explicaram aos alunos que eles iriam fazer visitas em duas exposições com temáticas diferentes.

**Quadro 3– Observação de visitas na Casa Kubitschek**

| <b>Característica do grupo</b> | <b>Mediador</b>          | <b>Idade dos alunos</b> | <b>Objetivos da escola</b>                                |
|--------------------------------|--------------------------|-------------------------|-----------------------------------------------------------|
| Visita 1<br>Escola Municipal   | Estudante de arquitetura | 12 a 15 anos            | Conhecer a história da Pampulha                           |
| Visita 2<br>Escola Municipal   | Historiador              | 8 a 9 anos              | Trabalhar a geometria do espaço.                          |
| Visita 3<br>Escola Municipal   | Mestranda em História    | 8 a 9 anos              | Conhecer a história, a arquitetura e a arte da Casa de JK |
| Visita 4<br>Escola Municipal   | Graduando em História    | 8 e 9 anos              | -                                                         |

Fonte: Elaborado pela autora.

As visitas à Casa Kubitschek das escolas municipais fazem parte de um projeto da Secretaria Municipal de Belo Horizonte denominado aulas-passeio. “O projeto promove a visitação a espaços culturais, áreas de preservação ambiental, grutas, clubes etc., ampliando as chances de apropriação da cidade e produção de aprendizagens cognitivas, sociais e sensíveis”.<sup>120</sup>

<sup>118</sup> Expressão adaptada da ideia de objeto gerador proposta por Francisco Regis no livro RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

<sup>119</sup> Guia de visitação da Casa Kubitschek. Fundação Municipal de Cultura, 2013. [s.p.].

<sup>120</sup> Disponível em: <[http://teiaufmg.com.br/seminarioobeduc/files/livreto\\_programacao.pdf](http://teiaufmg.com.br/seminarioobeduc/files/livreto_programacao.pdf)>.

Quando possível, todos os educadores optaram por iniciar a visita pela exposição Pampulha: Território da Modernidade. Esta exposição, localizada na garagem, permite uma contextualização do momento de construção da Casa. A mostra não possui objetos ou documentos originais, apenas reproduções de acervos institucionais e particulares, dividida em duas partes, Pampulha Nova, logo na entrada e de cor azul, e Pampulha Velha, nos fundos, de cor marrom. Os educadores permitiram uma visita livre e, quando os estudantes começavam a demonstrar a finalização da observação, eram convidados a assentar em círculo no chão na área da Pampulha Velha. O educador também se sentava fazendo parte da roda dos alunos, estimulando os alunos a fazerem perguntas e a responderem algumas questões. Algumas mais simples, tais como: o que vocês viram de mais legal? Quais as cores da exposição? Até perguntas mais complexas:

Educador - Onde fica atualmente a Pampulha Velha?

Estudante 1 - Onde a Lagoa é mais fedida.

O estudante associou aquilo que era velho ao cheiro ruim proveniente da poluição da água da Lagoa da Pampulha, uma suposição é que as cores da exposição, azul (cor que frequentemente vemos relacionada à limpeza) para a chamada Pampulha Nova e marrom para a Pampulha Velha, tenha estimulado esta relação.

O educador continuou com o diálogo:

Educador - Quando a Pampulha Velha acabou para começar a nova?

A última pergunta permitiu ao educador abordar a coexistência de modos de vida diferentes na mesma época. A Pampulha Velha, mais rural, com baixa infraestrutura urbana e a Pampulha Nova propondo um novo estilo de vida na cidade, com infraestrutura e edificações elegantes. Em todas as visitas, os educadores estimularam a discussão sobre desigualdade social. A mostra apresenta alguns casebres de palha bastante simples no local onde hoje existe o Zoológico, permitindo aos educadores discutir o que aconteceu com estas pessoas quando desalojadas para a construção da Pampulha moderna. Eles abordaram as contradições desta construção do novo.

Vale lembrar que o próprio Juscelino já escreveu sobre as outras possibilidades que existiam para a Pampulha. Kubitschek convidou o urbanista Alfred Agache para visitar Belo

Horizonte e este sugeriu que na Pampulha fosse feita uma cidade satélite para reduzir o déficit habitacional na cidade, o prefeito discordou e anos mais tarde escreveu:

Quanto à Pampulha então nossa discordância foi radical. Ao invés de uma cidade-satélite, o que pretendia construir ali era um recanto turístico. Qualquer coisa diferente de Belo Horizonte, capitalizando em benefício do plano a ser executado a beleza do cenário, com a formação de um grande lago artificial, rodeado de residências de luxo, com casas de diversões que se debruçassem sobre a água. Agache inclinava-se para o utilitarismo. Mas meu pensamento era lírico, a natureza transformada em fator de plenitude espiritual, a serviço da comunidade.<sup>121</sup>

Belo Horizonte hoje busca o título de patrimônio mundial da Unesco para o conjunto modernista da Pampulha. A abertura da Casa Kubitschek como museu público é considerada parte desta campanha. Comerciais de televisão e cartazes na rua mostram os aspectos positivos deste conjunto. Na mostra Pampulha: Território da Modernidade é possível outra interpretação e uma visão crítica sobre a construção deste patrimônio.

Nas observações na CK, percebemos pouca diferenciação entre os educadores e baixa adaptação das estratégias de acordo com as demandas das visitas descritas nas fichas de agendamento. As visitas continuaram sempre seguindo a lógica da observação livre da exposição e conversas entre os educadores e alunos. Quando a escola apresentou demandas específicas, como o estudo das figuras geométricas, os educadores abriram espaço à participação dos professores.

No MHAB, como vimos, são propostas brincadeiras, representações e atividades, na CK não presenciamos atividades lúdicas com os alunos. Em uma das visitas, uma aluna perguntava insistentemente: “Que horas vamos brincar?”. Ao final da visita, esta pergunta gerou uma reunião entre os educadores presentes para discutir a possibilidade de incluir brincadeiras e atividades ao longo da visita.

Em palestra denominada “O mal-estar nos museus”, Américo Castilla considera que as universidades e as escolas são locais melhores para passar informação e que os museus deveriam possibilitar experiências que não são possíveis de se realizar em outros locais.

As experiências significativas em uma visita poderiam estar ligadas ao aprendizado, contudo, se apoiam em uma linha de tensão que se produz entre: uns objetos materiais incomuns que suscitam estranheza; um espaço acolhedor que traz

---

<sup>121</sup> KUBITSCHKEK, Juscelino. Meu caminho para Brasília: a escalada política. Rio de Janeiro: Bloch, 1976. V. 2, p. 31, apud BAHIA, Denise. A arquitetura política e cultural do tempo histórico da modernização de Belo Horizonte (1940-945). Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. p. 110.

segurança à visita; uma dose de tempo; e um livre deslocamento capaz de provocar associações e ações inovadoras.<sup>122</sup>

E questiona: “Por que, em lugares concebidos para celebrar a vida e toda a sua variedade, existe uma tal falta de vitalidade?”<sup>123</sup> Talvez a aluna tenha sentido um pouco esta falta de vida.

Os professores, ao visitarem as exposições com os grupos, preocupam-se muito com o comportamento dos alunos, acostumados com os estudantes sentados em carteiras, às vezes costumam pedir aos educadores para não deixá-los muito soltos, evitando muita agitação. Algumas vezes, os alunos saem da escola, orientados a não falar ou andar em fila, dificultando o desenvolvimento de uma proposta dialógica. Como conversar com alguém que não pode falar? Este quadro não é mais tão comum em Belo Horizonte, já que há um hábito de visita em museus pelas escolas. Mas os outros visitantes costumam se incomodar com o barulho das crianças. Quando medieei uma exposição com fotos de Sebastião Salgado no MHAB, eu e a equipe de educação aproveitamos a sala de mostras sem nenhum objeto com risco de queda e propusemos uma gincana na sala de exposições, que incluía premiação. Os alunos agitavam-se corriam, sentavam-se no chão, brincavam e saíam da exposição animados. Um dia, encontrei uma amiga restauradora que disse ter tentado ver as fotografias, mas não conseguiu, pois o museu era uma bagunça, os alunos falavam tão alto que não permitiam a apreciação.

Em outra exposição, um amigo, pesquisador de grupos de teatros comunitários, falou baixo no meu ouvido, “a exposição está linda, mas é uma pena que as pessoas não saibam como se comportar, falam tão alto que não permitem aos outros apreciarem. Vocês podiam ensinar as pessoas a como se comportar em um museu”.

Estas duas falas exemplificam qual é o comportamento que os “iniciados” esperam em um museu. Será que isto também não faz parte do currículo oculto? Ou podemos só considerar que seria o respeito à máxima “A sua liberdade termina, onde começa a minha”? Como devolver a vitalidade sem promover o desrespeito ao outro? Será que os visitantes estão preparados para ver estudantes brincando na Casa de Juscelino? (Em janeiro de 2015, o educativo CK promoveu brincadeiras nos jardins, além disso, os alunos são convidados a ocuparem os jardins de Burle Marx para lancha em esteiras e fazer piqueniques)

---

<sup>122</sup> CASTILLA, Américo. O mal-estar nos museus. Palestra proferida no I Simpósio Internacional de Educação em Museus, organizado pela Rede Informal de Museus e Centros Culturais em maio de 2014.

<sup>123</sup> DURSTON, James. Why I hate museums CNN, 22 ago. 2013. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2013/08/22/travel/opinion-why-i-hate-museums/>>.

A equipe da CK procura, em alguns momentos, trazer mais vitalidade à exposição permanente com pequenas intervenções. Para celebrar a Semana de Arte Moderna de 1922, o educativo lançou a seguinte pergunta na exposição: “Para você, onde está o modernismo na casa?”. Ao longo da exposição foram colocados cartões com trechos de textos de autores modernistas, como Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade e Cyro dos Anjos, que falavam sobre Belo Horizonte. Desta maneira, buscou-se inserir a arquitetura moderna da casa em um movimento mais amplo. Além disso, um vídeo no teto da sala de jantar mostrava outros edifícios de Artdeco de BH, no quarto de solteiro havia um exemplar da Revista Verde de maio de 1969 e, no segundo quarto de solteiro, introduziu-se um vídeo com imagens de edificações e revistas modernistas, no quarto do casal introduziu-se a Revista Bello Horizonte.

Portanto, se a observação da exposição permanente da Casa permite uma leitura sobre os modos de morar, pequenas intervenções produzem uma leitura diferenciada, trazendo o foco para o movimento modernista.

Na semana do meio ambiente, também promoveram uma mediação que incluía uma intervenção dos visitantes na exposição, com a pergunta: “O que você gostaria que acontecesse na Pampulha?”. Os visitantes eram convidados a escrever suas respostas em post-its e inseri-las em um painel na exposição. As respostas dos visitantes envolviam principalmente a necessidade da limpeza da Lagoa, a inserção de esportes aquáticos e a necessidade de um transporte público ligando os vários bens imóveis no entorno da Lagoa. Estes post-its escritos pelos visitantes fizeram parte da exposição por mais de uma semana, possibilitando que uma pessoa entrasse em contato com as propostas de outros visitantes que haviam passado pela exposição antes.

Em uma das visitas que presenciei com o público escolar na CK, a educadora imprimiu todos os esforços para que os alunos compreendessem que o mobiliário da Casa não pertencia a JK e que o objetivo da exposição era refletir sobre um modo de vida específico e a Belo Horizonte daquele período. Mas, ao final, os alunos receberam o folder, e a professora disse que este seria muito útil para os trabalhos que seriam desenvolvidos em sala, após a visita.

O folder da Casa Kubitschek, com o subtítulo “A história vive aqui”, inicia-se com o seguinte texto:

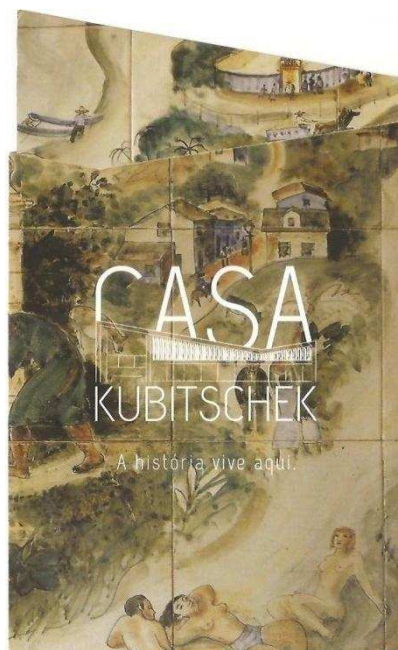


Imagem 15 - Capa do pôster da Casa Kubitschek

O lugar que Juscelino Kubitschek costumava passar seus finais de semana em BH acaba de virar museu. Preciosidades das áureas décadas de 1940 e 1950, até então partes da intimidade de JK, são agora reveladas ao público.<sup>124</sup>

Os alunos foram expostos a dois discursos contraditórios, um verbal, ao longo da visita e outro discurso escrito presente no pôster. Além disso, o pôster possui palavras sintomáticas dos objetivos da casa: preciosidades, reveladas. Outro trecho diz-nos sobre a possibilidade de vivenciar os modos de habitar.

Enfim, presenciamos uma educadora desenvolvendo um trabalho que buscava não fetichizar os objetos, retirando a áurea de objetos preciosos por terem sido tocados, contaminados pelo contato com uma personalidade, por uma figura importante. Ela colocou em discussão a modernidade da Pampulha, buscando dialogar com os alunos, e não revelar. Mas a entrega do pôster, ao final, sem que ele tenha sido discutido com os alunos, pode ter prejudicado a sua mediação. Esta é uma possibilidade, teríamos que ter tido acesso aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos em sala para saber como eles lidaram com as duas falas diferentes, partindo dos mesmos objetos e da mesma instituição.

Com a observação das visitas, percebemos diferenças de ênfases, formas e objetivos, mas alguns princípios gerais foram mantidos: dialogia, mediação, deslocamento do corpo no espaço e tempo para contemplação.

<sup>124</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Pôster da Casa Kubitschek, 2013.

Percebemos os educadores procurando uma autorreflexão na ação, respondendo fichas avaliativas, produzindo diários reflexivos e dialogando uns com os outros sempre que alguma dúvida ou proposta nova surgissem. Mas vimos também uma precariedade nos contratos de trabalho, pois a maioria deles ou possuía contratos de trabalho de prestação de serviços ou eram estagiários.

Observamos visitas em duas instituições específicas, mas será possível algumas destas propostas e referências fazer parte de uma formação de educadores em outros museus? Após as leituras sobre as práticas educativas em museus, a observação das visitas e ancorada na minha própria experiência, construímos um curso de formação em educação e patrimônio para ser feito com professores e alunos das licenciaturas na cidade de Viçosa.

## **PARTE II**

### **CAPÍTULO 3 - A construção de um projeto à luz dos resultados da pesquisa: Curso Educação e Patrimônio – Reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo**

A elaboração de um curso de formação, a partir de uma pesquisa acadêmica, não é um desafio pequeno. O tempo é restrito, já que no período destinado ao mestrado temos que cursar as disciplinas, fazer a pesquisa, elaborar e executar um projeto prático, além de trazer para o texto os resultados da experiência. Neste capítulo, traremos um memorial descritivo sobre as etapas do curso.

A pesquisa sobre os educadores de museus teve intuito de tecer considerações sobre a atuação desse profissional, sua formação, forma de trabalho e desafios. Ao longo da pesquisa, percebemos a escassez de cursos de formação para estes profissionais. Os educadores das instituições pesquisadas, MHAB e CK, demonstram que a formação em trabalho foi a sua principal capacitação para a atuação em museus.

Procuramos nesta pesquisa identificar alguns princípios essenciais para a formação dos mediadores das instituições museais, sempre buscando perceber se há um repertório comum que pudesse ser utilizado na formação de educadores para diferentes instituições museais.

Os setores educativos do MHAB e da CK têm projetos distintos, mas nos dois casos há uma preocupação em inserir a educação em museus em princípios mais amplos, como a educação para o patrimônio ou a educação para a sensibilidade.

Para o projeto prático, decidimos elaborar um curso, usando como estudo de caso o Museu Casa Arthur Bernardes na cidade de Viçosa, Minas Gerais. A Casa Arthur Bernardes é uma construção eclética, construída entre 1922 e 1926 para o então Presidente da República, tombada em 1995 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA). Foi adquirida pela UFV e hoje abriga o memorial Arthur Bernardes com a finalidade de exaltar a memória do Presidente Bernardes, pesquisar e preservar o acervo legado por ele.<sup>125</sup>

Ao desenvolvermos a formação na Casa Arthur Bernardes, decidimos inserir esta instituição em um contexto mais amplo, nas relações entre educação e patrimônio. A educação patrimonial, hoje bastante difundida pelos institutos de patrimônio histórico, no Brasil ganhou visibilidade a partir de metodologia elaborada no Museu Imperial. Outras propostas como a educação para o patrimônio de Denise Grisnpum também foram construídas

---

<sup>125</sup> Disponível em: <<https://www.dti.ufv.br/dac/casa.asp>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

em um museu, no Museu Lasar Segall, em São Paulo. Esta relação íntima entre educação e patrimônio e educação museal, como apresentado nos dois exemplos acima e, também no projeto educativo atualmente em curso na CK e até 2013 no MHAB, foi o que buscamos no desenvolvimento do curso.

A aproximação com a pesquisa da historiadora Walkíria Freitas, que investiga os processos de tombamento em Viçosa e os projetos de educação patrimonial aplicados na cidade, possibilitaram a feitura de um curso de formação mais amplo. Quando fizemos as entrevistas abertas com as coordenadoras dos educativos do MHAB e da CK, estas falaram da importância de educadores de museus terem um conhecimento sobre a cidade, uma leitura ampla sobre o lugar no qual os museus estão inseridos e esta formação dilatada que procuramos propiciar aos cursistas.

Inicialmente, eu e Walkíria Freitas, sob orientação do professor Leonardo Civalle, procuramos encontrar os pontos de aproximação das nossas pesquisas e nossos objetivos com o curso. Definimos que o público-alvo seria formado por professores das redes de ensino básicas de Viçosa e estudantes universitários, principalmente os atuantes no PIBID,<sup>126</sup> pois gostaríamos de estabelecer um diálogo com profissionais que já haviam desenvolvido projetos de educação e patrimônio ou que pudessem fazê-los, criando um efeito multiplicador das discussões. Além disso, poderíamos fazer uma análise dos trabalhos já desenvolvidos por estes profissionais com a temática do patrimônio.

No primeiro semestre de 2015, procuramos nos aproximar da Secretaria de Educação de Viçosa para inserirmos o curso na programação das escolas, oferecemos um curso gratuito, com carga horária de 20 horas, mas não obtivemos sucesso. Reunimo-nos diretamente com 3 (três) diretores de escolas da rede municipal, momento no qual deixamos cópias da ementa do curso (ANEXO J) e da ficha de inscrição (ANEXO K), mas também nenhum professor se inscreveu.

Não esperávamos por isso, pois as escolas em Viçosa desenvolvem alguns projetos de educação patrimonial, incluindo a participação de instituições da rede pública no programa mais educação: Educação Patrimonial.<sup>127</sup> Procuramos compreender o insucesso desta abordagem com as escolas da rede municipal e encontramos alguns fatores. A sobrecarga de

---

<sup>126</sup> PIBID é a sigla do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, buscamos a aproximação com os bolsistas dos departamentos de História e Geografia da Universidade Federal de Viçosa.

<sup>127</sup> O Mais Educação é desenvolvido pelo Ministério da Cultura, dentro do programa Dinheiro Direto na Escola, e busca ampliar a jornada escolar. As escolas participantes do Mais Educação: Educação Patrimonial recebem recursos para a aquisição de equipamentos audiovisuais para auxiliar os estudantes na construção de um inventário de referências culturais da cidade.

atividades dos professores, muitos atuando em mais de um turno, dificulta a participação em atividades além do horário de trabalho. Outro fator é o próprio tema do curso, as discussões sobre patrimônio cultural não são específicas de nenhuma disciplina, sendo entendidas como tema transversal, se, por um lado, esta não especificidade pode ampliar o número de professores que desenvolvem trabalhos educativos nesta área, por outro, professores de nenhuma disciplina específica têm a obrigatoriedade de tratar deste tema. Um ponto importante também corresponde ao período no qual acessamos a Secretaria de Educação do município, após março de 2015. Para a entrada do curso no programa de formação dos professores, ele deveria ter sido oferecido antes do início do ano letivo, na época de elaboração do calendário.

Mas a ausência dos professores não inviabilizou a oferta do Curso de Educação e Patrimônio, já que ainda poderíamos contar com a presença de estudantes da universidade e demais interessados. Resolvemos então abrir as inscrições e a divulgação aconteceu por meio do site da Universidade Federal de Viçosa, com o apoio do LAMPEH (Laboratório Multimídia de Pesquisa Histórica da UFV).<sup>128</sup> Para facilitar o acesso dos cursistas, a Secretaria de Cultura cedeu o espaço da Estação Cultural Hervé Cordovil, localizada no centro da cidade.

Organizamos o curso em 5 encontros, com a seguinte programação:

- Encontro 1: discussão sobre o patrimônio da cidade, a partir da observação dos cursistas, dinâmicas e leitura de textos. Abordagem de conceitos básicos que aproximam o campo do patrimônio ao da educação. Atividades práticas. Duração: 4 horas.
- Encontro 2: aula de campo com visitas aos bens tombados e não tombados de Viçosa. Duração: 4 horas.
- Encontro 3: discussão teórica sobre Museus. Abordagem dos principais conceitos e realização de atividades práticas. Duração: 4 horas.
- Encontro 4: visita à instituição de memória, abordando os potenciais educativos do local. Local: Casa Arthur Bernardes.
- Encontro 5: produção de fotografias pelos participantes que serão utilizadas para reflexão sobre o patrimônio cultural. Avaliação do curso. Duração: 4 horas.
- Finalização: exposição das fotografias produzidas.

---

<sup>128</sup> As informações sobre as inscrições estão disponíveis em: <[https://www2.dti.ufv.br/ccs\\_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=24112](https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia2.php?codNot=24112)>. Acesso em: 02 mar. 2016.

Todas as etapas foram concluídas e, no próximo capítulo, faremos uma análise do desenvolvimento do curso e seus resultados.

No primeiro semestre de 2015, elaboramos a apostila (ANEXO L) com o conteúdo do curso, a partir das principais reflexões das pesquisas.<sup>129</sup> Optamos por escrever juntas um texto que seria utilizado nas aulas do curso, mas que também pudesse servir de suporte para trabalhos realizados por outras pessoas. Portanto, procuramos fazer da apostila um instrumento integrado às nossas pesquisas, mas também um texto completo, podendo ser utilizado independentemente da associação com as dissertações.

A apostila conta com 5 (cinco) partes: na primeira, discutimos conceitos, patrimônio cultural, memória e identidade, buscando sempre estudar a relação destas ideias com o patrimônio cultural de Viçosa. Na segunda parte, estabelecemos as relações entre educação e patrimônio; na terceira, o texto acompanha uma aula de campo, buscando entender a narrativa da cidade por meio dos seus bens tombados. Na quarta parte, discutimos os museus, o texto acompanha a segunda aula de campo na Casa Arthur Bernardes e propomos a elaboração de uma exposição; e, na quinta parte, sugerimos atividades que têm como base a interface entre educação e patrimônio. Por fim, apresentamos uma ideia de continuidade do trabalho propondo um compartilhamento de ideias de atividades desenvolvidas por meio de uma página do Facebook intitulada Educação e Patrimônio – Viçosa/MG. A página foi criada e, apesar de contar como ideia na apostila, nunca foi utilizada. A presença de apenas uma professora no curso inviabilizou esta ideia, pois a página serviria para troca de experiências de atividades realizadas em sala de aula.

Dos 19 (dezenove) inscritos, 12 (doze) participaram do curso até o final, 3 (três) participantes que compareceram à primeira aula não continuaram, 2 (duas) justificaram a ausência, pois o horário do curso correspondia ao de aula na Universidade (as duas são estudantes do Departamento de Geografia da UFV) e 4 (quatro) inscritos não compareceram a nenhuma atividade.

Os cursistas eram 4 (quatro) funcionários da UFV, todos eles com interesse em ingressar no Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV, 2 (dois) alunos do curso de Geografia e 1 (um) recém-bacharel na mesma área, 2 (duas) historiadoras recém-graduadas, 1 (um) estudante de Ciências Sociais, integrante do Conselho de Cultura e Patrimônio de Viçosa, 1 (uma) professora da rede de ensino de Ponte Nova, 1

---

<sup>129</sup> A apostila completa está anexa. Quando necessário, para melhor entendimento da análise do curso, utilizaremos trechos da apostila ao longo do texto.

(uma) pedagoga com pós-graduação em artes e estudante não vinculada do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV.

Na ficha de inscrição, os interessados responderam os motivos de interesse no curso: 3 (três) responderam que procuraram o curso para incremento das atividades de docência, 2 (dois) para conhecer melhor o patrimônio de Viçosa, 1 (um) para incremento das atividades no Conselho de Cultura e Patrimônio de Viçosa e os outros para melhorar o conhecimento na área.

O grupo veio de áreas de formação distintas, mas todos demonstraram já possuir conhecimento sobre a temática do patrimônio, seja por causa dos temas desenvolvidos nas monografias de conclusão da graduação, por disciplinas cursadas na universidade ou pela sua atuação profissional.

É importante ressaltar que apenas 1 (um) dos cursistas não tinha vínculo com a Universidade Federal de Viçosa, exatamente a participante de outra cidade. Apesar de o nosso foco, quando da elaboração do curso, não ter sido apenas estudantes e funcionários da UFV, o curso era aberto para qualquer pessoa, com formação universitária ou não, nosso meio de divulgação principal foi o site da Universidade Federal de Viçosa, acessado principalmente por pessoas vinculadas à instituição, portanto este foi o público alcançado. Ao longo do processo, elaboramos também 2 (duas) versões de pôster de divulgação (ANEXO M). Mas este não foi distribuído, pois houve mudança na data de início das atividades,<sup>130</sup> desta forma não realizamos nenhuma divulgação efetiva para a comunidade viçosense, com exceção das reuniões já relatadas.

Organizamos o curso com atividades práticas e teóricas, a apostila também continha perguntas para serem respondidas pelos cursistas, desde a primeira aula procuramos identificar conhecimentos prévios já trazidos pelos participantes e ao longo das aulas buscamos indícios da aprendizagem sobre o patrimônio cultural, educação, museus e sobre a cidade de Viçosa. Analisaremos alguns desses indícios por meio das anotações produzidas ao longo do curso, como resultado do diálogo estabelecido pelo grupo. Optamos por não utilizar uma ficha avaliativa padronizada para os cursistas responderem, pois preferimos analisar o processo, durante todas as aulas elaboramos anotações e fotografias que serviram para a avaliação da aprendizagem. Recorreremos também às respostas dadas pelos alunos nas

---

<sup>130</sup> A segunda versão do pôster recebeu como capa uma foto de um dos cursistas, pois, apesar de ele não ter sido usado para a divulgação do curso, percebemos que poderíamos utilizar para a divulgação da exposição, projeto final das atividades.

apostilas e o resultado das atividades práticas, principalmente a proposta de tombamento e as fotos realizadas para a exposição.

## **CAPÍTULO 4 – O desenvolvimento do curso: quando a proposta se torna prática**

No momento no qual decidimos fazer um curso como trabalho prático para o Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, entendemos que não seria possível a elaboração de uma carga horária muito extensa. Apesar do desejo de um curso de formação ampla para educadores, entendemos que, com nossos recursos financeiros e tempo disponível, incluindo aquele que poderia ser despendido pelos participantes, seria melhor propor uma sensibilização sobre as relações entre patrimônio e educação. Nosso primeiro desafio era pensar um nome para o curso, que pudesse deixar claros os objetivos da proposta e, além disso, estivesse adequado às análises que fazíamos na nossa pesquisa. No nosso primeiro diálogo, refletimos se deveríamos usar o título Educação Patrimonial: Reflexão sobre o Patrimônio Cultural de Viçosa e seu Potencial Educativo, pois Educação Patrimonial é o termo mais difundido para os projetos na área. Mas decidimos não usá-lo por querermos nos distanciar de uma metodologia algumas vezes aplicada que procura valorizar o patrimônio já tombado. Outra proposta era definir por Educação para o Patrimônio como defendido por Denise Grinspun,<sup>131</sup> mas ainda consideramos que este termo traduzia a ideia de que o objetivo é o patrimônio e, no nosso caso, gostaríamos de sensibilizar os cursistas para uma educação pelo patrimônio. Nesse último caso, o patrimônio não é o objetivo final, mas é um meio educativo auxiliar à compreensão da cidade. Por fim, como gostaríamos de abordar várias possibilidades de relacionar a educação e o patrimônio cultural, consideramos mais adequado o título Educação e Patrimônio: Reflexão sobre o Patrimônio Cultural de Viçosa e seu Potencial Educativo.

Optamos por uma discussão crítica sobre o patrimônio da cidade. Algumas das perguntas discutidas foram: O que leva à construção desse patrimônio? Quais outros patrimônios poderiam existir? Como promover atividades educativas democráticas com o patrimônio, que possibilitem a ampliação da representação, apropriação e compreensão desse patrimônio?

No nosso primeiro encontro, procuramos entender qual era a definição de patrimônio dos cursistas. Os termos utilizados por eles foram: herança, representação da humanidade, identidade nacional, algo que tem significado, pode ser natural, dimensão do conhecimento que não é explicitável, ocupação do espaço, criação da identidade. Termos negativos também apareceram: invisibilização, segregação e patrimonialização hegemônica.

---

<sup>131</sup> Ver página 34.

Solicitamos também uma definição de educação, os termos utilizados foram: construção, orientação, descoberta, continuação, troca de saberes e doutrinação.

As respostas demonstram o conhecimento dos cursistas sobre o patrimônio cultural, pois a associação de palavras feitas com o termo possibilitou uma discussão ampla sobre o significado do patrimônio cultural. Eles entendiam que o patrimônio cultural estava relacionado ao poder, ao conhecimento e à identidade, mas não o relacionaram a outro aspecto importante, à memória.

Após a primeira conversa, optamos por trazer os bens que compõem o patrimônio cultural de acordo com a constituição de 1988<sup>132</sup> e a problemática da seleção desses bens, provocando uma reflexão a partir de Mário Chagas: “[...] onde há poder, há resistência, há memória e há esquecimento. O caráter seletivo da memória implica o reconhecimento de sua vulnerabilidade à ação política de eleger, reeleger, subtrair, adicionar, excluir e incluir fragmentos no campo do memorável”.<sup>133</sup>

As perguntas seguintes da apostila procuravam entender e provocar nos leitores a discussão sobre esta seleção de bens.

- Por que alguns bens são preservados e outros destruídos? Quem escolhe?<sup>134</sup>

Cursista 1- “Alguns bens vão de encontro aos interesses territoriais de certos atores sociais, que então determinam sua destruição junto ao poder público”.

Nessa primeira resposta aparece a luta pelo espaço como uma questão relacionada à preservação dos bens.

Cursista 2- “Ele é preservado ou destruído de acordo com o interesse do coletivo ou do capital.”

O cursista 2 considera que o interesse do capital e do coletivo são antagônicos. Ou o patrimônio é preservado por um tipo de interesse ou por outro. O interesse coletivo não corresponde ao interesse do capital.

Cursista 3- “Porque a preservação de certos bens contribuem com interesses de certos grupos com poder/influência para decidir com que sejam preservados, ou quando um grupo de menor influência consegue mostrar a importância de certo material/imaterial para a

---

<sup>132</sup> Apresentamos no Power Point do Curso a definição da Constituição de 1988 e exemplos de bens que podem compor o patrimônio Cultural. Ver ANEXO N.

<sup>133</sup> CHAGAS, M. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999. p. 136.

<sup>134</sup> Perguntas da página 6 do Caderno de Campo como levantamento de algumas respostas dos cursistas anotadas nos seus respectivos materiais.

história local/global. Quem escolhe são: a maior parte grupos hegemônicos ou grupos que fazem frente a perpetuação de suas culturas.”

O cursista 3 enxerga uma disputa de grupos para a definição da preservação dos bens e também a importância desta preservação para a perpetuação da cultura de grupos não hegemônicos

Cursista 4- “Devido a interesses diferentes. Pode também ser por falta de identificação do grupo com o bem ou por falta de interesse de preservar certa memória. Quem escolhe depende do contexto.”

Esta pessoa levanta um argumento fundamental: a destruição causada pela falta de identificação das pessoas com um bem.

Cursista 5- “Por uma conjuntura que inclui interesses e necessidades que culminam no reconhecimento sobre determinada estrutura. Normalmente as forças hegemônicas prevalecem em suas escolhas.”

Outro participante levanta o poder das forças hegemônicas determinando a preservação ou não de um bem.

Cursista 6 (compareceu apenas à primeira aula)- “Alguns bens são preservados em função da memória e do caráter cultural de um dado povo.”

Esta cursista traz à tona a relação do patrimônio cultural com a memória.

Cursista 7- “Para preservar um bem depende de vários fatores: interesse da comunidade, dos poderes públicos e dos proprietários. A escolha depende do interesse ou conhecimento das pessoas.”

Este cursista lembrou que a preservação depende de interesses de diversos atores, não é exclusiva de um grupo.

Cursista 8- “A preservação ou não varia conforme as sociedades, de acordo com a construção de laços e pertencimento que estas estabelecem com aquilo que determinam por ser patrimônio (material ou imaterial). A escolha dos bens que devem ser preservados ou não, na maioria das vezes partem de poderes públicos e políticos, mas podem e devem ser propostos e escolhidos pela população.”

Nesta resposta, percebemos a defesa por uma seleção dos bens preservados mais democrática.

Cursista 9- “Esta lógica [da preservação] perpassa pelos interesses em jogo. Geralmente quem escolhe detém poder econômico ou político”.

Cursista 10- “São influenciados por vários fatores desde políticas públicas e valores dos grupos sociais dominantes.”

Cursista 11- “A decisão de preservação ou destruição vai depender do grupo que reivindica a patrimonialização de um aspecto cultural. Geralmente, a preservação são de bens de grupos hegemônicos”.

Estes três participantes colocam em destaque os grupos dominantes como detentores da seleção do patrimônio.

Cursista 12- “A preservação parte das escolhas de um grupo que julga que determinados bem deve ser preservado. Esta mesma lógica está presente na escolha do bem que deve ser destruído”.

As respostas contidas no Caderno de Campo apresentam uma visão sobre a preservação dos bens como uma escolha de grupos específicos, principalmente grupos hegemônicos. O grupo demonstrou uma visão bastante crítica do patrimônio preservado quando respondeu outra pergunta:

No mundo globalizado ainda é pertinente discutirmos a preservação da memória e de identidade de diversos grupos? A resposta unânime foi sim.

Uma das respostas sintetiza as outras:

Cursista 1: “Sim. Torna-se ainda mais importante as discussões para que essas memória e identidades em meio a tantas transformações não se percam e deixem de existir com o tempo”.

Os participantes consideram a preservação da memória e da identidade como um recurso de resistência dos diversos grupos. Ao mesmo tempo, percebem que até hoje os bens preservados têm a face das classes hegemônicas (como observado nas primeiras respostas), defendem uma maneira mais democrática de preservação de memórias no mundo globalizado.

A partir do diálogo com os cursistas, abordamos as relações entre memória, patrimônio e identidade com exemplos da cidade de Viçosa,<sup>135</sup> iniciamos a abordagem dos objetivos de uma educação pelo patrimônio que acolhesse a diversidade. Ao invés de chancelar uma versão da história que privilegia determinados segmentos e simplesmente ensinar aos demais a se identificar com este patrimônio, precisamos estender o olhar às referências de outros grupos. Partimos do princípio de que a educação pelo patrimônio deveria ser uma educação que se baseia no patrimônio, cultura, memória e identidade;

---

<sup>135</sup> Ver ANEXO L - Caderno de campo.

possibilita a interpretação dos bens culturais; e discute os mecanismos que levam à preservação de determinados bens e exclusão de outros. Com estas ideias abordadas, partimos para a seguinte proposta de atividade:

“Qualquer cidadão brasileiro pode enviar aos órgãos responsáveis (IPHAN, IEPHA ou Prefeitura) uma solicitação de registro ou tombamento. Esta solicitação será avaliada por técnicos e, se aprovada, será registrada em um dos livros de tombo ou registro. Para isto, o cidadão deve apresentar uma proposta. Esta é uma das maneiras da sociedade civil participar das ações de seleção e preservação de um patrimônio. A proposta encaminhada pelo cidadão deve apresentar uma base sólida para que possa conseguir parecer favorável.

Agora que já discutimos o que é patrimônio, identidade e memória, estamos aptos a fazer, em grupos, uma proposta a ser apresentada ao Conselho Municipal de Patrimônio de Viçosa. A proposta deve conter:

- 1- Nome do bem
- 2- Nome do proprietário
- 3- Localização
- 4- Descrição
- 5- Estado de conservação (se bem material)
- 6- Uso atual
- 7- Dados históricos
- 8- Justificativa para comprovação da relevância
- 9- Indicação de pessoa e/ou instituições que apóiam a iniciativa”<sup>136</sup>

Os grupos fizeram as discussões iniciais para a tomada de decisões e depois ganharam alguns dias para pesquisar fora do horário da aula e trouxeram o retorno nos encontros seguintes:

“Proposta 1- Proteção de 1 obra – A paisagem, 1973- do artista Nello Nuno do acervo da Pinacoteca da Universidade Federal de Viçosa.

Justificativa: artista nascido em Viçosa e expoente do neo-expressionismo.

Proposta 2- Registro da Semana do Fazendeiro, evento de extensão realizada pela Universidade Federal de Viçosa há 86 anos.

---

<sup>136</sup> Adaptado de: Portaria IEPHA/MG nº 29/2012. Disponível em: <[www.iepha.mg.gov.br](http://www.iepha.mg.gov.br)>. Acesso em: 06 jul. 2015.

Justificativa: época na qual vê-se moradores da cidade circulando na UFV, período no qual há um rompimento do muro que são as quatro pilastras<sup>137</sup> Oportunidade na qual os produtores rurais levam seus produtos para a UFV e podem fazer cursos de capacitação.

Momento no qual é discutida na Universidade duas propostas políticas diferentes para o campo: a agro ecologia e o agronegócio.

Proposta 3- Edificação onde funcionou o Cine Brasil localizada na Praça do Rosário, centro da cidade.

Justificativa: o cinema inaugurado em 1956, foi a principal sala da cidade, teve suas atividades interrompidas em 1985. Após o fechamento houve uma tentativa de transformá-lo em um espaço cultural, sem sucesso. Hoje é um ponto comercial.

Já existe um inventário antigo, mas a edificação não está protegida. Solicitar o tombamento para o Conselho Municipal de Cultura seria uma maneira de retomar este processo que já existe, mas nunca foi finalizado.

Proposta 4- Proteção da Bacia Hidrográfica do São Bartolomeu que corresponde a 18% do território de Viçosa.

Justificativa: a crise hídrica na cidade em 2015 evidenciou a necessidade de cuidados com o Rio que abastece 100% da Universidade Federal de Viçosa. Atualmente há despejo de esgoto, lixo, loteamento de topo de morro e encosta. A proteção do rio estimularia a pensar políticas públicas para o manejo, conservação e recuperação da bacia hidrográfica.”

As quatro propostas apresentadas pelos cursistas para a solicitação de proteção a ser enviada ao Conselho de Patrimônio demonstram uma diversidade de bens culturais: bens móveis, como a obra de Nello Nuno; imóvel, como o edifício do Cine-Brasil; imaterial, como a Semana do Fazendeiro; e natural como a Bacia do Rio São Bartolomeu. Mas, apesar da diversidade dos bens, os cursistas não buscaram pesquisar ou apresentar nas justificativas a importância da preservação desses bens para a população. Percebemos que a discussão sobre a necessidade de democratizar as decisões sobre a preservação do patrimônio não foi uma questão levantada pelos participantes. Apenas a proposta de proteção da Bacia Hidrográfica do Rio São Bartolomeu partiu de uma discussão contemporânea e de problemas postos à sociedade viçosense atual.

Canclini considera que os critérios gerais para orientar as decisões em relação ao patrimônio deveriam ser: a preservação de bens culturais nunca pode ser mais importante que a das pessoas que necessitam deles para viver; as soluções devem buscar um equilíbrio

---

<sup>137</sup> A entrada da UFV possui quatro pilastras e os cursistas consideram que a expressão “fora” ou “dentro” das quatro pilastras é um símbolo da exclusão dos moradores pela universidade.

orgânico entre as tradições que dão identidade e as mudanças requeridas pela modernização; as decisões devem ser tomadas de forma democrática.<sup>138</sup>

Como forma de ampliar este olhar para a cidade e de discutir os bens culturais contextualizados na vida contemporânea, fizemos um percurso pelos diversos patrimônios. Utilizamos como meio o “Tour Patrimonial”, iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura, Patrimônio Histórico e Esportes que consiste em um “tremzinho”, disponibilizado às escolas, no qual os alunos percorriam a cidade, conhecendo os bens tombados.



Imagens 16 e 17 - Filipeta de divulgação do Tour Patrimonial.

No nosso curso, além desses bens tombados que faziam parte do “Tour Patrimonial” proposto pela Prefeitura de Viçosa, incluímos outros locais de referência na cidade, como a Feira Livre e a Praça Silviano Brandão.

<sup>138</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do Nacional. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 23, p. 94-112, 1994. p. 109.



Imagem 18 - Visita e discussão sobre alguns bens culturais de Viçosa.



Imagem 19 - Feira livre.



Imagem 20 - Grupo na Praça Silviano Brandão.<sup>139</sup>

Durante a visita de campo, atuamos como mediadoras, propondo não uma explicação sobre os bens, mas incentivando a observação a partir de perguntas geradoras. O objetivo era que, a partir dessas questões e das observações, os cursistas pudessem fazer, em grupo uma leitura das referências culturais da cidade, tanto nos seus aspectos visuais, como forma, cores, tipos construtivos, procurando compreender o período no qual os imóveis foram construídos, como os usos atuais desses imóveis, a conservação dos bens e, principalmente, qual a identidade que Viçosa pretende construir a partir dos seus bens protegidos e daqueles, que, mesmo sendo referência para os moradores, não são incluídos na política patrimonialista.

O grupo considerou que há uma representatividade pequena da diversidade de Viçosa nos bens tombados e que estes não são conhecidos pela população viçosense, além de não haver um estímulo para que esses bens sejam conhecidos e sejam usados pela população.

A partir das discussões da visita de campo, sugerimos a construção de uma proposta educativa baseada nas referências culturais de Viçosa que deveria seguir alguns critérios: ocupar-se com a cultura local e trazer referências que já não estejam privilegiadas pelo poder público e que considere a participação efetiva dos educandos, inclusive como produtores de referências culturais. A escolha deveria ser descrita, a metodologia apresentada, os objetivos elencados e uma finalização proposta.

---

<sup>139</sup> Imagens 18, 19 e 20: Acervo particular de Isabela Guerra e Walkíria Freitas, produzidas por ocasião do curso Educação e Patrimônio: o Patrimônio Cultural de Viçosa e seu Potencial Educativo. Data das fotos: 24/10/2015.

A única proposta registrada refere-se à moda de viola. Segunda a proponente, a moda de viola remete à identidade tanto das pessoas de posse como das menos favorecidas. A metodologia seria a valorização dos violeiros por meio de projetos de divulgação do saber fazer e aulas de grupos. O objetivo seria que os mais jovens e crianças tenham contato com tal saber para que ele não se perca com os mais velhos. E a finalização do projeto seria a apresentação de velhos e novos violeiros em locais públicos pela cidade.

A ideia do incentivo ao reconhecimento da moda de viola, por meio da valorização dos violeiros, vem realmente preencher uma lacuna em relação aos bens culturais protegidos de Viçosa, pois ainda não há nenhum registro referente ao saber-fazer, além disso, na metodologia proposta há um incentivo à troca de saberes entre os violeiros e os mais jovens.

É importante ressaltar que, apesar de não terem escrito suas ideias, durante o percurso, o grupo considerou que as discussões propostas poderiam ser feitas com os escolares. Em vez de uma visita de campo com o objetivo de valorizar o patrimônio, seria interessante um trabalho educativo para compreender o patrimônio, os objetivos da sua preservação e propor novos usos para esses bens.

Um dos pontos de parada na visita, a Praça Silviano Brandão apresenta dois bens tombados, a Igreja Santa Rita de Cássia e a Casa Arthur Bernardes. Como forma de inserir a discussão sobre os museus, solicitamos a observação da parte externa da Casa e perguntamos se alguém já a havia visitado e se a consideram representativa para a cidade.

Poucos cursistas conheciam o museu, alguns relataram que passavam na praça sempre, mas demoraram a perceber a edificação. Estimulamos a observação do entorno e perguntamos se havia uma diferenciação dos tipos de construção do período da Casa Arthur Bernardes, algumas possíveis de visualizar a partir da Praça, e os prédios mais contemporâneos. O grupo observou que a Casa possuía muitos detalhes na fachada e os prédios contemporâneos, mesmo os de alto padrão, têm muitos vidros e pouco detalhamento. Discutimos a relação destas fachadas decoradas com a velocidade do deslocamento dos transeuntes. A Casa Arthur Bernardes é uma construção de uma época na qual as pessoas costumavam deslocar-se mais lentamente, principalmente a pé, por isso era possível observar os detalhes. Os prédios contemporâneos são construídos no tempo da velocidade, no qual as pessoas se deslocam de carro, moto e ônibus, por isso não se justifica mais uma fachada detalhada. Assim, o grupo percebeu que, explorando um bem material, é possível fazer inferências sobre a sociedade que o produziu.

Quando perguntados se a casa é patrimônio, todos responderam que sim. As explicações sobre o porquê de a casa ser patrimônio foram respondidas por 5 (cinco) pessoas.

Resposta 1- “Possui considerável aspecto arquitetônico e pertenceu e foi residência de um presidente do Brasil.”

Resposta 2- “Porque representa parte da história de Viçosa com o qual muitos viçosenses se sentem pertencentes.”

Resposta 3- “É um patrimônio que representa a relação histórica de um grupo com a cidade. No entanto acredito que seja mal trabalhada uma vez que desfoca sua relação para com o desenvolvimento da cidade para preservar uma personagem.”

Resposta 4- “Pelo quesito ‘antigo’ a arquitetura nos revela isto e pelo quesito a importância política de quem lá viveu.”

Resposta 5- “Conta a história do momento em que Arthur Bernardes foi presidente do Brasil, um personagem que seria importante para a história de Viçosa na época.”

As justificativas para a casa ser considerada patrimônio pelos cursistas estão principalmente na excepcionalidade da arquitetura e importância do personagem. Uma das respostas questiona o fato do destaque para um personagem e a pouca ênfase dada ao desenvolvimento da cidade no Museu.

A partir dessas primeiras impressões sobre a Casa Arthur Bernardes, propusemos a nossa visita. Inicialmente, buscamos apresentar a definição oficial de museus e discutir alguns exemplos. Poucos membros do grupo haviam visitado mais de uma instituição museal e alguns nunca haviam ido a museus, por isso esta discussão básica tornou-se ainda mais importante.

A seguir apresentamos as lâminas de Power Point que utilizamos como referência.<sup>140</sup>

---

<sup>140</sup> Quatro lâminas de Power Point produzidas por Isabela Guerra e Walkíria Martins para o curso Educação e Patrimônio: Reflexão sobre o Patrimônio Cultural de Viçosa e seu Potencial Educativo.

## Museus

- Instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expões o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. ICOM

## Exemplos

**Inhotim**



Foto: [ww.inhotim.org.br](http://ww.inhotim.org.br)

**MASP**

foto [www.masp.org.br](http://www.masp.org.br)



## Exemplos

**Museu da Pessoa**

Foto: [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)



**Ecomuseu Morro da Queimada**

Foto: <http://morrodaqueimada.fiocruz.br/ecomuseu.php>



## Exemplos

**Museu Casa Guimarães Rosa**

Foto: [www.minascultural.com.br](http://www.minascultural.com.br)



**Museu de ciência e da técnica da  
Escola de Minas de Ouro Preto**

Foto: <http://www.museu.em.ufop.br/>



Procuramos, a partir dos exemplos, demonstrar a diversidade de instituições que podem ser nomeadas como museus, incluindo museus de arte, museus com acervo virtual, ecomuseu, museu-casa e museu de ciência e tecnologia.

Inspirados na proposta de Francisco Régis Lopes de objeto gerador, solicitamos a cada cursista a escolha de um objeto a ser levado para a visita à Casa Arthur Bernardes, eles deveriam explicar a importância daquele objeto, por isso teriam que apresentar algumas informações. Cada um deles levou um objeto e explicou a importância para si e, a partir dos objetos, pudemos conhecer mais sobre cada membro do grupo.

Depois, dispusemos os presentes em dois grupos e solicitamos que organizassem uma pequena exposição, reunindo os objetos, “os curadores” deveriam construir uma narrativa com o acervo e, posteriormente, um grupo visitaria a exposição do outro e também deveria dizer a história que compreenderam da reunião daqueles objetos.<sup>141</sup>

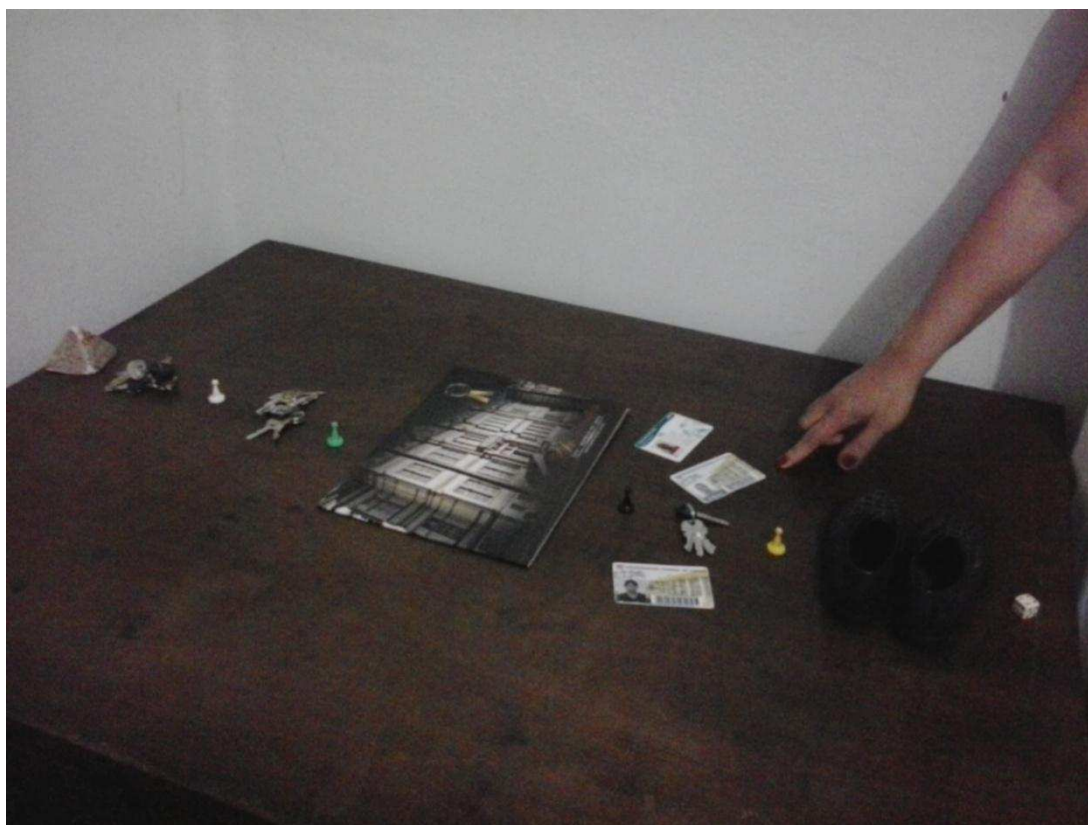


Imagem 21- Exercício de montagem de exposição 1.

A exposição 1 apresentava um dado, 1 par de sapatos infantis, peças de jogos, chaves, convite de formatura da UFV e uma miniatura de uma pirâmide.

O grupo visitante fez a seguinte leitura:

---

<sup>141</sup> Esta atividade também era aplicada no curso Visita Técnica do Museu Histórico Abílio Barreto, dentro do programa de Educação Patrimonial da instituição.

“Grupo visitante: a exposição trata da vida, inicialmente o dado e os sapatos remontam à infância, posteriormente as carteiras e o convite remontam à vida de estudante e às chaves e a pirâmide são o futuro deste estudante, quando ele adquire a sua casa e pode viajar. O dado representa a incerteza do destino.

Grupo curador: o dado indica o início do jogo da vida, as peças de jogos marcam alguns momento de decisão, como a entrada da universidade, após a formatura a aquisição de uma casa e a pirâmide, feita de pedra, indica que na vida adulta é adquirida uma estabilidade.”

Nesse caso, vemos que a interpretação dos visitantes e a proposta dos curadores foram bastante próximas, os objetos colocados na mesa de maneira linear indicaram uma exposição que tinha uma única leitura, nenhum dos participantes propôs iniciar a interpretação pela pirâmide. Nesse caso, conversamos sobre como a maneira de expor os objetos já indica uma narrativa possível da exposição.

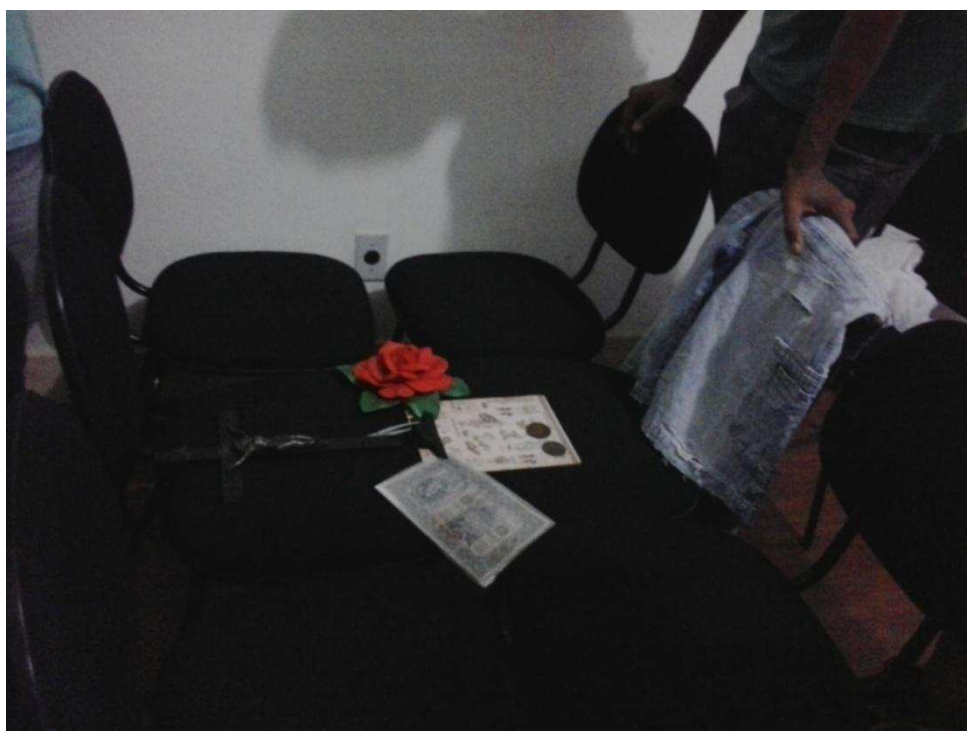


Imagem 22 - Exercício de montagem de exposição 2.<sup>142</sup>

Esta mostra continha uma bermuda jeans, um crucifixo, uma prancheta com imagens remetendo à Paris da Belle Époque, uma nota de dinheiro e moedas antigas e uma flor de tecido.

---

<sup>142</sup> Fotos 20 e 21- Acervo privado de Isabela Guerra e Walkíria Freitas.

Os visitantes demoraram a propor uma leitura desta exposição e, quando o fizeram, interpretaram como o ciclo da vida. A bermuda remetendo à infância, posteriormente as moedas e notas à vida adulta, quando somos tratados como consumidores, e o crucifixo representando a morte.

“Proposta dos curadores: é uma exposição que trata sobre moda, principalmente à Belle Époque, quando a moda era vista como uma religião e Paris era o centro do mundo. O dinheiro relembra que a moda é ligada ao consumo e a bermuda jeans é um símbolo da mudança de paradigma na moda, por isto ela não está junto aos outros objetos.”

Neste caso, a interpretação dos visitantes não coincidiu com a proposta dos curadores, a disposição dos objetos de maneira não linear dificultou a interpretação. Além disso, os visitantes estavam influenciados pela proposta da exposição anterior. Nesse caso, conversamos como conhecimentos prévios trazidos pelos visitantes podem influenciar a leitura da narrativa da exposição.

Após esta primeira atividade, visitamos a Casa Arthur Bernardes sem conversar anteriormente sobre o que eles encontrariam. É importante ressaltar que apenas um dos membros do grupo já havia adentrado a Casa; para todos os outros, este era o primeiro contato com a exposição. A pergunta que deveriam responder ao final era qual história é contada pelos objetos presentes na exposição.

Logo na entrada, chamamos a atenção para a placa na portaria que inclui as seguintes regras:

- Proibido entrar sem os guias e se distanciar deles.
- Proibido falar alto nas dependências.
- Uso dos banheiros só é permitido aos funcionários.

Além destas regras, os visitantes têm que deixar bolsas e sacolas nos escaninhos da entrada, não podem fotografar e devem calçar pantufas protetoras nos sapatos.

Avaliamos que as regras deste museu são bastante restritivas, há uma preocupação intensa em controlar a ação dos visitantes, este excesso de regras associado à abertura de uma parte pequena do portão de entrada e a presença de um segurança uniformizado na entrada foram analisados como uma das causas da baixa visitação na instituição. É importante ressaltar que a regra número 1 (proibido entrar sem os guias) é impossível de ser cumprida, pois não há guias na casa. A palavra guia também é sintomática da proposta da instituição, já que o guia é aquele que conduz, não aquele que discute, reflete, dialoga. A palavra guia demonstra mais uma vez a preocupação da instituição em orientar o visitante e não em

estabelecer um diálogo com ele. A regra número 3 (uso dos banheiros só é permitido aos funcionários) também gera dificuldades em visitas, principalmente escolares, o conforto das crianças para a sua abertura à aprendizagem é essencial. Temos que lembrar que elas saem da escola, deslocam-se ao museu. Seria essencial que a instituição tivesse sanitários para uso do público.

A placa de regras mostra que a instituição tem uma preocupação maior com a preservação do acervo do que com a relação estabelecida com o público, demonstrando uma visão já ultrapassada do que significa preservar, pois, atualmente, percebe-se que, quanto maior a apropriação das pessoas, maior também é a possibilidade de o bem ser preservado.

A Casa Arthur Bernardes possui dois pavimentos, a visita iniciou-se pelo pavimento inferior, que trata de Arthur Bernardes enquanto homem público. Nesse pavimento, são apresentadas fotos, documentos e comendas do ex-presidente. Há uma sala de jogos com uma mesa de bilhar e fotos, principalmente do Egito.

O segundo andar representa a casa como moradia e a vida privada da família Bernardes. O corredor principal possui fotos da família, cartas e livros das filhas. São três quartos, um da casa e dois de solteiro e um banheiro. A cozinha, uma sala de jantar com uma mesa e louças e, por fim, uma sala de estar com sofá, mesa de centro e uma foto de corpo inteiro de Arthur Bernardes. A maior parte do mobiliário pertencia à família e algumas poucas peças foram trazidas para compor o ambiente.

No quarto do casal, observamos alguns objetos em uma vitrine, como um vidro de perfume e um conjunto de acessórios de barba com as iniciais AB gravadas. Propusemos que em uma visita com um grupo escolar esta vitrine poderia ser utilizada para discutir a sociedade que os produziu. Se, hoje, compramos e descartamos rapidamente objetos, na década de 1920, aparelhos de barbear e vidros de perfume eram objetos de uso permanente, uma propriedade com certo valor nas quais valia até gravar as iniciais. Neste caso, usando apenas os objetos, é possível fazer uma comparação entre duas épocas, promovendo uma reflexão sobre a nossa cultura de descarte. Este é um tema bastante presente nas escolas que demonstram uma grande preocupação com a produção de lixo e o cuidado com o meio ambiente.

A visita demorou cerca de 40 minutos e, ao final, os cursistas destacaram ser uma mostra que apresenta o contexto histórico da presidência de Bernardes e que busca não discutir o personagem, mas idolatrá-lo. Esta interpretação está de acordo com a proposta pelos curadores, “finalidade de exaltar a memória do Presidente Bernardes, pesquisar e preservar o

acervo legado por ele”.<sup>143</sup> Um exemplo desse culto à memória é uma foto de Arthur Bernardes em sua escrivaninha. A legenda diz: “Dr. Arthur da Silva Bernardes, incansável, trabalhando em seu gabinete em favor do nosso petróleo”.

Quando preparávamos o curso, fizemos uma visita à Casa Arthur Bernardes orientada pela estagiária responsável e perguntei se, quando ela recebe grupos, ela busca desmistificar a figura de Arthur Bernardes, conversando sobre as outras facetas do presidente, se a exposição mostra apenas o defensor do Petróleo, se ela poderia tratar do seu autoritarismo. E a resposta dela foi que isto não era permitido, apesar de esta não ser uma orientação expressa dos responsáveis pela Casa, ela sabia que em Viçosa não se pode questionar a memória de Arthur Bernardes. Portanto, a mediação dela seria para apresentar a exposição, e não discuti-la.

Os cursistas perceberam esta exaltação da memória do proprietário da Casa e se sentiram incomodados, quando perguntados quais propostas educativas fariam para a casa, uma delas foi exatamente trazer à tona as outras facetas do personagem. Magaly Cabral, discutindo a educação em Museus Casas Históricas concorda com o psicanalista Roberto Freire, quando ele considera que se deve “abrir o museu Casa Histórica, para um intérprete, um campo de interpretações possíveis que fazem com que o personagem se torne necessariamente complexo, discutível, plural e que a conversação cultural persista em aberto”.<sup>144</sup>

O grupo visitante também considerou que a exposição não apresenta relação com a cidade e com a região. Seria necessário, em um projeto educativo para a instituição construir esta relação, consideraram também que, mesmo sendo externamente muito bonita, a exposição e a edificação estão mal cuidadas e não há muitas informações ao longo da mostra sobre os objetos ou sobre tipos de moradias da época.

Uma das propostas apresentadas por eles para tratar a casa é, em vez de discutir o personagem Arthur Bernardes, tratar da sociedade que produziu aqueles bens expostos, refletir sobre a casa como um objeto histórico e, também, trazer outros tipos de moradias da mesma época. Consideraram também que a exposição deveria ter alguns elementos para trazer “vida” à Casa, como sons da época e elementos que promovessem interatividade, como poder tocar em alguns objetos.

Apesar do pouco tempo de visita à Casa, foram cerca de 3 (três) horas entre a atividade, discussões e a visita propriamente dita, foi possível abordar alguns princípios

---

<sup>143</sup> Disponível em: <<https://www.dti.ufv.br/dac/casa.asp>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

<sup>144</sup> CABRAL, Magaly. Educação em museus-casas históricas. Disponível em: <[www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br)>. Acesso em: 20 ago. 2015.

importantes para a compreensão de um museu, tais como: a exposição como uma narrativa construída e, portanto, o papel de um educador como aquele que ajuda o visitante a não mistificar os objetos expostos, mas compreender esta narrativa e a visita como um tempo do visitante. Em vez de “guiarmos” e explicar a exposição, propusemo-nos permitir uma visita livre para depois discutir as visões do grupo. Em um curso que propõe servir como introdução à mediação e às relações entre educação e patrimônio, optamos, em vez de explicar os termos e ensinar como a mediação é feita, fazer uma visita mediada, servindo como exemplo aos cursistas.

Para finalizar o curso, propusemos a montagem de uma exposição com fotos dos participantes sobre o patrimônio de Viçosa, cada um deveria trazer duas fotos para a última aula. Destas, uma seria selecionada pelo grupo e depois montaríamos uma exposição pública. O objetivo era publicizar os resultados do curso, permitir que cada participante pudesse apresentar os resultados das discussões por meio visual e ampliar as discussões para o maior número de pessoas.

Após uma semana de prazo, as imagens trazidas pelos cursistas foram as seguintes:

#### Cursista 1



Imagem 23 - Edifício Arthur Bernardes refletido no Centro de Vivência da UFV.

Justificativa do cursista: representa a relação entre o antigo e o novo.

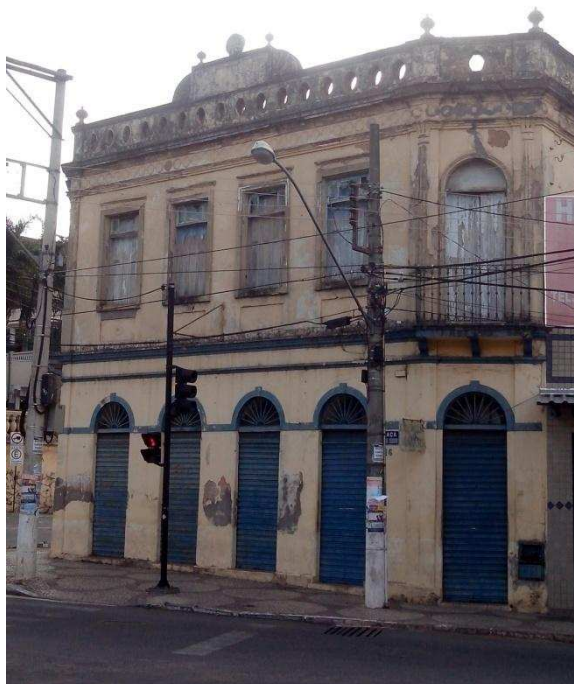


Imagem 24 - Hotel Alcântara – Foto selecionada para a exposição.

Justificativa do cursista: antiguidade da construção e os diversos usos ao longo do tempo. É uma referência na cidade por ser uma construção central, onde funcionou, até há poucos anos, um prostíbulo.



Imagem 25 - Casa Cora Bolívar e Balaústre.

Justificativa: antiguidade da casa e por ser uma fachada bem preservada.

## Cursista 2



Imagem 26 - Linha férrea e balaústre – foto selecionada para a exposição.

Justificativa da cursista: símbolo da chegada da modernidade na cidade. Selecionada pela autora por representar um período de transformações em Viçosa e por aparecer em vários pontos da cidade, sendo referência para diversos moradores

## Cursista 3



Imagem 27 - Cine-Brasil.

Justificativa da cursista: importância cultural deste cinema na cidade até a década de 1990.



Imagem 28 - Congado de São José do Triunfo – foto selecionada para a exposição.

Justificativa: manifestação cultural popular que acontece desde a década de 1930.



Imagem 29 - Violeiros.

Justificativa: representa o saber-fazer da moda de viola. Considera que Viçosa tem fama na região por possuir grandes violeiros.



Imagem 30 - Fundos da Casa de Nello Nuno.

Justificativa: Busca representar uma ideia, a infância do pintor Nello Nuno, por meio da localização de um lugar. Imagem que a própria fotógrafa construiu de um local semelhante no qual este artista poderia ter vivido a sua infância.

Cursista 5



Imagem 31 - Trecho do rio São Bartolomeu.

Justificativa: é uma importante fonte de oferecimento de água para abastecimento público. O autor busca, com a seleção deste bem natural, problematizar o descaso com esse patrimônio.

Cursista 6



Imagem 32 - Recanto da Cigarra.

Justificativa: espaço dentro do Campus da UFV bastante utilizado pela comunidade viçosense. Cercado por mata, o recanto é um espaço propício para festas, piqueniques e contemplação. É utilizado pela comunidade acadêmica e outras pessoas da cidade.



Imagem 33 - Estação Cultural Hervé Cordovil.

Justificativa: a Estação Ferroviária que se localiza no centro da cidade de Viçosa, Minas Gerais, é um patrimônio tombado da cidade. Quando falamos desse patrimônio, mostra-se necessário retratar sua importância histórica, pois é onde a linha férrea Leopoldina passava, transportando consigo, periodicamente, o Presidente da República Arthur da Silva Bernardes, que vinha de trem da Capital para a sua cidade natal.



Imagem 34 - Igreja Santa Rita.

Justificativa: a Igreja de Santa Rita é um patrimônio tombado da cidade de Viçosa, Minas Gerais, sendo considerado um importante templo, uma vez que é um monumento que é lembrado indissociavelmente ao se falar da história da cidade. Também representa a forte influência do catolicismo na cultura de Viçosa.



Imagem 35 - Feira Livre.

Justificativa: a Feira de Viçosa, Minas Gerais, que acontece todos os sábados no centro da cidade, é uma das manifestações cogitadas a se tornar um patrimônio imaterial da cidade. Observo que a importância desse espaço de trocas é mais significativa para os feirantes que propriamente para a comunidade urbana viçosense, uma vez que, ao se considerar a tendência histórica de emigração rural para a cidade, é de se preocupar com a cultura camponesa regional que continua perdendo território devido ao avanço da modernidade no campo.

Cursista 8



Imagem 36 - Leilão em Ponte Nova.

Justificativa: evento importante em Ponte Nova que reúne pessoas da cidade e região.



Imagem 37 - Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Ponte Nova.

Justificativa: a imagem mostra a integração de um bem imóvel importante com a paisagem.



Imagem 38 - Pontilhão (foto selecionada para a exposição).

Justificativa: pontilhão de Ferro localizado em Ponte Nova. Selecionado pela autora, por ser considerado uma referência histórica da modernidade no início do século XX. A chegada da estrada de ferro Leopoldina Railway proporcionou mudanças no cenário econômico e cultural da cidade.

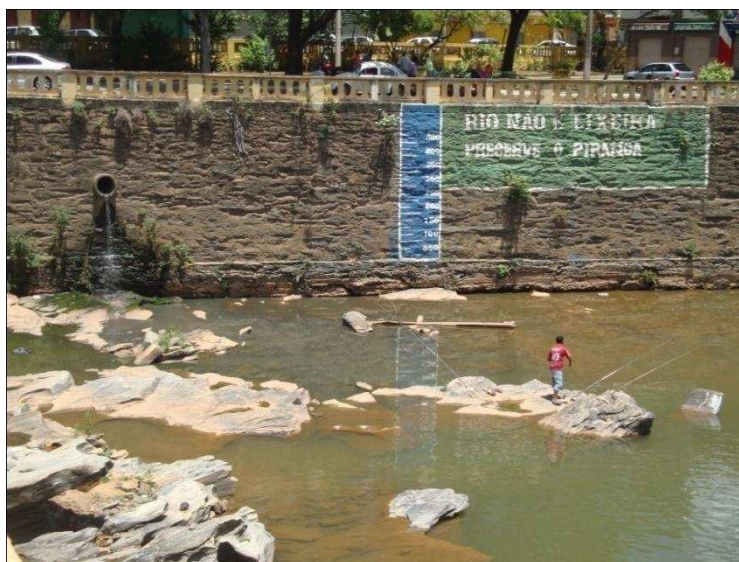


Imagem 39 - Rio Piranga, em Ponte Nova.

Justificativa: discutir e problematizar o uso que a população faz da água.



Imagem 40 - Congado em Ouro Preto.

Justificativa: manifestação cultural em Ouro Preto que marcou a fotógrafa.



Imagem 41 - Estrada Rural de Anna Florência.

Justificativa: mostra a permanência de hábitos antigos ainda hoje.

Cursista 9



Imagem 42 - Ipês da Avenida Santa Rita – foto selecionada para a exposição.

Justificativa: o autor considera que a salvaguarda dos ipês garantiria, além da beleza e conforto térmico, a permanência do passeio central da avenida, espaço utilizado pela população para passeios e encontros.



Imagem 43 - Vila Gianetti.

Justificativa: representa a recuperação de uma estrutura da universidade para outros usos. Trazer um bem antigo e atualizar seu uso.



Imagem 44 - Centro de Viçosa.

Justificativa: mostra a diversidade de construções em Viçosa, antigas (Hotel Alcântara e Hotel Rubim) e modernas. Esta rua era a antiga estrada de passagem das caravanas de carros de boi.



Imagem 45 - Procissão de Santa Rita – foto selecionada para a exposição.

Justificativa: selecionada pelo autor por ser uma manifestação religiosa antiga na cidade com participação intensa da população, incluindo a presença da Lira Santa Rita, banda tradicional da cidade, fundada na década de 1920.

Cursista 10



Imagem 46 - Sobrado em Pedra do Anta.

Justificativa: na cidade havia 21 sobrados, 1 para cada estado brasileiro. Este é um dos poucos que restou.



Imagem 47 - Palacete Imperial em Pedra do Anta.

Justificativa: Sobrado Imperial do século XIX de propriedade do município de Pedra do Anta, cidade localizada na Zona da Mata mineira, a 38 km de Viçosa, e possui 3.339 habitantes (Fonte: IBGE, estimativa de 2015). Ele é uma referência para o município, apesar do descaso com a sua conservação.

Cursista 12 (único que deu título às suas imagens)



Imagem 48 - De quem e para quem é o patrimônio, os negócios à frente da cultura.

Justificativa: mostra a fachada do primeiro hospital que foi preservada, mas no terreno construiu-se um edifício. A presença de um homem de terno na foto propõe uma discussão sobre os objetivos da preservação do patrimônio: comércio ou identidade.



Imagem 49 - Vida que segue, vida que resiste, vida que não é lembrada; o olhar distante daquele que almeja uma vida melhor.

Justificativa: relembra os antigos moradores que viviam onde hoje é a UFV e que não puderam ter acesso a ela.

As imagens foram selecionadas pelo grupo, cada participante explicou os motivos que o levaram a escolher as suas fotografias e, após vermos todas as imagens, discutimos os critérios de seleção.

A partir da vivência na Casa Arthur Bernardes, os cursistas perceberam que não seria possível pensar na seleção individual das fotografias, seria necessário pensar em um critério de comunicação. Como não teríamos educadores presentes na mostra, a exposição seria o próprio mediador entre aquilo que os cursistas compreendiam sobre o patrimônio e os visitantes. Então, para auxiliar na seleção, lançamos a seguinte questão: qual seria então a mensagem sobre o patrimônio cultural a ser apresentada aos visitantes?

Os cursistas então desejaram desmistificar o patrimônio demonstrando o pouco acesso que alguns moradores de Viçosa têm a estes bens (Edifício Arthur Bernardes), demonstrar a importância de alguns bens para a compreensão da história (Palacete Imperial, Pontilhão, linha férrea, Hotel Alcântara), discutir a falta de cuidado com o patrimônio arquitetônico (Palacete Imperial e Hotel Alcântara) e ampliar o olhar para outras referências culturais (Congado, Feira, Procissão, Ipês da Santa Rita, obras de Nello Nuno e Recanto das Cigarras) e denunciar o descaso com os bens naturais (Rio São Bartolomeu).

Para a montagem da exposição, optamos pela feitura de grandes painéis com as fotografias, sem nenhuma informação escrita, estimulando os visitantes a fazer uma leitura visual, com suas próprias interpretações. Como objeto mediador, elaboramos um pequeno

livreto com as imagens, nomes dos fotógrafos, descrição das fotografias e ficha técnica (ANEXO P). Como meio de interação com os visitantes, deixamos no livreto, alguns espaços para que eles pudessem escrever quais outros patrimônios identificavam em Viçosa, mas só apareceu uma resposta, a comunidade quilombola do Buieie.



Imagem 50 - Exposição.



Imagem 51 - Inauguração da Exposição.<sup>145</sup>

<sup>145</sup> Imagens 47 e 48: acervo pessoal de Isabela Guerra e Walkíria Martins.

No dia da inauguração na Estaçãozinha da UFV, percebemos muitos visitantes tentando identificar os locais representados e conversando sobre experiências vivenciadas. A exposição atingiu cerca de 120 visitantes e, após o encerramento, a responsável pela estaçãozinha solicitou a doação dos painéis, pois considerou que por meio deles ela poderia incentivar os visitantes da Universidade a conhecer melhor a cidade.

O curso Educação e Patrimônio, desta maneira, fechou um ciclo, iniciando pelas pesquisas, continuando com a associação de duas pesquisas diferentes, uma sobre a educação com base no patrimônio em Viçosa e outra sobre a educação em museus para construir um projeto comum, a realização do curso e o retorno dos resultados para a comunidade.

Procuramos, ao longo deste curso, não apenas explicar e introduzir conceitos relativos a museus, educação e patrimônio, mas usar os elementos percebidos ao longo da pesquisa para atuar como mediadoras ao longo do processo, sempre conversando e acolhendo as experiências dos participantes e estimulando a produção de material que os ajudasse em sua atuação profissional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, percebemos que muitas questões são levantadas, outros rumos se delineiam e surge o desejo de entender mais e melhor este campo da educação em museus. Se inicialmente acreditávamos que a pesquisa poderia resultar em uma espécie de espelho considerando a experiência profissional que já tínhamos nas instituições pesquisadas, descobrimos novas e diferentes maneiras de ser um educador em museus. Daniel Miller considera que devemos “reconhecer que aceitamos sem questionar nossos próprios modos de fazer as coisas, e que somente avaliando como os outros povos têm experiências e expectativas diferentes das nossas é que poderemos questionar nossas próprias experiências e expectativas”.<sup>146</sup> No nosso caso, não observamos outros povos, mas sim profissionais com cujo trabalho temos bastante proximidade, mas, mesmo assim, vimos outros educadores atuando de maneira diferente daquela com a qual estamos habituados. Esta foi a riqueza da pesquisa de caráter etnográfico neste trabalho, pois ela possibilitou novas descobertas, mesmo em ambientes e atividades para mim tão familiares. A descoberta de outros autores, propostas e modos de trabalho estimulou minhas reflexões sobre o meu próprio modo de atuar.

Vale lembrar que a pesquisa é sempre o retrato de um momento, pode ser que daqui a um tempo as maneiras de estes sujeitos atuarem se modifiquem e então novas pesquisas poderão chegar a conclusões diferentes.

Ao longo da pesquisa, percebemos que há maneiras específicas de atuar em um museu, cada mediador faz novas adaptações de acordo com seu conhecimento prévio, sua formação inicial e a demanda do grupo visitante. Estas experiências são então compartilhadas entre os educadores e se tornam repertório para novas mediações. Mas também existe um certo núcleo duro, princípios e propostas específicas dos museus. Para chegarmos a tal conclusão, a pesquisa em duas instituições diferentes e a observação de diversos educadores mostrou-se profícua. Todos os educadores procuraram fazer uma descoberta dirigida, mantiveram princípios ligados à dialogia. Além disso, buscaram objetos e imagens específicas na exposição para discutir a cidade. Os educadores também se posicionam como atores no processo de democratização cultural.

Os educadores dos museus pesquisados e as postagens dos usuários no blog Plano Nacional de Educação Museal abordaram a necessidade de uma profissionalização deste

---

<sup>146</sup> MILLER, Daniel. Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar. 2013. p. 50.

profissional, incluindo as questões salariais e a formação desse sujeito. Tanto no MHAB, quanto na CK este problema é evidente, apenas os coordenadores dos educativos sendo realmente profissionais das instituições e os outros vivenciando contratos temporários ou como estagiários ou como contratados por meio da Associação de Amigos. Em relação à formação, muitos consideraram o início da atuação nos museus como também o início da sua formação. É uma formação que acontece em serviço. A partir desta percepção, pensamos em elaborar um curso de formação, que pudesse introduzir questões relacionadas a museus, patrimônio cultural, mediação e as relações entre educação e patrimônio. Como um curso livre com carga horária curta, produzimos um material que pudesse servir de referência aos participantes e ao longo das aulas nos possibilitasse introduzirmos estas questões. O curso seria como uma porta de acesso a estes princípios. Não pretendíamos com um curso fornecer uma formação profissional, mas principalmente gerar reflexões e despertar o desejo nos participantes de conhecer mais sobre as temáticas abordadas.

A construção de um projeto prático, necessário em um mestrado profissional, a partir da pesquisa, não se mostrou tarefa fácil. A opção por um curso compartilhado com outra pesquisadora mostrou-nos a riqueza e os desafios de um trabalho coletivo, algo sempre dito pelos educadores das instituições pesquisadas que acreditam que só o trabalho coletivo e o conhecimento da cidade na qual a instituição se insere possibilita um trabalho realmente significativo.

As perguntas iniciais da pesquisa propunham compreender a especificidade da educação museal e a formação e atuação dos educadores de museus. Ao longo da pesquisa, percebemos ser essa uma profissão ainda pouco valorizada e reconhecida, como destacado no blog do PNEM.

Concluimos que a formação dos educadores acontece principalmente na ação, apesar de um crescente número de cursos com esta temática.<sup>147</sup> A formação inicial dos educadores, sua graduação de origem, influencia a sua maneira de mediar, por isso vimos projetos educativos diferentes dentro da mesma instituição. Mas o compartilhamento da informação entre educadores por meio de reuniões, blogs, fichas avaliativas, conversas informais e

---

<sup>147</sup> Em 2016, a primeira turma finalizou o curso de pós-graduação em educação museal na modalidade especialização. O curso realizado por meio de parceria técnica entre os Museus Castro Maya/Chácara do Céu e o Museu da República, representado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), via Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC). O Curso, pioneiro neste nível de ensino no país, tem como objetivo preencher uma lacuna na formação dos profissionais educadores em museus e centros culturais do país. Disponível em: <<http://pnem.museus.gov.br/>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

leituras compartilhadas de textos teóricos ainda é o principal meio de atualização e reflexão destes atores.

Tomamos por referência a exposição como o currículo com o qual os educadores devem trabalhar, mas percebemos com a observação das visitas que a exposição é uma das referências. Os educadores promovem muitas adaptações na sua maneira de atender o público de acordo com a demanda deste ou de situações que se desenrolam no decorrer das visitas.

Nos museus pesquisados, os educadores buscam construir conhecimento a partir dos objetos expostos e também promover o acesso cultural aos indivíduos, buscando sempre dialogar e acolher o conhecimento dos visitantes. Na visita ao museu, também percebemos que a aprendizagem é influenciada pelo tempo de permanência e de observação, o movimento do corpo dos visitantes e a presença dos objetos.

A educação em museus teve seu papel ampliado nos últimos anos e esperamos que os dados analisados aqui possam colaborar para estudos nessa área e estimular a reflexão sobre o papel educacional dos museus. Acreditamos que ainda há muitos debates a serem feitos e que os diversos desafios a serem superados estimulem novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Valéria Peixoto. O mediador cultural: considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museus e exposições de arte. Dissertação (Mestrado em Artes). UNESP, São Paulo. 2008.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. MHAB 70 anos: o museu e a cidade sem fim. In: OLIVEIRA, Leônidas José. O museu e a cidade sem fim: setenta anos de história preservada no MHAB, o Museu da Cidade. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Museu Histórico Abílio Barreto, 2013.

ANGROSINO, Michael. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAUJO, Vanessa Barboza de. Ensinar a ler a cidade: práticas de estudo na urbe na educação básica. Universidade do Estado de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em Educação), Belo Horizonte, 2014.

ARAUJO, Vanessa Barboza; FERNANDES, Joanna Guimarães. Casarão do MHAB- Museu da cidade: caderno de visitação. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2010.

BAHIA, Denise. A arquitetura política e cultural do tempo histórico da modernização de Belo Horizonte (1940-945). Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BENNETT, Tony. The Birth of the museum. London: Routledge, 1995a.

BENNETT, Tony. The formation of the museum. In: The Birth of the museum: history, theory, politics. Londres: Routledge, 1995b. p. 17-25.

BENSAUDE, Vincent Bernadett. A genealogy of the increasing gap between science and the public. Public Understans. Sci., 10, p. 99-113, 2001.

BERNARDI, Andreia de Menezes. Mediação cultural e direito à memória: a mediação cultural como promotora do acesso aos museus. 2012. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Andreia73/mediao-cultural-e-direito-memria>>.

BERNSTEIN, Basil. Estruturação do discurso pedagógico: classe, código e controle. Petrópolis. 1996.

BERTELLI, Mariana de Queiroz. Identidades, imagens e papéis museais nos discursos institucionais sobre a relação museu-escola. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alan. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: Zouk, 2001.

BURKE, Peter. Variedades da História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CABRAL, Magaly. Educação em museus-casas históricas. Disponível em: <[www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br)>. Acesso em: 20 ago. 2015.

CANCLINI, Néstor Garcia. Museu para a globalização. Cadernos do CECOM, ano 27, n. 41- Museologia Social, p. 36-45.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do Nacional. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 23, p. 94-112, 1994. p. 109.

CANDAU, Joël. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2014.

CARDOSO, Rafael. Coleção e construção de identidades: museus brasileiros na encruzilhada. In: BITTENCOURT, José; BENCHETRIT, Sarah e TOSTES, Vera (Org.). A História representada: o dilema dos museus. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

CASASSANTA, Mário. O Museu da Cidade. Folha de Minas. Belo Horizonte, 06 ago. 1946.

CASTILLA, Américo. O mal-estar nos museus. Palestra proferida no I Simpósio Internacional de Educação em Museus, organizado pela Rede Informal de Museus e Centros Culturais em maio de 2014.

CAZELLI, Sibele. Ciência, Cultura, Museus, Jovens e Escolas: quais as relações? 2005 Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. 260p.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Patrimônio Cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005.

CHAGAS, M. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999.

CHAGAS, Mário; CHAGAS, Vicktor. 1968 e a morte dos museus. Revista Museu: cultura levada a sério. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/emfoco/emfoco.asp?id=17273>>. Acesso em: 13 out. 2015.

CHUVA, Márcia Regina. Os arquitetos da memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

COSTA, Carina Martins. Uma arca das tradições: educar e comemorar no Museu Mariano Procópio. Tese (Doutorado) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, Janice Pereira. Ensinando a ser cidadão: memória nacional, história e poder no Museu da Inconfidência, 1938-1990. Dissertação (Mestrado em História), Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

COSTA, Thiago Carlos; PIMENTEL, Thaís Veloso Cougo. Monografias tridimensionais: exposições de média e curta duração do Museu Histórico Abílio Barreto. In: JULIÃO, Letícia. Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus - curadorias, exposições e ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas. Gerais: Superintendência de Museus, 2008.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. Ensino em Re-vista, v. 20, n. 1, p. 13-28, jan./jun. 2013.

DURSTON, James. Why I hate museums CNN, 22 ago. 2013. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2013/08/22/travel/opinion-why-i-hate-museums/>>.

DUTRA, Soraia F. A educação na fronteira entre museus e escolas: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto. 2012. 468 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GRINSPUM, Denise. Educação para o patrimônio: museu de arte e escola - responsabilidade compartilhada na formação de públicos. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

ARAUJO, Vanessa Barboza; FERNANDES, Joanna Guimarães. Casarão do MHAB - Museu da cidade: caderno de visitação. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2010.

GUIMARAENS, Cêça; KESSEL, Carlos; SANTOS, Afonso Marques (Org.). Museus & cidades: livro do seminário internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

HALBAWCHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

HONORATO, Cayo. A formação de mediadores e um currículo da mediação. Encontro ANPAP, 2013. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2013/ANAIS/comites/eav/Cayo%20Honorato.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2015.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN: Museu Imperial, 1999.

HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KUBITSCHKE, Juscelino. Meu caminho para Brasília: a escalada política. Rio de Janeiro: Bloch, 1976. V. 2, p. 31, apud BAHIA, Denise. A arquitetura política e cultural do tempo histórico da modernização de Belo Horizonte (1940-945). Tese (Doutorado em História). Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. p. 110.

LARROSA BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. p. 23.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Maria Margareth. A favor da desescolarização dos Museus. Educação e Sociedade, n. 40, p. 443-455, dez. 1991.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Projeto História, São Paulo, 17, p. 63-201, nov. 1998.

MAGALHÃES, Alice Montenegro; RAMOS, Francisco Régis. De objetos a palavras: reflexões sobre as exposições em Museus de História. In: JULIÃO, Letícia (Coord.). Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus; curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

MARANDINO, Martha. Por uma didática museal: propondo bases sociológicas e epistemológicas para análise da educação em museus. Tese (Livre Docência), Universidade de São Paulo, 2011.

MARTINS, Luciana (Org.). Que público é esse? Formação de públicos em Museus e Centros Culturais. São Paulo: Percebe, 2013.

MARTINS, Luciana Conrado. A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2011.

MARTINS, Maria Helena Pires. Ecomuseu. In: TEIXEIRA Coelho. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras, 1999.

MARTINS, Mirian Celeste; PSICOSQUE, Gisa. Mediação cultural para professores andarilhos na cultura. São Paulo: Intermeios, 2012.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. In: MATTOS, Carmem; CASTRO, Paula de Almeida (Org.). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2016.

MATTOS, Carmem; CASTRO, Paula de Almeida (Org.). Etnografia e educação: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2016.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e Educação para o Patrimônio. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 47, p. 135-155, 2008.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 27, p. 91-102, jan./jun. 2000.

MENESES, Ulpiano Bezerra. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico. Anais do Museu Paulista, São Paulo, jan./dez. 1994, p. 9-42.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

MENESES, Ulpiano. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. [s.n.t.].

MESA-Redonda de Santiago do Chile. ICOM, 1972.

MILLER, Daniel. Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MUSEU Paulista. Como explorar um museu histórico. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992

MUSEUS em Números. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Disponível em: [http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus\\_em\\_numeros\\_volume1.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf). Acesso em: 01/12/2014.

NASCIMENTO JUNIOR, José do; SANTOS, Paula Assunção dos; TRAMPE, Alan. Mesa Redonda de Santiago do Chile 8 Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: Mesa-Redonda de Santiago de Chile, 1972. Brasília: Ibram/MinC; Programa Iberoamericanos, 2012. Disponível em: <[http://www.iberomuseus.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion\\_Mesa\\_Redonda\\_VOL\\_I.pdf](http://www.iberomuseus.org/wp-content/uploads/2014/09/Publicacion_Mesa_Redonda_VOL_I.pdf)>. Acesso em: 16 fev. 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Leônidas (Org.). O Museu e a cidade sem fim: setenta anos de história preservada no MHAB, o Museu da Cidade. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2013.

PAMUK, Orhan. A Modest Manifesto for museums. Disponível em: <<http://craftcouncil.org/magazine/article/modest-manifesto-museums>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

PAMUK, Orhan. O Museu da Inocência. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

PEREIRA, Júnia Sales. Arbítrio e sensibilidade na aprendizagem histórica atravessada pelos museus. In: DALBEN, Ângela et al. (Org.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Coleção Didática e prática de ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo (Org.). Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade – 1993-2003. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004a.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Crônicas da revitalização de um museu público. In: PIMENTEL, Thaís Velloso (Org.). Reinventando o MHAB: o museu e seu novo lugar na cidade, 1993-2003. Belo Horizonte: Museu Histórico Abílio Barreto, 2004b. p. 13-34.

PINHO, Frederico Alves. Tecendo narrativas, costurando tempos: ensino e aprendizagem de história no Museu de Artes e Ofícios. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Minas Gerais, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POMIAN, Krzysztof. Collectors & Curiosities. Cambridge: Polity Press/Oxford: Basil Blackwell, 1990.

POSSAS, Helga Cristina Gonçalves. Classificar e ordenar: os gabinetes de curiosidades e a História Natural. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna. 2. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

POULOT, Dominique. Museu e Museologia. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.

RANCIÈRE, J. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílían do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RANCIÉRE, Jacques. O Espectador Emancipado. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SANTOS, Myriam Sepúlveda. Museus, liberalismo e Indústria Cultural. Ciências Sociais, São Leopoldo, v. 47, n. 3, p. 189-198, set.-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/938/93821299002.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

SANTOS, Luciola Licinia de Castro Paixão et al. (Org.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TARJA Branca: a revolução que faltava. Direção Cacau Rohden. Produção: Maria Farinha Filmes, 2014.

TEIXEIRA COELHO. Dicionário Crítico de política cultural. 2. ed. São Paulo: FAPESP/Illuminuras, 1999. Verbetes Mediação Cultural.

TODOROV, Tzvetan. La memória amenazada. Espanha: Ariela, 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

## **Documentos**

AValiação das ações 2014- Setor Educativo. Arquivo institucional do MHAB.

BRASIL. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e da outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acesso em: 20 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais. História/terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC, 1998.

CASA KUBITSCHKE. Educativo. [s.d.]. Arquivo Institucional da Casa Kubitschek.

CASA KUBITSCHKE. Programa educativo: educação para o patrimônio, maio de 2013. Mimeo. Arquivo Institucional da Casa Kubitschek.

GUIA de Visitação da Casa Kubitschek. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2014.

GUIA de visitação da Casa Kubitschek. Fundação Municipal de Cultura, 2013. [s.p.].

IBRAM. Documento Preliminar do Programa Nacional de Museus, 2013.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. Guia dos Museus Brasileiros. IBRAM, Brasília, 2011. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb\\_sudeste.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sudeste.pdf)>. Acesso em: 18 set. 2015.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. Metodologia para o processo de construção do Programa Nacional de Museus, 2012. Disponível em: <<http://pnem.museus.gov.br/orientacoes/>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. Museus em números, v. 1, 2011. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus\\_em\\_numeros\\_volume1.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/11/museus_em_numeros_volume1.pdf)>. Acesso em: 02 set. 2015.

PORTARIA IEPHA/MG nº 29/2012. Disponível em: <[www.iepha.mg.gov.br](http://www.iepha.mg.gov.br)>. Acesso em: 06 jul. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Anteprojeto de Restauração da Casa Kubitschek. [s.d.]. Arquivo Institucional da Casa Kubitschek.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Decreto 0091 de 26 de maio de 1941.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Diretrizes para o Projeto Museográfico da Casa JK. [s.d.], Arquivo Institucional da Casa Kubitschek.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Fôlder da Casa Kubitschek. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Guia de Visitação da Casa Kubitschek. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2014.

## ANEXOS

### Anexo A – Diário do Mediador/MHAB 2015

**Adô-fobia** Nosso notebook maravilhoso para variar não está funcionando, estou fazendo esse relato aqui de casa então se ele estiver fora da sequência de datas é por esse motivo!

Hoje foi dia de SMED, mas com a maravilha que está o nosso acesso virtual não consigo ver informações sobre o Projeto da escola que vem, mas a boa notícia é que era a Escola Dulce Maria Homem que eu já havia atendido uma outra vez. A má notícia? Eram adolescentes! Adôs! NÃO!

Mas tudo transcorreu relativamente bem... Fizemos o acolhimento com a dinâmica dos cartões de perguntas para já puxar a discussão para a questão das identidades (construindo um indivíduo coletivo a partir de pedacinhos identitários de cada um dos presentes, e assim discutir também a(s) identidade(s) da cidade, e as seleções da narrativa do museu). Depois da conversa visitamos às exposições de forma mais livre, e nos reunimos, por fim, no quatinho, onde eu separei as peças do nosso acervinho e luvas para que pudessem manuseá-las e investigá-las. O eixo temático escolhido foi “museu de cidade”. A partir das peças do acervinho começamos a conversar sobre os objetos como documentos, e retomamos a conversa sobre as escolhas na construção da narrativa. Os alunos também falaram um pouco sobre o que mais havia lhes chamado atenção no museu.

Por fim, surgiu a proposta de que a turma fizesse uma cápsula do tempo – assim como a que haviam visto na sala do Teatro – e que depositassem nessa caixa objetos, e relatos sobre seu cotidiano no ano de 2015. Cada um deveria selecionar um ou mais itens, e tentar refletir sobre o que este item comunicaria sobre a sua realidade para quem quer que fosse que abrisse a caixa – eles deveriam definir também quanto tempo a caixa ficaria guardada, para quem ela se destinaria, como armazenariam os itens, etc.

Conclusão: eu tenho que superar minha fobia dos adôs! Eu sei que o problema está mais na minha cabeça que neles! A turma hoje era até legal... Mas não sei o que acontece, só de ver aquela faixa etária marcada na agenda eu já começo a entrar em modo pânico, e me desestruturar toda..... Acho que eu me sinto tão à vontade com as crianças, a linguagem do brincar, a abertura e aceitação às propostas que por contraste fico completamente insegura com os mais velhos. Não consigo conversar com eles como com os visitantes adultos, tampouco ser brincante como posso ser com as crianças. Preciso achar uma via de mediação que atenda as especificidades do grupo e que acabe – ou, pelo menos, dê - uma amenizada – nesse meu pânico!

Bom, enfim, por hoje é isso aí gente!

## Anexo B – Ficha Avaliativa do professor- CK 01



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE



ESTA AVALIAÇÃO CONTRIBUIRÁ PARA MELHORIA DO NOSSO ATENDIMENTO.  
SOLICITAMOS PREENCHÊ-LA E ENTREGÁ-LA AO MEDIADOR, OBRIGADO.

1) DATA DA VISITA: 25/06/15 PERÍODO: ☒ MANHÃ ☐ TARDE

2) NOME DA INSTITUIÇÃO: CASA KUBITSCHKE

3) REGIONAL:

☐ BARREIRO ☒ PAMPULHA ☐ LESTE ☐ NORDESTE ☐ NOROESTE ☐ NORTE ☐ CENTRO-SUL ☐ OESTE ☐ VENDA NOVA

4) INSTITUIÇÃO:

☒ PÚBLICA MUNICIPAL ☐ PÚBLICA ESTADUAL ☐ PÚBLICA FEDERAL ☐ PARTICULAR ☐ OUTROS

5) NÚMERO DE ALUNOS: 26 6) SÉRIE / CICLO-ETAPA: 6º 7) FAIXA ETÁRIA: 10-12

8) O QUE MOTIVOU A VISITA DO SEU GRUPO AO MUSEU?

CONHECIMENTO, NOVAS EXPERIÊNCIAS PARA OS ALUNOS, IDENTIFICAR FORMAS GEOMÉTRICAS, CONHECIMENTO HISTÓRICO, ESPAÇO GEOGRÁFICO, SOCIALIZAÇÃO.

9) Marque com um X o conceito que melhor representa sua opinião sobre a visita ao museu:

| ITENS DE AVALIAÇÃO                                 | RUIM | BOM | MUITO BOM | EXCELENTE |
|----------------------------------------------------|------|-----|-----------|-----------|
| 1 - Infra-estrutura do museu                       |      |     |           |           |
| 2 - Conteúdos das exposições visitadas             |      |     | X         |           |
| 3 - Metodologias utilizadas na visita              |      |     |           | X         |
| 4 - Desempenhos dos mediadores (instrutores)       |      |     |           | X         |
| 5 - Interações dos mediadores com os participantes |      |     |           | X         |

10) Você desenvolveu atividades preparatórias com os alunos? Quais?

TODO O GRUPO DE PROFESSORES DO 6º ANO DESENVOLVERAM ATIVIDADES EM SUAS RESPECTIVAS ÁREAS.

11) Registre os aspectos positivos e negativos, sugestões ou outros comentários sobre a visita:

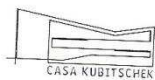
ACOLHIMENTO EXCELENTE  
ÓTIMO ESPAÇO DE CONHECIMENTO  
ACERVO DIVERSIFICADO  
ÓTIMOS INSTRUTORES

NOME:

CARGO

EMAIL:

## Anexo C – Ficha Avaliativa do educador CK 01



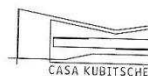
PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

Visita à Casa Kubitschek

|                                                                                                                                                                                                                                                                           |                            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------|
| Nome do educador responsável:                                                                                                                                                                                                                                             | <input type="text"/>       |
| Data:                                                                                                                                                                                                                                                                     | 25/06/15                   |
| Nome da escola:                                                                                                                                                                                                                                                           | E. M. <input type="text"/> |
| Nome do professor que acompanhou o grupo:                                                                                                                                                                                                                                 | <input type="text"/>       |
| Disciplina que ministra:                                                                                                                                                                                                                                                  | Matemática                 |
| 1-Quanto ao envolvimento do professor responsável: (observações em relação à disciplina, intervenções durante a mediação, conhecimento do conteúdo, interação com o educador).<br>fez alguns comentários no decorrer da visita e contribuiu para a organização dos alunos |                            |
| 2-Quanto ao envolvimento dos alunos: (participação, disciplina).<br>Estavam bem atentos e curiosos quanto aos temas apresentados                                                                                                                                          |                            |
| 3-Quanto aos conhecimentos prévios trazidos pelos alunos: (conteúdo).<br>Fizeram atividades em sala sobre JK                                                                                                                                                              |                            |
| 4-Comentários:                                                                                                                                                                                                                                                            |                            |

Assinatura

## Anexo D – Ficha Avaliativa do professor CK 02



ESTA AVALIAÇÃO CONTIBUIRÁ PARA MELHORIA DO NOSSO ATENDIMENTO.  
SOLICITAMOS PREENCHÊ-LA E ENTREGÁ-LA AO MEDIADOR, OBRIGADO.

1) DATA DA VISITA: 24/06/15 PERÍODO: ☒ MANHÃ ☐ TARDE

2) NOME DA INSTITUIÇÃO: E.M.

3) REGIONAL:

☐ BARREIRO ☐ PAMPULHA ☐ LESTE ☒ NORDESTE ☐ NOROESTE ☐ NORTE ☐ CENTRO-SUL ☐ OESTE ☐ VENDA NOVA

4) INSTITUIÇÃO:

☒ PÚBLICA MUNICIPAL ☐ PÚBLICA ESTADUAL ☐ PÚBLICA FEDERAL ☐ PARTICULAR ☐ OUTROS

5) NÚMERO DE ALUNOS: 36 6) SÉRIE / CICLO-ETAPA: 1º ciclo 7) FAIXA ETÁRIA: 8-9 anos

8) O QUE MOTIVOU A VISITA DO SEU GRUPO AO MUSEU?

A parceria com a PBH e a vontade de conhecer a casa e a história de B.H.

9) Marque com um X o conceito que melhor representa sua opinião sobre a visita ao museu:

| ITENS DE AVALIAÇÃO                                 | RUIM | BOM | MUITO BOM | EXCELENTE |
|----------------------------------------------------|------|-----|-----------|-----------|
| 1 – Infra-estrutura do museu                       |      |     |           |           |
| 2 – Conteúdos das exposições visitadas             |      | X   |           |           |
| 3 – Metodologias utilizadas na visita              |      |     | X         |           |
| 4 – Desempenhos dos mediadores (instrutores)       |      |     | X         |           |
| 5 – Interações dos mediadores com os participantes |      |     | X         |           |

10) Você desenvolveu atividades preparatórias com os alunos? Quais?

Sim. Foi contada em poucas palavras a história da casa e seus habitantes

11) Registre os aspectos positivos e negativos, sugestões ou outros comentários sobre a visita:

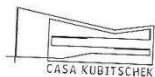
Foi muito bom no geral

NOME:

CARGO/ FORMAÇÃO: Professora

EMAIL:

## Anexo E – Ficha avaliativa do educador CK 02



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

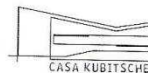
Visita à Casa Kubitschek

|                                                                                                                                                                                |                  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------|
| Nome do educador responsável:                                                                                                                                                  | [Redacted]       |
| Data:                                                                                                                                                                          | 24/06/2015       |
| Nome da escola:                                                                                                                                                                | E. M. [Redacted] |
| Nome do professor que acompanhou o grupo:                                                                                                                                      | [Redacted]       |
| Disciplina que ministra:                                                                                                                                                       |                  |
| 1-Quanto ao envolvimento do professor responsável: (observações em relação à disciplina, intervenções durante a mediação, conhecimento do conteúdo, interação com o educador). |                  |
| Fez poucas intervenções mas ajudou um pouco na disciplina dos alunos                                                                                                           |                  |
| 2-Quanto ao envolvimento dos alunos: (participação, disciplina).                                                                                                               |                  |
| Estavam muito agitados, mas tinha alguns interessados na visita.                                                                                                               |                  |
| 3-Quanto aos conhecimentos prévios trazidos pelos alunos: (conteúdo).                                                                                                          |                  |
| Não fizeram atividades em sala                                                                                                                                                 |                  |
| 4-Comentários:                                                                                                                                                                 |                  |
|                                                                                                                                                                                |                  |
|                                                                                                                                                                                |                  |
|                                                                                                                                                                                |                  |
|                                                                                                                                                                                |                  |

Assinatura:

[Redacted]

## Anexo F – Ficha Avaliativa do Professor CK 3



ESTA AVALIAÇÃO CONTIBUIRÁ PARA MELHORIA DO NOSSO ATENDIMENTO.  
SOLICITAMOS PREENCHÊ-LA E ENTREGÁ-LA AO MEDIADOR, OBRIGADO.

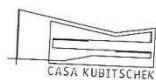
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                          |                                                                                   |                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|
| 1) DATA DA VISITA: <u>24/06/2015</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                          | PERÍODO: <input checked="" type="checkbox"/> MANHÃ <input type="checkbox"/> TARDE |                                     |
| 2) NOME DA INSTITUIÇÃO: <u>Em</u> <span style="border: 1px solid black; display: inline-block; width: 150px; height: 20px; vertical-align: middle;"></span>                                                                                                                                                             |                                                          |                                                                                   |                                     |
| 3) REGIONAL:                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                          |                                                                                   |                                     |
| <input type="checkbox"/> BARREIRO <input type="checkbox"/> PAMPULHA <input type="checkbox"/> LESTE <input checked="" type="checkbox"/> NORDESTE <input type="checkbox"/> NOROESTE <input type="checkbox"/> NORTE <input type="checkbox"/> CENTRO-SUL <input type="checkbox"/> OESTE <input type="checkbox"/> VENDA NOVA |                                                          |                                                                                   |                                     |
| 4) INSTITUIÇÃO:                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                          |                                                                                   |                                     |
| <input checked="" type="checkbox"/> PÚBLICA MUNICIPAL <input type="checkbox"/> PÚBLICA ESTADUAL <input type="checkbox"/> PÚBLICA FEDERAL <input type="checkbox"/> PARTICULAR <input type="checkbox"/> OUTROS                                                                                                            |                                                          |                                                                                   |                                     |
| 5) NÚMERO DE ALUNOS: <u>19</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                          | 6) SÉRIE / CICLO-ETAPA: <u>3º ano</u><br><u>1º ciclo</u> | 7) FAIXA ETÁRIA: <u>8/9 anos</u>                                                  |                                     |
| 8) O QUE MOTIVOU A VISITA DO SEU GRUPO AO MUSEU?                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                          |                                                                                   |                                     |
| <u>Conhecer a história, a arquitetura e arte da Casa de JK.</u>                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                          |                                                                                   |                                     |
| 9) Marque com um X o conceito que melhor representa sua opinião sobre a visita ao museu:                                                                                                                                                                                                                                |                                                          |                                                                                   |                                     |
| ITENS DE AVALIAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | RUIM                                                     | BOM                                                                               | MUITO BOM                           |
| 1 – Infra-estrutura do museu                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                          |                                                                                   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 2 – Conteúdos das exposições visitadas                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                          |                                                                                   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 3 – Metodologias utilizadas na visita                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                          |                                                                                   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 4 – Desempenhos dos mediadores (instrutores)                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                          |                                                                                   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 5 – Interações dos mediadores com os participantes                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                          |                                                                                   | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 10) Você desenvolveu atividades preparatórias com os alunos? Quais?                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                          |                                                                                   |                                     |
| <u>Sim. Pesquisa na internet sobre a vida e a Casa de JK.</u>                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                          |                                                                                   |                                     |
| 11) Registre os aspectos positivos e negativos, sugestões ou outros comentários sobre a visita:                                                                                                                                                                                                                         |                                                          |                                                                                   |                                     |
| <u>O passeio propiciou ampliação de conhecimento de maneira interativa e prazerosa.</u>                                                                                                                                                                                                                                 |                                                          |                                                                                   |                                     |
| <u>Parabéns pelo trabalho!</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                          |                                                                                   |                                     |

NOME:

CARGO/ FORMAÇÃO: Professora

EMAIL:

## Anexo G – Ficha avaliativa do Educador CK 3



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

Visita à Casa Kubitschek

Nome do educador responsável:

Data: 24/06/2015

Nome da escola: E.M.

Nome do professor que acompanhou o grupo:

Disciplina que ministra: Professora

1-Quanto ao envolvimento do professor responsável: (observações em relação à disciplina, intervenções durante a mediação, conhecimento do conteúdo, interação com o educador).

Os professores participaram da mediação, chamando a atenção quanto ao conteúdo e disciplina. No entanto, os professores mostram o papel de quem no museu devem se comportar como no ensino. A mediação não é uma atividade do museu. É preciso trabalhar melhor com os professores.

2-Quanto ao envolvimento dos alunos: (participação, disciplina).

As crianças estavam muito interessadas.

3-Quanto aos conhecimentos prévios trazidos pelos alunos: (conteúdo).

Sabiam sobre a Lapa, sobre a casa, quem era Juscelino.

4-Comentários:

Senti falta de uma atividade mais interativa.

A professora

Assinatura:

## Anexo H – Ficha Avaliativa Professor CK 04



OK Smp PP 28/05/2015  
gao



ESTA AVALIAÇÃO CONTRIBUIRÁ PARA MELHORIA DO NOSSO ATENDIMENTO.  
SOLICITAMOS PREENCHÊ-LA E ENTREGÁ-LA AO MEDIADOR, OBRIGADO.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| 1) DATA DA VISITA: <u>21/05/15</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                      | PERÍODO: <input checked="" type="checkbox"/> MANHÃ <input type="checkbox"/> TARDE |                                     |                                     |
| 2) NOME DA INSTITUIÇÃO: <div style="border: 1px solid black; width: 150px; height: 15px; display: inline-block;"></div>                                                                                                                                                                                                 |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| 3) REGIONAL:                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| <input type="checkbox"/> BARREIRO <input type="checkbox"/> PAMPULHA <input type="checkbox"/> LESTE <input type="checkbox"/> NORDESTE <input type="checkbox"/> NOROESTE <input type="checkbox"/> NORTE <input type="checkbox"/> CENTRO-SUL <input type="checkbox"/> OESTE <input checked="" type="checkbox"/> VENDA NOVA |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| 4) INSTITUIÇÃO:                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| <input checked="" type="checkbox"/> PÚBLICA MUNICIPAL <input type="checkbox"/> PÚBLICA ESTADUAL <input type="checkbox"/> PÚBLICA FEDERAL <input type="checkbox"/> PARTICULAR <input type="checkbox"/> OUTROS                                                                                                            |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| 5) NÚMERO DE ALUNOS: <u>20</u>                                                                                                                                                                                                                                                                                          | 6) SÉRIE / CICLO-ETAPA: <u>3º Et</u> | 7) FAIXA ETÁRIA: <u>8-9 ANOS</u>                                                  |                                     |                                     |
| 8) O QUE MOTIVOU A VISITA DO SEU GRUPO AO MUSEU?                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| <u>O circuito de Museus e sua proposta</u>                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| 9) Marque com um X o conceito que melhor representa sua opinião sobre a visita ao museu:                                                                                                                                                                                                                                |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| ITENS DE AVALIAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | RUIM                                 | BOM                                                                               | MUITO BOM                           | EXCELENTE                           |
| 1 – Infra-estrutura do museu                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                      |                                                                                   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 2 – Conteúdos das exposições visitadas                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                      |                                                                                   |                                     | <input checked="" type="checkbox"/> |
| 3 – Metodologias utilizadas na visita                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                      |                                                                                   | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |
| 4 – Desempenhos dos mediadores (instrutores)                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                      |                                                                                   | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |
| 5 – Interações dos mediadores com os participantes                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                      | <input checked="" type="checkbox"/>                                               | <input checked="" type="checkbox"/> |                                     |
| 10) Você desenvolveu atividades preparatórias com os alunos? Quais?                                                                                                                                                                                                                                                     |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| <u>Sim. Uma apresentação de slides sobre os locais a serem visitados no Circuito Arquitetônico de Pampulha</u>                                                                                                                                                                                                          |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| 11) Registre os aspectos positivos e negativos, sugestões ou outros comentários sobre a visita:                                                                                                                                                                                                                         |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |
| <br><br><br>                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                      |                                                                                   |                                     |                                     |

NOME:

CARGO/ FORMAÇÃO: Coordenador Pedagógico / Licenciatura em Artes Visuais

EMAIL:

## Anexo I – Ficha Avaliativa Educador CK 04



PREFEITURA  
BELO HORIZONTE

Visita à Casa Kubitschek

|                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                      |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| Nome do educador responsável:                                                                                                                                                                                                                                                         | [Redacted]                                           |
| Data:                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 21/05/2015                                           |
| Nome da escola:                                                                                                                                                                                                                                                                       | E. M. [Redacted]                                     |
| Nome do professor que acompanhou o grupo:                                                                                                                                                                                                                                             | [Redacted]                                           |
| Disciplina que ministra:                                                                                                                                                                                                                                                              | Coordenador Pedagógico/Licenciatura em Artes Visuais |
| 1-Quanto ao envolvimento do professor responsável: (observações em relação à disciplina, intervenções durante a mediação, conhecimento do conteúdo, interação com o educador).<br>Fez a mediação junto com o mediador, chamando a atenção para aspectos arquitetônicos e mobiliários. |                                                      |
| 2-Quanto ao envolvimento dos alunos: (participação, disciplina).<br>Fizeram muitas perguntas e eram bastante curiosos.                                                                                                                                                                |                                                      |
| 3-Quanto aos conhecimentos prévios trazidos pelos alunos: (conteúdo).<br>Conheciam os temas das exposições; Pampulha Nova, Pampulha Velha, JK, Niemeyer, etc.                                                                                                                         |                                                      |
| 4-Comentários:<br>Perceberam o simbolismo da exposição da opressão, em relação às cores.                                                                                                                                                                                              |                                                      |

Assinatura:

[Redacted Signature]

## **Anexo J – Ementa do curso entregue nas escolas visitadas**

### **CURSO DE EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO**



### **Curso de formação para educadores e agentes culturais da Rede Pública Municipal de Viçosa – MG**

#### **“Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo**

O curso pretende discutir questões do patrimônio cultural de Viçosa e sua relação com a educação, através da problematização de conceitos como paisagem, memória coletiva, identidade, patrimônio e suas relações com a educação. O objetivo é possibilitar que os educadores e agentes culturais reflitam sobre a cidade como contexto de diversas relações, sobre a transformação do espaço urbano ao longo do tempo e sobre as remodelações sofridas pela paisagem urbana em decorrência do processo de modernização da cidade e das práticas patrimonialistas. O curso será composto por aulas teóricas e práticas (aulas de campo), além de dinâmicas de grupo que estimularão as discussões e trocas de conhecimentos entre os participantes. Espera-se fornecer aos educadores ferramentas para a elaboração de aulas e oficinas nas escolas e instituições culturais multiplicando saberes e possibilitando a construção de espaços de debate acerca das práticas educativas e das potencialidades da cidade. Espera-se ainda, oferecer bases teóricas e práticas para que os educadores trabalhem com seus educandos questões relacionadas à configuração e à vivência dos espaços públicos da cidade, em uma visão crítica, participativa, que estimule o envolvimento dos diferentes setores sociais e que conceba o envolvimento da sociedade com as questões patrimonialistas como um exercício de cidadania.

O curso terá duração total de 20 horas e será dividido em 5 encontros semanais de 3 horas cada e ainda o período para a produção de fotografias e montagem da exposição. Os certificados de participação serão emitidos pela Universidade Federal de Viçosa.

#### **Programação:**

**Encontro 1: 20/10/15 Horário: 18 às 21h-** discussão sobre o patrimônio da cidade a partir da observação dos professores, dinâmicas e leitura de textos. Abordagem de conceitos básicos que aproximam o campo do patrimônio ao da educação. Atividades práticas.

**Encontro 2: 24/10/2015 Horário: 9h às 12h-** aula de campo com visitas aos bens tombados e não tombados de Viçosa.

**Encontro 3: 27/10/15 Horário 18h às 21h**–Discussão teórica sobre Museus. Abordagem dos principais conceitos e realização de atividades práticas.

**Encontro 4: 29/10/2015 Horário 18 às 21h-** visita à instituição de memória, abordando os potenciais educativos do local. Local: Casa Arthur Bernardes.

**Encontro 5: 03/11/15 Horário 18 às 21h-** produção de fotografias pelos participantes que serão utilizadas para reflexão sobre o patrimônio cultural. Avaliação do curso. Duração 4 horas.

- **Finalização:** exposição das fotografias produzidas.

#### **Responsáveis:**

Isabela Tavares Guerra- historiadora, especialista em história da cultura e da arte pela UFMG, mestranda no curso de patrimônio cultural, paisagens e cidadania pela UFV Atuou como educadora em diversas instituições museológicas de Belo Horizonte.

Walkiria Maria de Freitas Martins – historiadora, mestranda no curso de patrimônio cultural, paisagens e cidadania da UFV. Atua como professora de história do ensino médio e pré-vestibular na rede particular, em Viçosa.

#### **Orientador:**

Professor Dr. Leonardo Civalé- Departamento de Geografia da UFV e do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da mesma Universidade.

**Número de vagas:** total de 30 (trinta).

**Local do curso:** Auditório do Espaço Cultural Hervê Cordovil.

**Inscrições – email:** **[belguerra@hotmail.com](mailto:belguerra@hotmail.com)**

[walkiriafreitas@yahoo.com.br](mailto:walkiriafreitas@yahoo.com.br)

Após o envio do email, o candidato receberá uma ficha de inscrição para confirmação.

## Anexo K – Ficha de Inscrição

### **Curso - Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo**

### **FICHA DE INSCRIÇÃO**

|                                      |  |                     |  |
|--------------------------------------|--|---------------------|--|
| <b>Nome:</b>                         |  |                     |  |
| <b>Endereço:</b>                     |  |                     |  |
| <b>Bairro:</b>                       |  | <b>Cidade / UF:</b> |  |
| <b>CEP:</b>                          |  | <b>Telefone:</b>    |  |
| <b>E-mail:</b>                       |  |                     |  |
| <b>Profissão:</b>                    |  |                     |  |
| <b>Estudante/ Curso:</b>             |  |                     |  |
| <b>Empresa / Instituição:</b>        |  |                     |  |
| <b>Motivo do interesse no curso:</b> |  |                     |  |

Viçosa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Assinatura:

Apoio:

Realização:



## **Anexo L – Apostila do Curso Educação e Patrimônio**



**Universidade Federal de Viçosa**  
**Departamento de História**  
**Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes**  
**Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania**

**Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo.**

**Caderno de Campo**

Isabela Tavares Guerra

Walkiria Maria de Freitas Martins

Orientador: Leonardo Civale

## **Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo**

### **Caderno de Campo**

Caro Cursista,

ao longo dos nossos encontros discutiremos questões referentes ao patrimônio cultural de Viçosa e sua relação com a educação, através da problematização de conceitos como paisagem, memória coletiva, identidade, patrimônio e museus.

Produzimos este material para possibilitar a ampliação do nosso diálogo. Nele, vocês encontrarão a discussão de conceitos básicos, as atividades que iremos experimentar ao longo do curso, além de propostas de atividades que poderão servir como referências para futuros trabalhos de vocês. Aqui, também, vocês terão espaço para registros de suas impressões, opiniões e aprendizagens.

Esperamos que este seja um momento de aprendizagem, troca de conhecimentos e experiências, aprimoramento profissional e de grande satisfação para todos nós.

Bom curso!

Isabela Guerra e Walkíria Martins

## **Memória**

Carlos Drummond de Andrade

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

**Programação:**

**Encontro 1:** discussão sobre o patrimônio da cidade, a partir da observação dos cursistas, dinâmicas e leitura de textos. Abordagem de conceitos básicos que aproximam o campo do patrimônio ao da educação. Atividades práticas. Duração: 4 horas.

**Encontro 2:** aula de campo com visitas aos bens tombados e não tombados de Viçosa. Duração: 4 horas.

**Encontro 3:** discussão teórica sobre Museus. Abordagem dos principais conceitos e realização de atividades práticas. Duração: 4 horas.

**Encontro 4:** visita à instituição de memória, abordando os potenciais educativos do local. Local: Casa Arthur Bernardes.

**Encontro 5:** produção de fotografias pelos participantes que serão utilizadas para reflexão sobre o patrimônio cultural. Avaliação do curso. Duração: 4 horas.

- **Finalização:** exposição das fotografias produzidas.



## Conceitos em discussão

### 1- Patrimônio Cultural

O conceito de patrimônio cultural é formado por duas palavras distintas. A palavra patrimônio tem origem no latim *patrimonium* (pater, pai) e refere-se ao que poderia ser deixado como herança. Cultura, na sua origem, estava ligada ao ato de cultivar, principalmente plantas, e, depois, o espírito. Hoje, o significado de cultura pode ser bastante ampliado. Segundo Peter Burke,

o termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música [...] hoje, contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante<sup>148</sup>.

Portanto, **patrimônio cultural seria uma herança, um bem, que possibilita o conhecimento da sociedade, da memória e da identidade dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade.**

No Brasil, o patrimônio cultural é entendido como um dos direitos relativos à cidadania, por isso a Constituição brasileira, de 1988, apresenta, em seu artigo 216, uma definição do patrimônio cultural brasileiro. Segundo a Carta:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.<sup>149</sup>

A definição da Constituição é bastante abrangente e garante o direito de preservação da memória dos diversos grupos sociais. Mas será que o patrimônio cultural é ponto pacífico? Será que a proteção de determinados bens é garantia da preservação da memória dos grupos?

<sup>148</sup> BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 25.

<sup>149</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm) Acesso em: 02/07/2015.

Alguns autores afirmam que a preservação do patrimônio não é tarefa simples, pois está no campo das lutas políticas. Segundo Chagas, “onde há poder, há resistência, há memória e há esquecimento. O caráter seletivo da memória implica o reconhecimento de sua vulnerabilidade à ação política de eleger, reeleger, subtrair, adicionar, excluir e incluir fragmentos no campo do memorável”<sup>150</sup>.

Portanto, apesar do caráter aparentemente técnico da seleção dos bens para serem preservados por meio do registro<sup>151</sup> ou tombamento<sup>152</sup>, temos que refletir sobre a escolha destes bens.

- Por que alguns bens são preservados e outros destruídos? Quem escolhe?

---

---

---

- Quais memórias são lembradas por meio destes bens preservados?

---

---

---

---

---

---

- No mundo globalizado ainda é pertinente discutirmos a preservação da memória e de identidades dos diversos grupos?

---

---

---

---

<sup>150</sup> CHAGAS, M. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999, p. 136.

<sup>151</sup> Registro é o instrumento legal que garante a preservação dos bens imateriais brasileiros. No âmbito federal, existem quatro tipos de livros de registros: saberes, formas de expressão, celebrações e lugares. Adaptado de: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br). Acesso em: 07/07/2015.

<sup>152</sup> Tombamento é um ato administrativo realizado pelos órgãos públicos federais, estaduais ou municipais com objetivos de preservar, por meio da lei, bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população. [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br). Acesso em: 07/07/2015.

Refletir sobre o patrimônio cultural é estar no meio de uma teia de significados, conceitos e ações. Problemas como a gentrificação, “processo de renovação residencial em bairros de classes trabalhadoras, no qual novos moradores, normalmente com maior poder aquisitivo, substituem os antigos”<sup>153</sup>. A gentrificação ocorre em diversas áreas que vivenciaram requalificação urbana, incluindo regiões patrimonializadas no Brasil. De acordo com Smith, este processo seria o núcleo de uma reestruturação urbana de acordo com os interesses do capital.<sup>154</sup>

Muitas áreas de cidades brasileiras que recebem o título de patrimônio nacional, definido pelo IPHAN, ou o desejado título de Patrimônio Mundial, concedido pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) passam a ser ocupadas, principalmente, por atividades ligadas ao turismo, como hotéis, comércios, restaurantes e relacionadas à economia da cultura, como museus, centros culturais, cinemas e galerias de arte, sendo a população, anteriormente residente, realocada em outros espaços.

Por isso, a relação essencial que costumamos estabelecer entre patrimônio cultural, identidade e memória pode ser bastante questionada. A preservação de um bem pode ter outros objetivos, além dos já mencionados. O desenvolvimento econômico, por meio do turismo, ou o estabelecimento de regras que definam limites para as múltiplas mudanças urbanas, provocadas pelos setores da construção civil, também devem ser considerados.

Nos próximos tópicos discutiremos os conceitos de memória e identidade, que são essenciais para a compreensão do patrimônio cultural ou para a sua discussão.

## **1.1: O Patrimônio e suas relações com a Memória e a Identidade**

A sociedade ocidental contemporânea vive, desde as últimas décadas do século XX, um intenso e acelerado processo de modernização caracterizado, sobretudo, pela industrialização e pelo crescimento desordenado das cidades. As chamadas comunidades tradicionais ou pré-industriais foram solapadas pela modernidade e surgiram diferentes padrões de consumo, novas relações com o espaço e o tempo, distintas relações interpessoais

---

<sup>153</sup> SMITH, Neil. Gentrificação, fronteira e a reestruturação do espaço urbano. GEOUSP - Espaço e Tempo. São Paulo, N° 21, 2007. p.19. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/geousp/ojs-2.2.4/index.php/geousp/article/view/268/140>. Acesso em: 17/08/2015.

<sup>154</sup> Um dos casos emblemáticos, no Brasil, é a patrimonialização do Pelourinho, em Salvador, e seu posterior restauro, quando os sobrados passaram a ser utilizados principalmente com atividades ligadas ao turismo. Em Minas Gerais, podemos destacar Tiradentes, em cujo centro histórico é difícil encontrar edificações de moradia.

e diversas paisagens. Esse movimento de construção-destruição-reconstrução causa grande desconforto a muitas pessoas.

As relações impessoais, a aproximação comunicativa com sujeitos fisicamente muito distantes, a obsolescência das mercadorias e o ritmo frenético do trabalho provocam uma sensação de grande instabilidade. As instituições e os costumes que antes eram perenes tornam-se voláteis e há uma violenta reação conservadora a todas essas mudanças. No mundo da cultura de massas e do capitalismo globalizado, surgem cada vez mais grupos preocupados em um cenário de incertezas, em se autodefinir partir de critérios de autenticidade buscados “num passado remoto”, distante da loucura das mudanças sem fim. Esses grupos buscam elementos para criar seus mitos de origem, suas tradições, sua memória e sua identidade. Tudo isso cancelado pelo carimbo da história e do passado. Assim:

- Cite uma mudança na paisagem urbana e/ou nos costumes da cidade que você tenha notado em Viçosa.

---

---

---

---

- Indique um elemento desencadeador dessas mudanças?

---

---

---

---

---

- Qual é a sua sensação diante destas mudanças?

---

---

---

---

---

De acordo com José Reginaldo Santos Gonçalves, esse “discurso da perda” é um fenômeno da sociedade contemporânea e as práticas de patrimonialização, uma de suas principais consequências.

A história aparece como um processo inexorável de destruição, em que valores, instituições e objetos associados a uma ‘cultura’, ‘tradição’, ‘identidade’ ou ‘memória’ nacional tendem a se perder. Os remanescentes do passado, assim como as diferenças entre culturas, tenderiam a ser apagadas e substituídas por um espaço marcado pela uniformidade. Esse processo é considerado de modo unívoco, reificadamente, sem que se leve em conta, de modo complementar, os processos inversos de permanência e recriação das diferenças em outros planos. O efeito dessa visão é desenhar em enquadramento mítico para o processo histórico, que é equacionado, de modo absoluto, à destruição e homogeneização do passado e das culturas. Na medida em que esse processo é tomado como um dado, e que o presente é narrado como uma situação de perda progressiva, estruturam-se e legitimam-se aquelas práticas de colecionamento, restauração e preservação de ‘patrimônios culturais’ representativos de categorias e grupos sociais diversos.<sup>155</sup>

A tentativa de frear o setor imobiliário que transforma constantemente a paisagem urbana, retirando todas as referências que eram significativas para uma determinada geração e através das quais esses grupos estabeleciam relações com o espaço da cidade, é um exemplo dessas reações. Em nome do “direito à memória” e da preservação da “identidade comunitária”, que, segundo o discurso da perda, são constantemente ameaçadas pelo rolo compressor que destrói a cidade e a sua “essência”, surgirão os defensores do patrimônio cultural e histórico, que travarão o “bom combate” em prol da memória e da identidade do grupo<sup>156</sup>.

Nesta perspectiva, a memória coletiva é tratada como um fato social, ou seja, um produto da vida em sociedade. Acredita-se que os indivíduos compartilham certas memórias porque fazem parte de grupos para os quais ela é importante. Lembrar, nesse caso, significa manter-se ligado ao grupo, fazer parte dele. Esquecer seria o mesmo que estar fora do grupo; não compartilhar mais com o grupo ideias comuns. Assim, a vida em sociedade tem a memória coletiva como uma de suas principais âncoras, pois a pessoa só faz parte do todo se compartilha com seus membros as informações em comum que fazem aquele um grupo diferente dos outros. Da mesma forma, a identidade da pessoa também está vinculada ao grupo, pois ela se reconhecesse nele e valoriza tudo o que está relacionado a ele.

---

<sup>155</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996. p.22-23.

<sup>156</sup> CIVALE, Leonardo. Sobre luzes e sombras: a revitalização da Praça XV de Novembro no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro e o papel da paisagem urbana como patrimônio cultural (1982-2012). In Cadernos de Geografia. V. 25, nº44. 2015. p.137.

 Assista ao vídeo produzido por Sérgio Brumano com fotos antigas de Viçosa<sup>157</sup>.

- Dê um exemplo de memória coletiva dos moradores de Viçosa.

---

---

---

- Como essa memória tornou-se coletiva para os moradores da cidade?

---

---

---

---

- Em sua opinião, qual a importância desta memória para a população de Viçosa?

---

---

---

A partir da concepção de que a comunidade possui uma memória compartilhada, é traçado um perfil que caracteriza seus moradores. A “identidade viçosense” será definida a partir dos “elementos tradicionais” identificados entre práticas sociais, construções antigas, entre outros. E parte-se da ideia segundo a qual quanto mais antigas forem essas práticas ou construções, mais “típicas”, “originais”, “verdadeiras” elas serão.

Joël Candau afirma que a identidade é um construto cuja matéria prima fundamental é a memória.

A memória é identidade em ação, mas [...] o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos. [...] [Na] ‘vertigem patrimonial’ contemporânea, a paixão memorial pode revelar uma rejeição da representação que fazemos de nossa identidade atual, projetando no passado e, por vezes, ao mesmo tempo no futuro uma imagem do que gostaríamos de ter sido, imagem obsessiva que nega as alterações e a perda, ou imagem alucinada da beleza do morto, construída a partir de arquivos, traços, monumentos, objetos, relíquias, ruínas e vestígios. Mesmo nesses casos de nostalgia identitária mórbida, a memória precede a construção da identidade.

---

<sup>157</sup> Disponível em: <http://www.redlinemg.com/vicosa-mg/>. Acesso em: 25/07/15.

Entretanto, [...] se a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais [...]<sup>158</sup>.

Desta forma, algumas manifestações culturais e bens móveis ou imóveis serão vistos como patrimônios culturais porque fazem alusão às suas principais memórias coletivas. Estas, por sua vez, são consideradas ingredientes fundamentais na formação das características identitárias daquele grupo. É uma ideia segundo a qual o patrimônio é algo que possui valor em si mesmo: é “antigo”, é “original”, é “belo e significativo” do ponto de vista arquitetônico, é “único”, etc., e, por isso, tem valor de patrimônio. Nesse caso, cabe às pessoas apenas reconhecer esse valor para não serem consideradas ignorantes ou insensíveis.

- Ser viçosense é ... ?

---

---

---

 Vamos assistir a agora a um vídeo que trata o problema da perpetuação de uma única versão de determinada história<sup>159</sup>.

- Reflita sobre as desvantagens da perpetuação de um único discurso e da preservação de uma determinada memória através dos patrimônios culturais da cidade.

---

---

---

---

---

---

Esse trabalho de identificação e proteção dos bens patrimoniais das cidades vem sendo feito há muitos anos, dentro e fora do Brasil, sobretudo, por arquitetos. Por essa razão, a maior

<sup>158</sup> CANDAU, Joël. Memória e identidade. Trad. Maria Leticia Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014. p.18-19.

<sup>159</sup> Conferir: <https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>. Acesso em: 15/07/15.

parte dos bens tombados até o final do século XX era o chamado patrimônio de “pedra e cal”. Diante do processo de industrialização e crescimento urbano desordenado, frutos da modernidade acelerada da virada do século, houve uma grande preocupação por parte de alguns grupos – entre os quais sobressaem os arquitetos – no sentido de preservar as construções “mais antigas” das cidades, a fim de manter algumas referências num espaço de mudanças profundas e constantes.

Contudo, essa visão acerca do patrimônio como um tesouro perdido na paisagem urbana e que precisa ser encontrado, valorizado, preservado e amado por todos o coloca como algo “natural”. Os textos que explicam o valor do patrimônio e a necessidade de que ele seja preservado omitem o fato de que os bens são selecionados por algumas pessoas e transformados em patrimônio. Os critérios que são formulados para a seleção do que deve ser protegido e as legislações para que a preservação seja efetiva são discursos que partem da ideia de que existe um passado em comum, uma história que abrange a vida da sociedade como um todo, que precisa ser preservada para que não caia no esquecimento.

Para usar um exemplo prático, poderíamos pensar, no caso de Viçosa, a casa onde está instalado o Museu Arthur Bernardes. Além de ter pertencido a um homem que foi presidente do Brasil, ela possui aspectos arquitetônicos que a distinguem de outras casas, está localizada em um dos endereços mais privilegiados da cidade - a Praça Silviano Brandão - e é ainda, uma das construções mais antigas de Viçosa, considerando as que ainda não foram demolidas. Essas são as principais razões pelas quais esta casa foi escolhida pelo Governo do Estado de Minas Gerais e pelo Governo Municipal como patrimônio cultural de Viçosa.



**Figura 1: museu Casa Arthur Bernardes – Viçosa – MG. Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/2015.**

Uma observação crítica da casa onde viveu o ex-presidente Arthur da Silva Bernardes pode nos levar a algumas reflexões consideradas interessantes. Poderíamos, por exemplo, nos perguntar:

- Essa casa é um patrimônio? Porquê?

---

---

---

- Ela foi construída para ser patrimônio cultural?

---

---

---

- Ela é representativa para a população de Viçosa? Justifique.

---

---

---

---

---

Se considerarmos todos os moradores de Viçosa como membros de uma comunidade afetiva que possui os mesmos valores, compartilha as mesmas ideias e os mesmos objetivos, poderemos pensar que a casa onde viveu o ex-presidente Arthur Bernardes seja vista, “naturalmente”, como um patrimônio de toda essa comunidade. Isso porque partimos do princípio de que ter sido presidente da República faz de Arthur Bernardes um “viçosense ilustre”; responsável pela modernização da cidade a partir da criação da ESAV, na década de 1920, a qual se tornou Universidade Federal de Viçosa em 1969. Além disso, também, espera-se, que todos os membros desta comunidade creiam que, ao preservar esta casa e tombá-la como patrimônio do Município, toda essa memória de “um tempo e um homem importantes para Viçosa” estará sendo preservada e junto com ela, a própria “identidade viçosense”. Essa memória precisa ser efetivamente compartilhada por todos. Só assim a casa será representativa para todos os cidadãos e, portanto, será um patrimônio de todos.

- Mas se esta casa não pertencesse à família Bernardes, mas fosse a residência de qualquer outra família de Viçosa, seria ainda, um patrimônio?

---

---

---

- Por que as outras casas, construídas à mesma época que esta, e que estão, muitas delas, ao lado desta, não mereceram do governo Estadual ou do Municipal, a mesma importância?

---

---

---

Esta reflexão nos leva a uma **desmitificação** da casa Arthur Bernardes, e passamos a vê-la simplesmente pelo que ela realmente é: **uma casa**. Todo o resto - a áurea enobrecedora, a imponência, o ícone que supostamente nos remete à memória de Arthur Bernardes e, portanto, à história da cidade de Viçosa - são complementos advindos de sua patrimonialização. E essas ideias estão longe de serem “naturais”. A casa “nasceu” como casa: foi feita para que uma família morasse. Nisso não difere de nenhuma outra casa. O que a torna distinta entre as demais é um conjunto de significados criados e disseminados entre a população, que poderá aderir a isso ou não.

Por consequência, chegaremos à conclusão de que também a concepção de Viçosa como aquela comunidade afetiva, absolutamente coesa, não é natural. Poderíamos supor que essa comunidade é imaginada, usando o termo de Benedict Anderson<sup>160</sup>. Segundo esse autor, os membros de uma sociedade se imaginam como partes de um grupo – uma comunidade una porque compartilha ideias, valores, etc. Trata-se, portanto, de uma unidade imaginada por cada indivíduo e que, por essa razão, apenas existe no plano ideal. Na realidade, todo grupo mantém-se unido por algumas razões, mas estas não o tornam isento de conflitos e completamente coeso. Pode-se afirmar isso pelo simples fato que não se supõem que, onde haja diversas pessoas, nunca existam conflitos entre elas. Essa é uma visão idealizada de uma sociedade: a sociedade comunitária.

---

<sup>160</sup> ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

Temos, portanto, uma situação contraditória: a comunidade quer ver a si mesma e ser vista pelos outros como um bloco coeso e inquebrantável pela força de sua união. No entanto, os elementos criados para demonstrar a pretensa unidade acabam por demonstrar a contradição. O patrimônio é um exemplo disto: se as justificativas que motivam as políticas públicas de patrimonialização representam apenas alguns grupos sociais, outros serão excluídos. Para serem verdadeiramente públicas, as políticas patrimonialistas devem incorporar os interesses dos diferentes grupos que compõem a sociedade.

- No ano de 2010 ocorreu em Viçosa uma grande manifestação que envolvia o Balaústre: diante dos problemas relacionados ao trânsito caótico no centro da cidade, alguns defendiam a necessidade da demolição do Balaústre da Avenida Bueno Brandão, enquanto outros organizaram manifestações como o *“Abraço ao Balaústre”*.



Figura 2: “abraço ao Balaústre”. Viçosa - MG. Foto de Aguinaldo Pacheco, 2010<sup>161</sup>.

---

<sup>161</sup> Disponível em: <http://vicosacidadeaberta.blogspot.com.br/2010/09/manifestacao-no-balaustre.html>. Acesso em: 16/07/15.



Figura 3: abraço ao Balaústre”. Viçosa - MG. Foto de Aguinaldo Pacheco, 2010<sup>162</sup>.

- No jornal **Folha da Mata**, do dia 24 de setembro de 2010, o editor chefe publicou um artigo intitulado “O Balaústre da Discórdia”, no qual criticava o tombamento do Balaústre de Viçosa<sup>163</sup>.

- Você se recorda dessa manifestação? Lembra-se de ter defendido algum posicionamento na época?

---

---

---

- E hoje, qual é a sua opinião sobre esse assunto?

---

---

---

- Independentemente de sua posição quanto à preservação do Balaústre, você concorda que ele seja um fator de discórdia entre os viçosenses? Por quê?

<sup>162</sup> Disponível em: <http://vicosacidadeaberta.blogspot.com.br/2010/09/manifestacao-no-balaustre.html>. Acesso em: 16/07/15.

<sup>163</sup> “O balaústre da discórdia”. In Folha da Mata. nº 2167, Viçosa, MG, 24 de setembro de 2010. p. 2. A esse respeito, conferir o artigo de Ítalo Stephan publicado na revista virtual Vitruvius. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/11.125/3686>. Acesso em: 16/07/15.

- 
- 
- 
- Considerando o patrimônio cultural de Viçosa, que reflexões podem ser feitas acerca da sociedade viçosense?
- 
- 
- 
- 
- 

Voltemos ao exemplo da casa da família Bernardes. A partir de critérios definidos por determinado grupo viçosense, ela foi **considerada** patrimônio histórico e cultural da cidade. No entanto, a definição de outros critérios poderia estender essa mesma possibilidade a outros bens considerados representativos por outros grupos sociais de Viçosa.

Todo processo de patrimonialização é, antes de tudo, um **processo de seleção**. Se a seleção é feita a partir dos mesmos critérios, as memórias de determinados grupos serão valorizadas enquanto outras serão menosprezadas.

A esse respeito, Leonardo Civale enfatiza os interesses políticos e as disputas cotidianas pelo espaço urbano, em sua análise a respeito da Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro. Analisando os conceitos de “lugar público”, “paisagem urbana” e “patrimônio cultural”, o autor menciona o empenho dos grupos dominantes no sentido de territorializar a cidade com uma determinada memória que os privilegia e é chancelada pelas políticas patrimonialistas. No entanto, há outros grupos, não contemplados por tais memórias e patrimônios. Por essa razão, as políticas públicas têm frequentemente criado espaços ditos públicos, mas que não são apropriados por parte significativa da população. Esse afastamento deve-se ao fato de que tais lugares não são representativos para boa parte do grupo social e, ainda, porque o sentido que é atribuído a eles não engloba os diferentes grupos que compõem essa população. Esses, portanto, lutam no sentido contrário, ou seja, pelo direito à preservação das memórias que lhes são representativas e pelo direito de ocupar os espaços “públicos”. De acordo com Civale,

o patrimônio de uma sociedade é fruto de sua memória coletiva e, portanto, não pode ser confundido com todos os resquícios do passado que chegaram até o presente. Aliás, na maioria das vezes, a memória social é relegada ao esquecimento em detrimento de objetos, obras ou paisagens que nem sempre representam a memória popular. Da mesma forma que a história positivista privilegia a versão dos vitoriosos ou a história das nações seleciona na memória as interpretações dos interesses nacionais, os objetos ou construções que são privilegiados são escolhidos por uma seleção prévia. Portanto, sendo a patrimonialização uma operação intelectual, mental e social, é evidente que suas escolhas, como um jogo de luzes e sombras, projetam um foco sobre aquilo que se quer que seja lembrado e aquilo que deve ser esquecido. Assim, se por um lado parece positivo o movimento de se preservar aquilo que concretamente permaneceu, por outro lado não há como deixar de perceber que por trás do discurso patrimonialista há um projeto político e ideológico de construção, preservação e fixação de memórias sociais seletivas<sup>164</sup>.

Para ser um patrimônio público e fazer sentido para a população local, o bem eleito como patrimônio deve ser representativo, senão para toda a sociedade, pelo menos para determinados grupos que a compõem. É preciso, ainda, enfatizar que a memória coletiva ou social não é fruto de um processo “natural” e sim algo estimulado em nós através dos lugares de memória, tais como museus, patrimônios, monumentos e também através de enquadramentos, como a história, a educação formal, os livros, os mitos de origem, etc. Todos esses processos são seleções feitas pelas pessoas: os historiadores, os órgãos do governo, os professores, os memorialistas, entre outros. Essas pessoas criam critérios, escolhem ícones, definem padrões de valorização, estabelecem leis, criam narrativas sobre o passado.

- *O que é um “lugar público”?*

---

---

---

- Por que ocorrem muitos casos em que um bem tornado patrimônio, não exerce, na prática, seu papel de “lugar público”?

---

---

---

---

<sup>164</sup> CIVALE, Leonardo. Sobre luzes e sombras: a revitalização da Praça XV de Novembro no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro e o papel da paisagem urbana como patrimônio cultural (1982-2012). In Cadernos de geografia. v.25, nº44. 2015. p.142.

- Como solucionar *o problema dos patrimônios que não são “lugares públicos”*?

---

---

---

- Qual a importância e o papel da educação nesse processo?

---

---

---

Memórias, monumentos, documentos, etc., são **vestígios do passado e não o passado**. Segundo o historiador Jacques Le Goff,

a memória coletiva e a sua forma científica, a história, aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos. De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador<sup>165</sup>.

A forma como os vestígios são trabalhados define **uma visão sobre o passado** e, muitas vezes, ela é erroneamente confundida com o próprio passado. Acreditar nisso sem a devida criticidade é naturalizar determinados discursos, criar “verdades absolutas” e transmiti-las como se elas fossem totais e imutáveis, quando, na verdade, elas são versões limitadas, fragmentos do passado, sempre excludentes porque não pode haver uma versão total do passado.

Essa exclusão provocada por uma versão única sobre o passado não pode ser negligenciada: o patrimônio cultural de uma sociedade é um sinal na paisagem urbana que dearcam o território com apenas as memórias de determinados grupos privilegiados; há investimento enorme de verbas públicas para a aquisição, restauração e preservação dos bens tombados; há grande empenho do poder público em criar políticas patrimonialistas; há o envolvimento do Poder Judiciário pela defesa do patrimônio ou do direito à propriedade privada; há interesses econômicos e políticos que se chocam ou vão ao encontro dos interesses patrimonialistas; há os interesses dos próprios grupos sociais em defesa de suas

---

<sup>165</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In História e memória. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). p.535.

memórias coletivas e de suas identidades e dos pontos de referência que existem no espaço urbano e que dão suporte a essas memórias e identidades. Enfim, a preservação do patrimônio tornou-se uma questão muito relevante para as sociedades contemporâneas, e, por sua própria essência, é algo de interesse público. Por isso, este precisa ser um campo de reflexão, de debate aberto a toda a sociedade para que os diferentes grupos sociais encontrem predisposição para expor suas questões e conquistem seus espaços. Somente dessa forma, o patrimônio será verdadeiramente público, e fará, portanto, sentido.

- Cite um bem tombado em Viçosa e que, em sua opinião, é de fato um “lugar público”.

---

---

- Cite um patrimônio de Viçosa que, em sua opinião, não exerce a função de “lugar público”.

---

---

- Cite um bem não tombado de Viçosa que, em sua opinião, é um “lugar público” merecedor de tombamento.

---

---

O que mais se vê nas chamadas “cidades históricas”, como Tiradentes, por exemplo, são cenários belíssimos, muito bem preservados e “sem vida”, com exceção dos turistas que passam por ali. Muitos bens ou lugares patrimonializados seguem normas pré-estabelecidas, mas nem sempre as relações com a população local estão entre esses critérios.

Você considera que a apatia ou rebeldia em relação aos bens tombados deve ser explicada apenas como ignorância ou simples ato de “vandalismo”?

Vejamos um exemplo recentemente ocorrido em Viçosa:

***“Encontrada a mão direita com a batuta da escultura de Hervé Cordovil***

*Vândalos deceparam a mão direita da estátua do compositor Cordovil, exposta na Praça Marechal Deodoro*



Desde o início da semana os transeuntes da praça Marechal Deodoro notaram a ausência da mão direita com a batuta da escultura do maestro Hervé Cordovil, afixada ao lado da Estação Cultural que leva seu nome, no centro de Viçosa. A parte da estátua foi encontrada na noite do domingo, último, por moradoras próximas, que a recolheram. Autoridades municipais, cientes do fato, disseram que pediram investigação sobre a depredação, inclusive requisitando registros das câmeras do Olho Vivo, instaladas nas imediações<sup>166</sup>.

- O maestro Hervé Cordovil é representativo para a população de Viçosa?

---

---

---

- Em sua opinião, o que esse ato de destruição representa?

---

---

---

- O que a comunidade deve fazer nesse caso?

---

---

---

<sup>166</sup>Publicação do jornal Folha da Mata, no dia 29/04/2015. Disponível em: <http://www.folhadamata.com.br/noticia-encontrada-a-mao-direita-com-a-batuta-da-escultura-de-herve-cordovil-564>. Acesso em: 20/07/15,

Evidentemente, não consideramos que atitudes como essa devam ser negligenciadas ou apoiadas. No entanto, não devemos perder a oportunidade que um acontecimento desses nos proporciona: ele é um sintoma e, portanto, deve nos levar a refletir sobre os problemas que o provocam. Para além das atitudes de “conscientização”, deve-se ter a coragem de aproveitar o acontecimento para um exercício de reflexão e autocrítica

Ensinar a história de Hervê Cordovil às crianças, divulgar o seu trabalho e estabelecer pontos de interação entre a memória desse viçosense e os atuais moradores da cidade, é um trabalho importante, pois, senão para todos, certamente para alguns viçosenses, a memória do maestro é, de fato, um patrimônio. No entanto, o mesmo esforço empreendido nesse trabalho de valorização do patrimônio já instituído deve ser aplicado, também, no sentido de ouvir os grupos que não se sentem representados pela figura de Hervê Cordovil e que querem incluídas na paisagem urbana as marcas daquilo que para eles é patrimônio. **A cidade é de todos** e, portanto, todas as memórias representativas para os seus moradores devem ser privilegiadas. É necessário que se estabeleçam diálogos a fim de que todos os grupos sintam-se representados e vejam na paisagem urbana aquilo que é significativo para eles. Assim, teremos espaços e patrimônios verdadeiramente públicos.

A **diversidade** precisa se tornar-se algo importante na prática das políticas patrimonialistas. Não basta criar as denominações “patrimônio imaterial”, “cultura popular”, etc., como formas de incluir as práticas ou bens relacionados aos grupos menos privilegiados da sociedade. Ao invés de cancelar uma versão da história que privilegia determinados segmentos e simplesmente ensinar aos demais a se identificar com esse patrimônio, precisamos estender o olhar até as referências dos outros grupos.

- A partir dessas discussões que fizemos até aqui, você poderia explicar a diferença entre uma atividade de “Educação Patrimonial” e uma atividade que visa a relacionar a “Educação e o Patrimônio”?

---

---

---

---

Há que se criar outras “verdades”, ampliar o foco das políticas patrimonialistas, democratizar o campo do patrimônio. E, embora isso não seja necessário para que um bem se

torne patrimônio para um grupo social, é importante também cancelar, com o aval do poder público, aquilo que faz sentido também para outros grupos, ainda não contemplados pelas políticas patrimonialistas. Isso poderá tornar o patrimônio um lugar verdadeiramente público e que de fato favorece o exercício da cidadania.

Você conhece os critérios do IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico) para fazer a seleção dos bens que deverão ser registrados ou tombados?

➤ Visite o site: **[www.iepha.mg.gov.br](http://www.iepha.mg.gov.br)** para obter mais informações.

- Você sabia que, dos 17 bens tombados pelo município de Viçosa, apenas 7 são reconhecidos pelo IEPHA? Você sabe quais são os bens não reconhecidos?

---

---

---

---

---

➤ **Proposta de atividade**

Qualquer cidadão brasileiro pode enviar aos órgãos responsáveis (IPHAN, IEPHA ou Prefeitura) uma solicitação de registro ou tombamento. Esta solicitação será avaliada por técnicos e, se aprovada, será registrada em um dos livros de tombo ou registro. Para isto, o cidadão deve apresentar uma proposta. Esta é uma das maneiras da sociedade civil participar das ações de seleção e preservação de um patrimônio. A proposta encaminhada pelo cidadão deve apresentar uma base sólida para que possa conseguir parecer favorável.

Agora que já discutimos o que é patrimônio, identidade e memória, estamos aptos a fazer, em grupos, uma proposta a ser apresentada ao Conselho Municipal de Patrimônio de Viçosa. A proposta deve conter:

**10- Nome do bem**

**11- Nome do proprietário**

**12- Localização**

**13- Descrição**

**14- Estado de conservação (se bem material)**

**15- Uso atual**

**16- Dados históricos**

**17- Justificativa para comprovação da relevância**

**18- Indicação de pessoa e/ou instituições que apoiam a iniciativa<sup>167</sup>**

### **Refletindo sobre a atividade...**

- Quais foram os patrimônios propostos pelos grupos?

---

---

---

---

---

- Existiu consenso? Em caso negativo, como os impasses foram solucionados?

---

---

---

---

---

---

---

## **1.2: Educação e Patrimônio**

O tombamento ou salvaguarda é apenas uma das formas de preservação de um patrimônio. O conhecimento, dinamização e uso de um local, edificação, bem material ou

<sup>167</sup> Adaptado de: PORTARIA IEPHA/ MG Nº 29 /2012. [www.iepha.mg.gov.br](http://www.iepha.mg.gov.br). Acesso em: 06/07/2015.

manifestação são os meios mais eficientes de manutenção de um patrimônio cultural que represente a comunidade. As referências de uma comunidade conhecidas e utilizadas por ela muitas vezes são mantidas sem a necessidade de nenhum ato administrativo das entidades responsáveis.

Uma das maneiras de possibilitarmos que as pessoas entendam o patrimônio como um processo de seleção e busquem intervir (apoando ou não a manutenção de um determinado bem) é por meio da educação.

No Brasil, na década de 1980, os processos educativos baseados no patrimônio começaram a ganhar definição amplamente difundida, que é a de educação patrimonial. No Guia Básico de Educação Patrimonial há a seguinte definição:

processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um usufruto destes bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.<sup>168</sup>

Nessa publicação, além de buscar a definição da educação patrimonial, as autoras também propõem uma metodologia de trabalho que deve seguir as seguintes etapas: observação, registro, exploração e observação. O Guia foi amplamente difundido e utilizado como fonte e modelo para trabalhos de educação e patrimônio.

- Qual é o foco da educação patrimonial acima definido? Você concorda? Comente.

---

---

---

---

Hoje em dia, a educação patrimonial está nos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema transversal, faz parte do Programa Mais Educação e do dia a dia de muitas escolas.

---

<sup>168</sup> HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999. p.6.

A partir de então, houve a realização de diversas propostas nesta área e muitas delas buscam a conscientização dos cidadãos, a valorização do patrimônio cultural e a alfabetização cultural.

- *O que você considera que significa a expressão “alfabetizar culturalmente”? É importante que o Estado atue para que este processo ocorra?*

---

---

---

---

Cerqueira alerta-nos que:

[...] a noção de alfabetização traduz a dificuldade do Estado em lidar com a diversidade cultural, pois, afinal, quem seria o analfabeto cultural que a educação patrimonial deseja educar? Isso nos revela como a educação patrimonial pode ser usada tanto para afirmar a dominação social vigente como para desenvolver o senso crítico para compreensão da diversidade cultural<sup>169</sup>.

O mesmo autor critica a ideia de que a educação patrimonial pode auxiliar o indivíduo a fazer a leitura do mundo que o rodeia. Pois a cultura é a leitura que um grupo faz do mundo.

Devemos lembrar que cultura é hoje uma grande arena de conflitos, a exclusão cultural é um dos problemas que aparecem com gravidade em vários países do mundo.

Mas como podemos desenvolver projetos educativos que não sejam autoritários e excludentes? Projetos capazes de possibilitar a grupos que normalmente não se reconhecem no patrimônio preservado tenham suas identidades representadas pela memória oficial?

Um dos caminhos possíveis é o entendimento dos mecanismos que levam às escolhas de determinados bens para a preservação e a exclusão de outros.

Faremos uma visita a alguns patrimônios tombados de Viçosa e discutiremos o porquê destes locais terem sido escolhidos e algumas das apropriações possíveis.

---

<sup>169</sup> CERQUEIRA, Fábio Vergara. Patrimônio cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável. In Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, 2005, p. 91-109.



### **1.3: Aula de Campo: reflexões sobre o Patrimônio Cultural de Viçosa e suas relações com a população local e a educação**

O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são.  
O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha  
feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar.

Saramago

Já foram realizados muitos estudos nos quais a cidade é tomada como categoria de análise. Michel de Certeau enfatiza sua “texturologia”, ou seja, sua capacidade de ser lida, interpretada, compreendida, sob diversos pontos de vista. O autor deixa claro que, apesar da tentativa política, econômica ou até mesmo cultural de dominar as estruturas da cidade e torná-la um ambiente disciplinador, essa ordenação só será percebida por uma visão panorâmica, à distância da “cidade febril”<sup>170</sup>. O calor do burburinho citadino demonstra que há vivências muito mais intensas no interior de uma cidade e que só podem ser percebidas pelo andarilho.

A cidade, símbolo da modernidade, da tecnologia, do desenvolvimento e porque não dizer, do progresso, é, ao mesmo tempo, o contexto onde se desenvolvem inúmeros debates e conflitos em nome da identidade, do pertencimento, associados à preservação de materiais e construções que já perderam sua função técnica, sua utilidade, mas, ganharam importância simbólica ou representativa, pelo menos para alguns grupos.

A respeito do combate entre a modernização da cidade e a preservação de seu dito patrimônio cultural, Jacques Le Goff faz uma colocação interessante, que diz respeito aos centros dessas cidades:

há muito tempo os centros são objeto de ferozes batalhas; eles não querem desaparecer sem combate, eles resistem. Parece-me, entretanto, que a evolução age profundamente contra o centro urbano. Ele não é mais adaptado à vida econômica, à vida das relações que dominam as populações urbanas. Então, o que ele se torna? Centro storico, dizem muito bem os italianos. E se ele ainda brilha, é a beleza da morte. Caminha-se em direção ao centro museu<sup>171</sup>.

---

<sup>170</sup> DE CERTEAU, Michel. Andando na Cidade. In Revista do patrimônio histórico e artístico nacional, nº 23, 1994. p. 21.

<sup>171</sup> LE GOFF, Jacques. Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998. p. 150.

E esse centro histórico é o lugar em que ocorrem os conflitos que envolvem a preservação ou não do patrimônio cultural da cidade. Ele passa a ser associado à parte mais antiga da cidade, onde estariam as “raízes”, as “verdadeiras origens” da comunidade.

Vimos que esta visão mitológica das “origens da cidade” precisa ser relativizada e que sua valorização pelas sociedades contemporâneas, está associada ao processo de modernização acelerada ocorrido nas últimas quatro décadas. Esse processo levou a um crescimento demográfico dos espaços urbanos e à modificação profunda de sua paisagem. Por outro lado, ele provocou um movimento conservador que, apegado a uma visão mítica do passado, das origens e das tradições, funda uma ideia de comunidade coesa e harmoniosa, repleta de valores e diferenciada culturalmente. Com base nessas ideias, iniciam-se práticas de preservação de determinados bens e/ou práticas consideradas representativas dessa identidade de grupo forjada.

Em Viçosa, o processo de modernização está intimamente relacionado à chegada da linha de ferro Leopoldina Railway, em 1886<sup>172</sup>, que ligava o município a então capital do império, a cidade do Rio de Janeiro. E, principalmente, à federalização, em 1969, da UREMG, a qual havia sido inaugurada pelo então presidente da República, Arthur da Silva Bernardes, na década de 1920, como ESAV.

A criação da Universidade Federal de Viçosa, com ampliação de cursos de graduação, criação de cursos de pós-graduação, vinda de estudantes e professores de diversas partes do Brasil e do mundo, e a ocupação da “cidade” por essas pessoas, provocou mudanças muito radicais na cidade. A cidade de pequeno porte, ainda muito ligada ao meio rural, de renda per capita relativamente baixa, de setor de serviços ainda bastante simples e costumes tradicionais, sentiu-se solapada por uma avalanche de novos costumes.

A procura por moradias na área central da cidade, próxima à Universidade, levou ao desenvolvimento do setor da construção civil e à uma violenta especulação imobiliária. O aumento dos aluguéis e dos valores de imóveis e lotes na área central provocou o afastamento das famílias locais, menos abastadas, levando a cidade a um triste processo de segregação urbana: áreas periféricas para os viçosenses pobres e áreas centrais para aqueles com melhores condições financeiras e, principalmente, para os estudantes e professores da UFV.

---

<sup>172</sup> Cf.: Site oficial da Prefeitura Municipal de Viçosa: <http://www.vicosamg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 20/07/2015.

- Vamos refletir sobre o processo de modernização do município de Viçosa, a partir da década de 1970, com a federalização da UREMGE – que passou a ser UFV - e elencar alguns pontos positivos e negativos desse processo para a cidade.

---

---

---

---

---

---

---

- Que tal um “passeio diferente” por algumas partes da cidade? Distanciados de nossas ocupações cotidianas, vamos caminhar com o olhar atento à paisagem urbana de Viçosa e refletir sobre sua narrativa.

### **Roteiro para a aula de campo:**

Na página oficial que Prefeitura Municipal de Viçosa mantém na internet, consta um link com imagens e informações sobre os bens tombados pelo município e sobre a Casa Arthur Bernardes, tombada pelo Governo Estadual. Vamos analisar estes textos e a própria paisagem urbana de Viçosa à luz das discussões realizadas em nosso primeiro encontro.

### 1.3.1: Espaço Cultural Hervê Cordovil e linha férrea



Figura 4: Estação Cultural Hervê Cordovil, Viçosa - MG. Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.

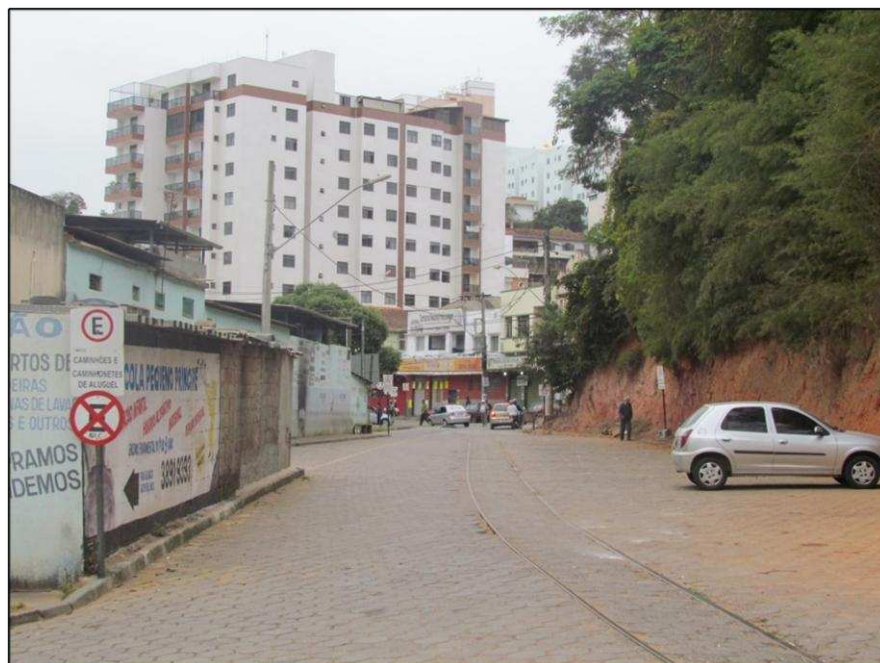


Figura 5: trecho da linha férrea da antiga Cia. Leopoldina Railway, em Viçosa-MG. Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/2015

A preservação da antiga estação do centro de Viçosa e do trecho de linha férrea a ela associada é, certamente, algo de grande importância para muitos moradores de Viçosa. No entanto, chama a atenção o contraste entre a preservação do edifício da estação e a situação precária da linha férrea. Além disso, a figura 5 demonstra desleixo não apenas com a linha férrea, mas com a cidade de maneira geral. O aspecto geral dessa foto é muito ruim e nós já estamos acostumados com essa paisagem, mas, um olhar atento e crítico nos ajuda a perceber que o patrimônio se torna uma “ilha de preservação” em meio a um “oceano” de falta de cuidado. Poderemos observar isso em outras imagens que analisaremos mais adiante.

A visão comumente propagada sobre o patrimônio projeta o olhar para um pretérito passado. Mas seria conveniente que pensássemos o patrimônio como algo do presente e ampliássemos o olhar para a paisagem ao redor.

- Ao observar essa foto e os locais por onde caminhamos, como você avalia o cuidado com a cidade? O bem preservado e o seu entorno são cuidados da mesma maneira?

---

---

---

Juntos, o prédio da antiga Estação Ferroviária do centro de Viçosa, o trecho de linha férrea da antiga Cia. Leopoldina Railway e a estátua de Hervê Cordovil, formam uma alegoria patrimonial<sup>173</sup>. São três ícones justapostos, formando um único texto na paisagem urbana: a memória do progresso, da era do café, da união entre Viçosa e a Rio de Janeiro imperial. A Viçosa como celeiro de importantes políticos do cenário mineiro e nacional, das famílias abastadas que iam e vinham, do maestro e compositor de música popular brasileira e de Viçosa, enfim, a cidade vista como polo cultural na Zona da Mata Mineira.

- *Há mais elementos que você acrescentaria a partir de sua leitura deste “texto patrimonial”?*

---

---

<sup>173</sup> CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2001.

- 
- 
- Reflita sobre a representatividade destas memórias para a população viçosense como um todo.
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 

Agora observe a imagem de outro bem tombado de Viçosa:



**Figura 6: estação ferroviária do Silvestre, cortesia P. B Fialho.  
Disponível no site oficial da Prefeitura Municipal<sup>174</sup>.**

---

<sup>174</sup> Disponível em <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 22/07/15.

- Analise o estado de conservação das duas Estações tombadas como patrimônios do município de Viçosa e anote suas conclusões.

---



---



---



---

- O que se pode afirmar sobre a representatividade da Estação Ferroviária para a população de Viçosa?

---



---



---



---



---

- Se a falta de recursos financeiros é a justificativa para que a Estação do Silvestre ainda esteja nessa situação de abandono, é interessante refletirmos sobre as razões que levaram o poder público a privilegiar a Estação do centro.

---



---



---



---

### 1.3.2: Balaústre, Edifício Cora, Fachada do antigo Hospital e Ala Antiga do Hospital São Sebastião.

#### BALAUSTRADA

Localização: Av. Bueno Brandão, Centro

Tombamento: Decreto Nº 3436/99 – 30/04/1999.

A abertura da Av. Bueno Brandão foi aprovada em 17 de janeiro de 1914. A via seguiria paralela à linha férrea que chegara ao distrito sede de Viçosa e recebeu diretrizes urbano-paisagísticas que valorizassem o endereço. Em 1919 começou a construção do logradouro. Em 1924 foi construído o primeiro trecho da balaustrada entre a Praça Emílio Jardim e a proximidade da estação ferroviária, onde havia uma rampa de acesso de veículos à rua. Em 1948 **a rampa foi estreitada**, passando a servir somente a pedestres, **conferindo maior fluidez ao trânsito. O segundo trecho da balaustrada foi construído em 1957**, na gestão do prefeito Geraldo Faria. Essa etapa também ergueu **muros de arrimo** para contenção da via. A Balaustrada, que é um guarda-corpo ornamentado com balaústres de concreto,

confere segurança à via, já que a mesma está implantada em uma cota mais alta que a linha férrea e dá um tratamento urbano diferenciado ao **logradouro que foi projetado para ser um dos mais nobres do município**. O conjunto compreendido como Balaustrada é formado pelo muro de arrimo, guarda corpo decorado, postes de iluminação de ferro fundido e calçada arborizada. O trecho de 480m de extensão possui setenta e oito conjuntos com quinze balaústres cada, separados por pilares decorados. O bem imóvel tombado faz parte da paisagem urbana da cidade, sendo **referência paisagística e conferindo beleza** ao centro da cidade. **Seu valor histórico-artístico remonta a formação da cidade**, quando a mesma passou por um período de desenvolvimento e expansão, com a **chegada da linha férrea e implantação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária**. O casario eclético implantado no logradouro foi habitação de importantes figuras para a história político-social de Viçosa<sup>175</sup>.

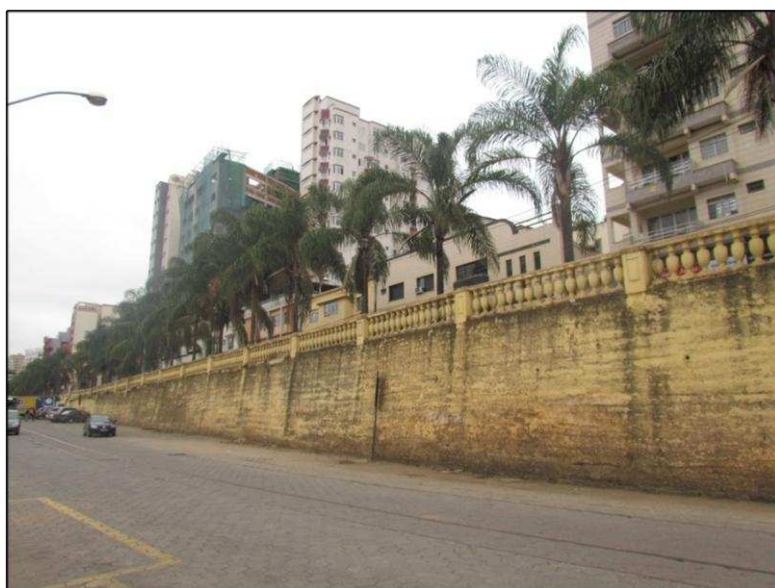


Figura 7: balaústre ao longo da Avenida Bueno Brandão, Viçosa –MG.  
Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.

Segundo Letícia Honório, houve a intenção de reproduzir a ideia dos boulevards parisienses e cariocas em Viçosa<sup>176</sup>, daí a construção do Balaústre na Avenida Bueno Brandão e da Avenida Santa Rita, larga e arborizada.

Mais uma vez a memória privilegiada em Viçosa faz menção ao Rio de Janeiro. Não é uma memória pouco ambiciosa: a cidade do ex-presidente da República quer ser eternizada por sua ligação com a antiga capital: **importância política e efervescência cultural** são dois alicerces desta memória.

<sup>175</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 27/07/15. Grifos nossos.

<sup>176</sup> HONÓRIO, Letícia de Melo. A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa, MG. Belo Horizonte: UFMG, 2012, p. 63. (Dissertação de Mestrado).

- Você enxerga estas duas características, política e cultura, associadas à cidade de Viçosa? Lembre de algum exemplo dessa associação na cidade?

---



---



---

- Você acrescentaria outras características?

---



---



---

- Você sabia que esse Balaústre que conhecemos hoje já foi completamente arrancado do lugar e modificado em relação às obras de conclusão, que datam da década de 50?

Folha da Mata, 14/05/88.

P.M.V. inicia alargamento e reforma do balaústre

[...] O principal objetivo da obra é eliminar o estrangulamento do trânsito naquele trecho da Bueno Brandão. De acordo com o projeto apresentado pelo engenheiro Francisco Gomes Cardoso, **o alargamento do balaústre será total**, com a **eliminação das atuais rampas** de acesso que interligam avenida-praça da estação. No local, apenas duas passagens serão mantidas para acesso de pedestres, **como construção de escadas**. Entretanto, [...] ainda está em estudo a possibilidade de que em um dos lados a passagem seja feita em forma de **rampa**, para facilitar o acesso de paraplégicos, atendendo a pedido de **uma comissão de moradores da avenida Bueno Brandão e Associação de Amigos de Viçosa, que têm comparecido ao Departamento de Obras para opinar sobre a obra, a convite da Prefeitura**. [...] Ainda de acordo com o projeto apresentado [...], na reconstrução do muro (balaústre) **serão mantidas todas as características originais para não haver a descaracterização do balaústre**. [...] Operários da Prefeitura fizeram a retirada da parte do muro que, inclusive, já se encontrava quebrada há algum tempo, preparando o local para a **construção de novo muro de arrimo** que será o suporte do balaústre. [...] <sup>177</sup>.

Observe que já existe um discurso “politicamente correto” de não “descaracterizar” a “obra original”, mas que, claramente, só é pronunciado para gerar bem-estar. Na prática, arrancar o balaústre, construir um muro de arrimo, retirar as rampas existentes e construir escadas configura uma “descaracterização em relação à obra original”. Podemos considerar o

---

<sup>177</sup> “P.M.V. inicia alargamento e reforma do balaústre”. Folha da Mata, nº1004, 14/05/1988, Viçosa - MG. P.5. Grifos nossos.

final da década de 1980 como um período de transição entre a mudança da paisagem urbana como algo normal e a militância pela preservação da paisagem urbana, em nome da memória.

Neste caso, vê-se claramente que as ideias de “origem”, “raízes”, “original” podem ser falhas. Preservar o Balaústre de hoje não significa preservar um “pedaço da Viçosa original”. Em primeiro lugar, porque ela não existe! E em segundo lugar porque essa busca pelas origens é infinda. Não existe real possibilidade de um “retorno às origens”. O único “tempo que temos” é o presente e tudo o que fazemos é com base nele.

- *Se o Balaústre de hoje não é o “original”, ele perde sua validade como patrimônio de Viçosa?*

---

---

---

---

---

- *Refleta sobre os critérios da originalidade ou da representatividade no que diz respeito ao patrimônio.*

---

---

---

---

---

Agora vamos observar imagens de dois bens tombados em Viçosa e que são muito interessantes por um aspecto em comum: são fachadas de construções antigas, tombadas como patrimônios históricos da cidade, e em cujas volumetrias dos terrenos foram construídos prédios modernos.

O primeiro é o edifício Cora e o segundo é a fachada do primeiro Hospital de Viçosa, ambos localizados à Avenida Bueno Brandão, ao longo do Balaústre.

CASA Cora Bolívar  
Localização: Av. Bueno Brandão 254, Centro  
Tombamento: Decreto Nº 4057/2006 – 30/08/2006

A casa, patrimônio da arquitetura de Viçosa, foi construída em 1917 e está inserida no projeto, sendo preservada e restaurada pelas construtoras. Foi moradia da ilustre poetisa Cora Bolivar e de seu marido, o conceituado médico Dr. Sebastião Ferreira da Silva. O imóvel foi tombado pelo seu valor histórico e artístico, sendo referência arquitetônica da época de sua construção e por pertencer a um conjunto urbano-cultural significativo à comunidade local. Além disso, é referência na paisagem e ícone por ter pertencido a figuras destacadas da sociedade viçosense<sup>178</sup>.



Figura 8: antiga Casa nº254 da Avenida Bueno Brandão, Viçosa - MG. Antiga residência de Dona Cora Bolívar e família. Acervo de Aguinaldo Pacheco. Publicada em março de 2011<sup>179</sup>.



Figura 9: detalhe da construção de um edifício na volumetria do terreno da antiga residência de Dona Cora Bolívar na Avenida Bueno Brandão, Viçosa - MG. Acervo de Aguinaldo Pacheco. Publicada em março de 2011<sup>180</sup>.

<sup>178</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 27/07/15. Grifos nossos.

<sup>179</sup> Conferir: <http://vicosacidadeaberta.blogspot.com.br/2011/03/patrimonio-bens-tombados-em-vicosa-mg.html>. Acesso em: 20/07/2015.

<sup>180</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 25/07/15.

Esse é um dos casos em que o recurso legal denominado “Transferência do Direito de Construir” foi praticado em Viçosa. Esse recurso está previsto na Lei Federal 10.257 /2001, intitulada “Estatuto da Cidade”<sup>181</sup> e também no Plano Diretor do Município de Viçosa, elaborado em 1998, aprovado em 2000, e que, atualmente, passa por processo de atualização. A proposta visa minimizar os conflitos que ocorrem entre os grupos defensores do patrimônio e os ligados ao setor imobiliário e/ou da construção civil.

De acordo com as legislações federal e municipal, o proprietário de um edifício considerado pelo poder público como bem de valor patrimonial poderá transferir a “capacidade construtora” daquele lote a outro da cidade. O índice construtor é definido pelo Plano Diretor<sup>182</sup>. Ele determina os recuos da área construída em relação ao lote; determina a quantidade de andares que os edifícios poderão ter em cada região da cidade, entre outros elementos. Tudo isso é feito com o objetivo de impor normas às construções, visto que o Plano Diretor é um projeto completo para a cidade. Ele aborda aspectos econômicos, sociais, de infraestrutura, de preservação do meio ambiente e do patrimônio cultural, etc. Sendo uma legislação abrangente e procurando ter uma visão da cidade como um todo complexo, o Plano Diretor é um instrumento legal importante para evitar abusos do poder econômico, segregação social, infraestrutura urbana insuficiente e todos os problemas de uma cidade que cresce de forma desordenada. Trata-se, portanto, de um documento muito importante e que ainda carece da devida atenção por parte da comunidade e do poder público.

- *Você considera a “transferência do direito de construir” uma boa solução para salvaguarda do patrimônio de uma cidade?*

---

---

---

---

<sup>181</sup> **Lei Federal, nº10.257, de 10 de julho de 2001.** Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes da política urbana e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm). Acesso em: 05/06/15.

<sup>182</sup> Consulte a versão do Plano Diretor de Viçosa aprovada no ano 2000 em: <http://pt.scribd.com/doc/207603222/Plano-Diretor-Versao-aprovado#scribd>. Acesso em: 04/06/15. Esta versão não está mais em vigor e o novo Plano Diretor encontra-se em fase de planejamento. Conferir: <http://www.ufv.br/pdv/>. Acesso em: 27/07/15.

Observe agora, o resultado da aplicação desse recurso em Viçosa, no caso do Edifício Cora:



**Figura 10: residencial Cora Bolívar na Avenida Bueno Brandão, Viçosa – MG.  
Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.**

Foi construído um prédio luxuoso, para o padrão financeiro da cidade, em um local bastante privilegiado, e que por essas duas razões, atenderá a um público alvo bastante específico e propositalmente selecionado. A segregação está implícita! É o que Michel Foucault chama de “microfísica do poder”<sup>183</sup>: a definição do “tipo de pessoas” que poderá viver ali não é explícita, mas, sem que alguém necessite dizer alguma coisa, cada um de nós tem a noção de que tem ou não condições financeiras para viver naquele local. Não é um poder que se impõe pelo barulho ou pela força; ele se impõe através do silêncio e do conformismo daqueles que sabem que “aquele lugar não é para eles”.

---

<sup>183</sup> FOUCAULT, Michel. A microfísica do poder. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

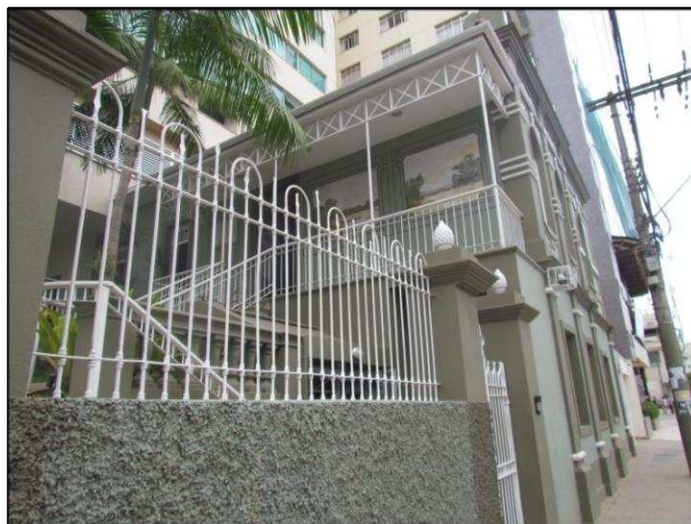


Figura 11: detalhe da parte preservada da antiga residência de dona Cora Bolívar; atualmente, recepção do Residencial Cora, na Avenida Bueno Brandão, Viçosa – MG. Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.

- *A preservação de “fachadas antigas” atende ao anseio social pela preservação da memória coletiva?*

---

---

---

---

- *Este é um “lugar público”?*

---

---

---

---

- O Balaústre é dos viçosenses? Qualquer viçosense que desejar viver na região do Balaústre porque tem uma relação afetiva com esse patrimônio poderá fazê-lo?

- 
- 
- 
- A casa Cora Bolívar é patrimônio é de quem? Para quem?
- 
- 
- 
- 

Vamos agora ao segundo caso de preservação de fachada em Viçosa, decorrente do recurso à “transferência do direito de construção”. Trata-se da fachada do primeiro Hospital da cidade, também localizado na Avenida Bueno Brandão:



**Figura 12: fachada preservada do primeiro hospital da cidade, localizado à Avenida Bueno Brandão, Viçosa – MG. Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.**

Esse caso é ainda mais delicado, uma vez que nenhuma parte da volumetria da antiga construção foi preservada. O que está tombado por Decreto Municipal é apenas a fachada do primeiro Hospital de Viçosa. A construtora pôde aproveitar todo o terreno, deixando apenas essa fachada, como pode ser observado na imagem acima.

## FACHADA DA CASA SEDE DO PRIMEIRO HOSPITAL DE VIÇOSA

Localização: Praça Emílio Jardim 03, Centro

Tombamento: Decreto Nº 3818/2004 – 19/04/2004

Entre os sesmeeiros que deram origem à Viçosa encontra-se o padre Manoel Inácio de Castro. [...] Sabe-se que **o casarão foi erguido entre 1850 e 1860**, após a morte do Padre. Anos mais tarde uma nova sede para a fazenda foi construída onde hoje se localiza o Hospital São Sebastião, na proximidade, e o casarão passou a **abrigar colonos e funcionários. No início do século XX passou a funcionar ali o primeiro hospital da cidade.** [...] **Após a construção de nova sede para o hospital, por volta de 1940, o casarão passou a servir de alojamento para os estudantes do então Colégio de Viçosa.** Na década de 1950 o imóvel passou para a família Maciel. [...] **Nos anos 2000 foi erguido um edifício no terreno posterior, ocupando inclusive área antes ocupada pela própria edificação. A fachada antiga edificação foi tombada como remanescente histórico do que foi o primeiro hospital da cidade.** Parte da mesma foi **descaracterizada para atender ao novo imóvel** erguido no local. Ainda preserva as esquadrias e parte do acabamento em madeira original da época da construção do mesmo<sup>184</sup>.

Primeiramente, a construção serviu de residência familiar numa fazenda; depois, tornou-se abrigo dos seus funcionários. Em seguida, tornou-se o primeiro Hospital da cidade e, posteriormente, foi utilizada como alojamento dos alunos do Colégio de Viçosa, até ser finalmente demolida no final do século XX, restando apenas a fachada da casa de fazenda do padre Manoel Inácio de Castro.

- De acordo com o texto divulgado pela Prefeitura Municipal (acima), qual é a memória iluminada pelo tombamento desta fachada?

---

---

- Quais são as memórias relegadas à sombra e que poderiam estar associadas a esta mesma fachada?

---

---

---

<sup>184</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 27/07/15. Grifos nossos.

Observe outra imagem do mesmo edifício:



**Figura 13: vista da região onde está localizado um dos patrimônios tombados do município de Viçosa: a fachada do primeiro Hospital da cidade, localizado à Avenida Bueno Brandão, Viçosa – MG. Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.**

- Se, como afirma Michel de Certeau, o espaço urbano é um texto escrito e reescrito constantemente pelas pessoas que estabelecem relações com seus lugares, qual é a leitura que se pode fazer dessa localização do município de Viçosa, a partir do recorte apresentado pela imagem número 12?

---

---

---

---

---

- Esta foto permite uma reflexão não apenas no que diz respeito ao patrimônio, mas *também no que tange à relação das pessoas com os “lugares públicos. Qual a sua percepção a esse respeito?*

---

---

---

Na imagem a seguir, chamou nossa atenção a lixeira transbordada que flagramos ao fotografar o edifício, numa tarde de domingo. O desleixe com os espaços públicos é um contraste com a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade. Afinal de contas, para que serve a fachada preservada de uma construção antiga, num espaço onde se nota a falta de cuidado dos moradores quanto à preservação do ambiente em que vivem?

### 1.3.3: Casas nº119 e 129 da Rua Gomes Barbosa

A Rua Gomes Barbosa está entre as mais antigas da região central de Viçosa. Nela, há muitas construções antigas e, por sua proximidade com o campus da UFV, é considerada uma região privilegiada da cidade e é alvo da grande ação do setor imobiliário e da construção civil.



Figura 14: casa nº119 – Rua Gomes Barbosa, Viçosa – MG. Acervo site oficial da Prefeitura Municipal de Viçosa.

CASA 119 Rua Gomes Barbosa

Localização: Rua Gomes Barbosa, 119, Centro

Tombamento: Decreto Nº 3855/2004 – 29/09/2004

A edificação é **um dos poucos exemplares** do casario **do estilo** arquitetônico **Eclético** **ainda existente na Rua Gomes Barbosa**. A via foi aberta durante a época de grande expansão urbana, ocorrida com a **chegada da linha férrea** ao centro da cidade. Novos loteamentos foram abertos e a **Av. Santa Rita e Rua Gomes Barbosa, juntamente com a Av. Bueno Brandão, foram locais escolhidos por famílias mais abastadas para erguer suas residências na cidade**. Uma das primeiras construções erguidas na Rua Gomes Barbosa, na segunda década do século XX. Foi erguida pelo construtor Jacob Lopes de

Castro, em benefício de seu filho Jacob Lopes de Castro Filho, porém este o alugou para um dos professores que vieram trabalhar na **ESAV, na década de 1920**. Em 1945 o imóvel foi vendido para Ulisses da Costa Paiva, e com sua morte o sobrado passou para seus herdeiros, até que em 2004 foi adquirido pela Incorporadora Eric & Paiva. O pavimento térreo era utilizado como depósito e há muitas décadas abrigava uma bomba d'água. **A residência tinha paredes ornadas com pinturas na altura do barrado. Seu interior foi bastante modificado**, porém ainda observa-se parte da repartição original. **O imóvel foi tombado pelo seu valor histórico e artístico, sendo referência arquitetônica da época de sua construção e por pertencer a um conjunto urbano-cultural significativo à comunidade local**<sup>185</sup>.



Figura 15: casa nº129 – Rua Gomes Barbosa, Viçosa – MG. Acervo site oficial da Prefeitura Municipal de Viçosa.

#### CASA 129 Rua Gomes Barbosa

Localização: Rua Gomes Barbosa, 119, Centro

Tombamento: Decreto Nº 3855/2004 – 29/09/2004.

A edificação é um dos poucos exemplares do casario do estilo arquitetônico Eclético ainda existente na Rua Gomes Barbosa. Construído pouco depois da abertura da referida via, na segunda década do século XX. A Rua Gomes Barbosa foi aberta na mesma época e paralelamente à Av. Santa Rita. O local foi pensado como eixo de expansão urbana da área central, próximo ao cemitério Dom Viçoso. Em meados do século XX a rua foi rebaixada, abalando a edificação, sendo que os problemas foram corrigidos posteriormente. Hoje observa-se um pequeno talude junto à fachada, resultante da correção de nível após o rebaixamento da via. A primeira proprietária do imóvel foi Amélia Toledo, que em 1940 o vendeu à Divino Vitarelli; a família de ambos residiram por muito tempo no local. Na década de 1970 o imóvel sofreu acréscimo de novos cômodos e os afastamentos laterais sofreram intervenções, porém o corpo principal da edificação foi preservado. Em 2004 o imóvel foi adquirido pela Incorporadora Eric & Paiva. O imóvel foi tombado pelo seu valor histórico e artístico, sendo referência arquitetônica da época de sua construção e por pertencer a um conjunto urbano-cultural significativo à comunidade local.

<sup>185</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 27/07/15. Grifos nossos.

Estas duas casas foram selecionadas e tombadas por decreto municipal, como patrimônios históricos de Viçosa, por seu “valor arquitetônico”. Ou seja, a principal razão que motivou a seleção destes dois imóveis foi considerar que eles são exemplares de um estilo arquitetônico importante, belo, singular e que não se usa mais.

- Quais critérios você consideraria importantes para promover a seleção de bens, a fim de patrimonializá-los?

---

---

---

- Por que manter construções e fachadas antigas em meio às construções modernas da cidade tornou-se algo tão importante para a sociedade atual?

---

---

---

- O que se pode dizer sobre a forma como a sociedade contemporânea lida com os processos de mudanças, ressignificações, envelhecimentos e perdas em suas paisagens urbanas?

---

---

Para os dois imóveis, foi dada a mesma justificativa para os tombamentos: “o imóvel foi tombado pelo seu valor histórico e artístico, sendo referência arquitetônica da época de sua construção e por pertencer a um conjunto urbano-cultural significativo à comunidade local”. Isso satisfaz as exigências burocráticas, mas, talvez, não satisfaça aos moradores da cidade.

- Em sua opinião qual a importância da preservação destas duas construções para a população de Viçosa?

---

---

---

#### **1.3.4: Escola Municipal Ministro Edmundo Lins, Colégio Viçosa, Busto do Professor Alberto Pacheco e Edifício Arthur da Silva Bernardes.**

Segundo informações do site oficial da Prefeitura, em 1913, foi fundado por uma associação de moradores o Gymnásio de Viçosa, cujo prédio localizava-se na Praça Silviano Brandão. Logo em seguida, surgiu a Escola Normal vinculada a ele e desmembrada posteriormente, passando a se dedicar exclusivamente ao ensino profissionalizante para moças, na área do Magistério. Segundo Maria do Carmo Tafuri Paniago,

de 1929 a 1931, o Ginásio de Viçosa passou por sérias dificuldades financeiras, a ponto de ter sido proposto o seu fechamento em uma reunião de pessoas interessadas da comunidade. Então, o **professor Alberto Álvaro Pacheco**, discordando dos que assim pensavam, assumiu a sua direção, em 1932<sup>186</sup>.

Este professor Alberto Álvaro Pacheco, mencionado por Paniago no trecho acima, recebeu uma homenagem póstuma de um grupo de alunos de Viçosa por sua dedicação ao magistério. Alberto Pacheco foi membro do corpo docente do Colégio de Viçosa na década de 1920, tendo lecionado Geografia, Cosmografia e Desenho. Quando, no final daquela década, o Colégio passou por grave crise financeira e quase foi fechado, o professor Pacheco assumiu, sozinho, sua direção. A partir da década de 1940, com o Colégio de Viçosa recuperado e recebendo alunos de Viçosa e região, ele foi convidado a fundar, recuperar ou administrar instituições escolares em diversos municípios mineiros como Ubá, São João Nepomuceno, Raul Soares, entre outros<sup>187</sup>.

Seu busto foi inaugurado na Avenida P. H. Rolfs, próximo à entrada principal do campus da UFV, na década de 1980.

---

<sup>186</sup> PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. Viçosa: mudanças socioculturais. Evolução histórica e tendências. Viçosa: Editora UFV, 1990. p.141. Grifos nossos.

<sup>187</sup> Conferir <http://www.tdnet.com.br/vicosa/AlvaroPacheco.htm>. Acesso em: 24/07/15.



**Figura 16: busto em homenagem ao Professor Alberto Álvaro Pacheco, na entrada do campus da UFV – MG. Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.**



**Figura 17: detalhe do memorial ao professor Alberto Pacheco; na placa lê-se: “Ao professor Alberto Álvaro Pacheco – Homenagem de gratidão dos seus ex-alunos e do povo de Viçosa. ‘Na sua verde velhice, ele foi a mocidade de uma geração de moços’.” Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.**

Observe a seguir trechos de artigos publicados no jornal Folha da Mata, no ano de 1985, sobre este busto em homenagem ao professor Alberto Pacheco:

## Busto

Uma das mais significativas homenagens está sendo prestada ao professor Alberto Álvaro Pacheco, por seus ex-alunos e o povo de Viçosa: seu busto acaba de ser colocado na Praça, ainda sem denominação, próxima às quatro Pilastras, onde a sua figura de político, professor e notável homem público será eternizada por várias gerações. O professor Alberto Pacheco, que deixou para Viçosa descendentes ilustres, teve sua vida pautada na política como oposicionista de Bernardes e, como professor, dedicou-se ao ensino, levando o saber a centenas de viçosenses, sem distinção de classe ou partidatismo. Sua memória sempre estará viva no seio das famílias viçosenses<sup>188</sup>.

O mesmo jornal publicou a seguinte notícia no mês seguinte:

Folha da Mata, 24/08/85.

Busto do Professor Alberto Pacheco desaparece do pedestal e é encontrado no fundo da represa.

Quem passou na manhã de ontem pela pracinha existente nas proximidades da entrada do “campus” da UFV (4 Pilastras), **naturalmente** que estranhou a ausência do busto do professor Alberto Pacheco no topo do pedestal ali erigido para homenageá-lo. O fato foi, deveras, estranho: afinal, há menos de 20 dias o busto foi ali inaugurado, numa **homenagem da população viçosense ao ilustre mestre do passado**. Porém, mais **estranho** ainda, e **repugnante** até, foi o resultado de sua apuração. Descobriu-se que o busto fora dali solapado e atirado nas águas próximas. Um ato de vandalismo indecente, inominável! Por si só, o ato já representa um **atestado de mente curta, de paranoia, de burrice total, uma vez que desrespeita valores naturais** atentando contra o patrimônio público. No entanto, se revela muito mais infame quando se sabe que **a memória de um educador, reverenciada pela população viçosense como um dos mais dedicados mestres de sua história, foi achincalhada, esbulhada. Toda comunidade viçosense repudia** tal ato ignominioso de **desrespeito à memória do seu povo, do seu passado, da sua história, enfim. E no fundo de cada cidadão viçosense fica um sentimento de revolta** que pede sejam os autores desta agressão descobertos e punidos pela lei<sup>189</sup>.

- O primeiro artigo, noticiando a inauguração do busto, foi publicado na página 7 do jornal. O segundo artigo, que trata da destruição do busto e do “vandalismo e desrespeito à memória, ao passado e à história do povo”, foi publicado na primeira página do jornal. Isso sugere algo?

---

<sup>188</sup> “Busto”. Folha da Mata, nº812. 13/07/1985. Viçosa – MG. p.7. Grifos nossos.

<sup>189</sup> “Busto do Professor Alberto Pacheco desaparece do pedestal e é encontrado no fundo da represa”. Folha da Mata, nº824. 24/08/1985. Viçosa – MG. p.1. Grifos nossos.

- 
- 
- Reflita sobre o texto inscrito na placa que compõe o monumento em homenagem ao professor Alberto Pacheco. A quais conclusões podemos chegar?

---

---

---

- Quais as suas impressões a respeito dos artigos publicados no jornal Folha da Mata a respeito do busto do professor Alberto Pacheco?

---

---

---

---

De volta ao assunto principal, que é a construção da memória de Viçosa como “cidade educadora”...

Com uma mudança dos sócios, o Ginásio passou a se chamar Colégio de Viçosa e, em 1950, foi instalado no edifício hoje tombado como patrimônio de Viçosa, localizado à rua Gomes Barbosa.



Observe o texto oficial da Prefeitura Municipal, que traz o histórico do Colégio Viçosa, bem como a justificativa para o tombamento de sua última sede:

#### COLÉGIO DE VIÇOSA

Localização: Rua Gomes Barbosa 803, Centro

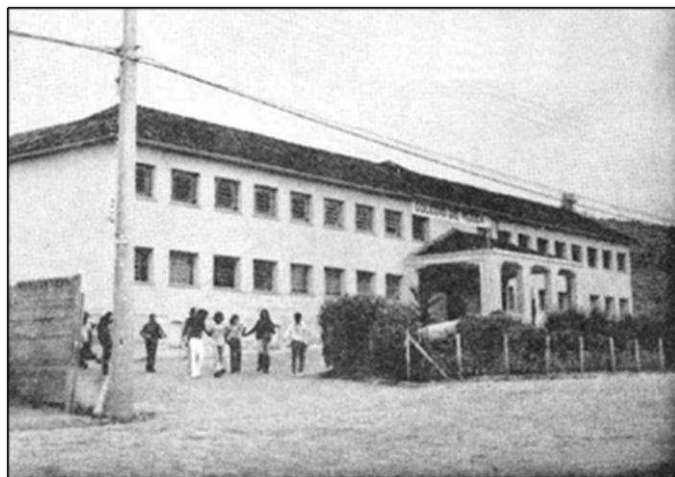
Tombamento: Decreto Nº 3432/99 – 30/04/1999

O Colégio de Viçosa **teve sua origem no Gymnasio de Viçosa, fundado em outubro de 1913** pelo professor Alípio Peres, que veio para Viçosa a convite do **Dr. Arthur da Silva Bernardes**. [...] Fato marcante na instituição foi a aprovação de todos os alunos no ano de 1918, por decreto federal, devido à Gripe Espanhola. [...] Com a **instalação da ESAV** (atual UFV), a partir de 1926 **a cidade se tornou referência em educação, instalando-se nela diversos educandários**. [...] Em 1946 iniciou-se a construção da nova sede do estabelecimento, na Rua Gomes Barbosa, até então uma área marginal do Centro. [...] **Em 1950 o colégio mudou-se para a nova sede**, ainda não completamente acabada. [...] No início da década de 1980 o Colégio voltou a declinar e em 1986 a instituição encerrou suas atividades, vendendo 83% das ações para a Prefeitura de Viçosa, que passou a ser proprietária do imóvel. **O edifício do Colégio de Viçosa possui grande valor histórico-cultural para a sociedade viçosense. Sua estrutura grandiosa se destaca na paisagem e é ponto de referência urbana. A instalação do educandário em tal endereço contribuiu para a expansão da cidade para a região sul da área central. Além disso, o estabelecimento de ensino formou importantes cidadãos para a vida pública do município e estado, sendo referência em educação tradicional e cívica**<sup>191</sup>.

- De acordo com a justificativa para o tombamento apresentada no trecho acima, o prédio tombado como patrimônio de Viçosa, representa que tipo de memória da cidade?

<sup>190</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade>. Acesso em: 03/06/15.

<sup>191</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 27/07/15. Grifos nossos.



**Figura 19: colégio de Viçosa nos anos 70, na Rua Gomes Barbosa, Viçosa - MG. Cortesia de Tony Mello<sup>192</sup>.**

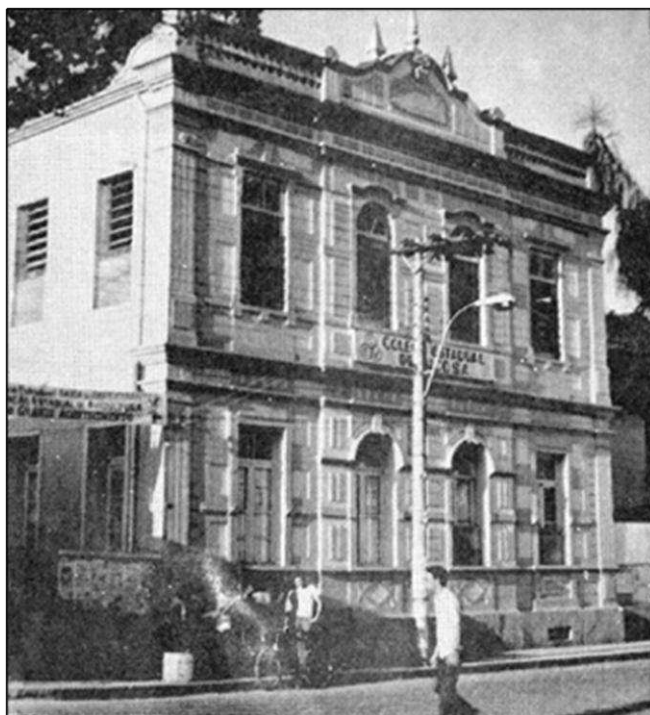


**Figura 20: antigo Colégio Viçosa, localizado à Rua Gomes Barbosa, Viçosa - MG. A construção foi tombada em 1999 por decreto municipal. Acervo pessoal Isabela Guerra e Walkiria Martins. 04/07/15.**

Em 1970 foi instalado o Colégio Estadual de Viçosa, em uma construção que datava de 1916, que se localizava à Praça Silviano Brandão, ao lado do antigo Ginásio de Viçosa. Em de 1973, por intermédio da UFV, esse edifício foi doado ao Estado de Minas Gerais, demolido e, no lugar, foi construído um edifício para a instalação da Caixa Econômica e, acima dela, apartamentos residenciais. Em troca, a UFV doou um terreno no Bairro Bela Vista, onde foi construída outra escola estadual: o ESED RAT.

---

<sup>192</sup>Conferir: [http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade\\_](http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade_) Acesso em: 03/06/15.



**Figura 21: colégio Estadual, em 1973, na Praça Silviano Brandão, Viçosa - MG. Cortesia Tony Mello<sup>193</sup>.**



**Figura 22: praça Silviano Brandão, Viçosa - MG, com vista para o edifício da Caixa Econômica Federal, construído na década de 1970, no terreno do antigo Colégio Estadual de Viçosa. Acervo pessoal Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.**

De acordo com dados da Prefeitura Municipal, o terreno foi adquirido pela Prefeitura na década de 1930 e este edifício foi erguido para abrigar a Cadeia que antes estava acoplada à Câmara Municipal, na Praça Silviano Brandão. A partir da década de 1960 a Cadeia foi transferida para outro local e o prédio passou a abrigar a Escola Municipal. Esta construção

<sup>193</sup>Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade>, Acesso em: 03/06/15.

tombada por decreto municipal em 1999 já passou por duas reformas: uma, em 1970, só para reparos, e outra em 1997, com ampliação e adaptação da estrutura<sup>194</sup>.



Figura 23: vista parcial da Avenida Santa Rita, Viçosa – MG. Destaque à esquerda para o edifício da Escola Municipal Ministro Edmundo Lins, tombado como patrimônio da cidade desde 1999.

#### ESCOLA MUNICIPAL MINISTRO EDMUNDO LINS

Localização: Av. Santa Rita 337, Centro

Tombamento: Decreto Nº 3438/99 – 30/04/1999

[...] O imóvel foi tombado pelo seu valor histórico-artístico, **retrato de vários períodos históricos do município**. Além disso, a instituição que hoje abriga tem **grande valor cultural para a população, sendo referência de ensino na formação dos viçosenses**. A edificação é referência na paisagem urbana e marco da Av. Santa Rita, em que está localizado<sup>195</sup>.

- Reflita sobre a pertinência da afirmação segundo a qual, o atual prédio onde está instalada a escola Edmundo Lins é “um retrato de vários períodos históricos do município”.

---

---

---

---

<sup>194</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 23/07/15.

<sup>195</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 27/07/15. Grifos nossos.

O outro bem tombado de Viçosa que visitaremos é o edifício Arthur da Silva Bernardes, o qual, juntamente com outras edificações como o Edifício Belo Lisboa (Alojamento Velho) e a Reitoria, constituem a parte mais antiga da atual UFV, inaugurada em 1926, como ESAV.

#### EDIFÍCIO ARTHUR BERNARDES

Localização: Av. P.H.Rolfs s/nº, campus UFV

Tombamento: Decreto Nº 3603/2001 – 29/06/2001

Erguido entre 1922 e 1926 dentro do quadro de obras de construção da ESAV [...]. A construção foi chefiada pelo engenheiro J.C. Bello Lisboa [...]. A princípio a edificação teria apenas uma fachada luxuosa, porém sua implantação no terreno exigiu quatro fachadas nobres. [...] A edificação foi tombada pelo seu **valor histórico-cultural, não somente para a comunidade viçosense, mas também para o Estado de Minas Gerais**. Seu **valor arquitetônico** também é **inestimável**, pois integram ao **estilo Eclético**, muito difundido no Brasil à época, peças fabricadas in loco, **que permitiu o desenvolvimento da mão de obra da região, que passou a ser valorizada no ramo da construção civil**. **O edifício é o mais valorizado do campus da Universidade Federal de Viçosa**, sendo referência para novas edificações<sup>196</sup>.

- *O “valor histórico-cultural”, que este edifício supostamente possui, é o mesmo, tanto para o município de Viçosa quanto para o Estado de Minas Gerais?*

---

---

---

- *Por que o estilo arquitetônico eclético é considerado de “valor inestimável”? Quem definiu isto?*

---

---

---

- *O desenvolvimento do “ramo da construção civil” significa para Viçosa “o progresso” ou a “destruição de seu patrimônio histórico-cultural”? Opine e reflita sobre isso trocando ideias com os colegas de curso.*

<sup>196</sup> Conferir: <http://www.vicosamg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 27/07/15. Grifos nossos.

---

---

---

Uma curiosidade a respeito deste edifício, apelidado de “Bernardão”, é que ele foi inventariado pelo Departamento de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Viçosa e tombado por decreto municipal, em 2001, mas até hoje o IEPHA não aceitou a documentação referente a ele e, por essa razão, este tombamento não ajuda o município com a captação do ICMS Cultural<sup>197</sup>.

Curioso, porque o tombamento da antiga residência de férias do ex-presidente da República Arthur da Silva Bernardes, localizada à Praça Silviano Brandão, no centro de Viçosa, foi iniciativa do próprio IEPHA, no final da década de 1980, ou seja, muito antes de o município iniciar suas próprias ações de salvaguarda do patrimônio local. Como a justificativa para o tombamento estadual da Casa Arthur Bernardes tem relação com o cargo público que ocupou, a Prefeitura Municipal de Viçosa considerou que essa mesma importância poderia ser estendida ao Edifício Arthur Bernardes, o qual representa a fundação da ESAV, durante o governo do então presidente Bernardes. No entanto, para a surpresa do poder público de Viçosa, esse reconhecimento do “Bernardão” como patrimônio de Viçosa, não veio por parte do Governo Estadual.

- Um bem deve ser considerado patrimônio de uma comunidade principalmente por sua representatividade para ela ou somente de acordo com critérios institucionais previamente estabelecidos?

---

<sup>197</sup> Lei Robin Hood, criada em 1995 pelo Estado de Minas Gerais. Através dela o Governo Estadual estimula as cidades mineiras a preservarem seu patrimônio cultural e histórico, mediante critérios e avaliações propostos pelo IEPHA. A pontuação de cada município tem um correspondente valor monetário que vem do ICMS recolhido pelo governo estadual. O texto da Lei, bem como informações a seu respeito, podem ser encontradas na internet. Conferir em: <http://www.fjp.mg.gov.br/robin-hood/>. Acesso em: 26/07/15.



Figura 24: vista parcial do *campus* da UFV com destaque, ao fundo, para o Edifício Arthur da Silva Bernardes – “Bernardão”. Acervo pessoal Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.

- É claro que um bem não precisa do reconhecimento do IEPHA ou de qualquer outro órgão para ser considerado patrimônio dos viçosenses. Mas, sem o reconhecimento, o município não capta recursos referentes a este tombamento especificamente. A proteção *do patrimônio histórico e cultural é uma questão de “defesa do direito à memória de um povo”?*

---

---

---

Nas Quatro Pilastras, entrada principal do campus da UFV, originalmente, liam-se as letras E-S-A-V, formando a sigla da instituição fundada por Bernardes em 1926 (Escola Superior de Agricultura e Veterinária). Posteriormente as letras foram substituídas pelas inscrições em latim a “*Ediscere*”, “*Scire*”, “*Agere*” e “*Vincere*”, na parte voltada ao exterior da Universidade, ou seja, voltada à cidade de Viçosa, como se vê na imagem acima; e em português: “*Estudar*”, “*Saber*”, “*Agir*”, “*Aprender*”, na parte voltada ao interior do campus universitário, ou seja, oposto à cidade de Viçosa<sup>198</sup>.

---

<sup>198</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade>. Acesso em: 03/06/15.



Figura 25: quatro Pilastras – entrada principal do campus da UFV, Viçosa – MG. Destaque para as inscrições em cada pilastra, grafadas em língua portuguesa. Crédito: Chico do Vale<sup>199</sup>.



Figura 26: quatro Pilastras – entrada principal do *campus* da UFV, Viçosa – MG. Destaque para as inscrições em cada pilastra, grafadas em latim. Crédito: Mateus Araújo<sup>200</sup>.

- Que leitura poderíamos fazer dessa disposição das palavras inscritas nas Quatro Pilastras em relação ao saber e sua associação com “os que estão dentro” e “os que estão fora” da Universidade?

---



---



---



---

<sup>199</sup> Conferir: [http://www.com.ufv.br/coloquio/?page\\_id=32](http://www.com.ufv.br/coloquio/?page_id=32)\_Acesso em 24/07/15.

<sup>200</sup> Conferir: [https://www.flickr.com/photos/mateus\\_araujo/7158139882](https://www.flickr.com/photos/mateus_araujo/7158139882). Acesso em:24/07/15.

A construção da ESAV, bem como do Patronato Agrícola na década de 1920, durante o governo do então presidente Arthur da Silva Bernardes, tornaram a cidade de Viçosa um polo receptor de estudantes de diversas partes do país, tanto para a Educação Básica Profissionalizante, quanto para a formação Superior.

A partir de então, o próprio município passou a investir na construção e manutenção de outras instituições de ensino e assumiu em sua microrregião uma função essencialmente ligada à área da Educação formal.

A construção do Colégio de Viçosa, bem como de outras escolas, tais como o CASB e o Edmundo Lins, entre outras, ampliaram as ações no sentido de desenvolver o setor educacional em Viçosa, e a tornaram conhecida externamente e, na mesma proporção, serviram de “matéria-prima” para a elaboração de uma auto-imagem de “Cidade Educadora”. No site oficial da Prefeitura Municipal, há um link com diversas informações sobre a cidade. Um dos textos tem como título: “Do café à cidade polo educacional”; e esse é o texto que resume a “história” de Viçosa<sup>201</sup>. Fica claro que há a intenção por parte do poder público local e de alguns grupos de moradores, a defesa dessa imagem de Viçosa como uma cidade ligada à Educação e à Cultura. Também é importante esclarecer que, nesse sentido, a palavra “cultura” é associada a um conjunto de conhecimentos transmitidos por instituições formais.

Observe a seguir os símbolos da cidade:

### **Bandeira**



**Figura 27: bandeira Oficial do município de Viçosa - MG<sup>202</sup>**

De acordo com o site oficial do Departamento de Turismo do município de Viçosa, a Bandeira da cidade foi instituída pela Lei nº598, de 29 de setembro de 1971, data da

<sup>201</sup> Conferir: [http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade\\_](http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade_) Acesso em: 03/06/15.

<sup>202</sup> Conferir em: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/departamento-de-turismo>. Acesso em: 07/06/15.

comemoração do primeiro centenário da cidade. Seu autor foi o professor Arlindo de Paula Gonçalves, que explica a inscrição “Cultura e Civismo” da seguinte forma:

Representa **a característica que tem sido sempre constante do povo de Viçosa**. [...] Muito cedo os filhos de Viçosa deram provas de seu **amor ao desenvolvimento cultural** e devotada dedicação **aos interesses cívicos** de nossa Pátria<sup>203</sup>.

### Brasão



Figura 28: brasão Oficial do Município de Viçosa – MG<sup>204</sup>.

Segundo informações do Departamento de Turismo, o Brasão de Viçosa foi instituído pela Lei nº595 na mesma data em que foi criada oficialmente a Bandeira. Ele é de autoria do professor José Marcondes Borges, que assim explica sua composição:

Seu significado está associado à **inteligência, sabedoria, luz, fé, verdade, caridade, proximidade com as coisas celestes**. Ao centro estão representados a **cruz** e o **livro**. A águia como símbolo de **humildade**, representação da **inteligência**, da **pesquisa** e da luz da **verdade**. O vermelho significa a **vitória da fé e da cultura**. Na divisa lê-se: *Templum Splendidum Lucis* (templo de luz esplendorosa), alusiva ao esplendor oriundo da luz da fé e da luz da cultura<sup>205</sup>.

### Hino

Ainda segundo dados do Departamento de Turismo, o Hino Oficial de Viçosa foi instituído pela Lei nº995, de 05 de Abril de 1994. Sua letra é de autoria de Dr. Ary Teixeira de Oliveira e a música foi composta pelo Maestro Expedito G. Santos.

Vamos analisar alguns trechos da letra:

<sup>203</sup> Conferirem: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/departamento-de-turismo>. Acesso em: 07/06/15. Grifos nossos.

<sup>204</sup> Conferir em: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/departamento-de-turismo>. Acesso em: 07/06/15.

<sup>205</sup> Conferir em: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/departamento-de-turismo>. Acesso em: 07/06/15. Grifos nossos.

Viçosa, Viçosa  
**Que escreveste capítulos da História!**  
[...]  
Por teus filhos e teu lema  
De um **povo culto** e feliz.  
Tu és, Viçosa, uma gema  
A enriquecer o País.

**Tantos chegam**, gente airoso,  
E partem com dó profundo...  
E teus amores, Viçosa,  
Se espalham por todo o mundo.

Ó Viçosa que me encantas  
E a todos tão bem acolhes,  
Pois, se **cultura tu plantas**,  
Quanto carinho tu colhes!

És pedaço de **glórias e talentos**,  
És **passado defama e destemor**  
É **presente deluta e ensinamentos**  
E és **futuro de luz, de fé e amor**<sup>206</sup>!

- O que há em comum nos três símbolos oficiais da cidade?

---

---

- A ênfase na Cultura deve-se à que característica atribuída à Viçosa?

---

---

- O que se pode dizer dos autores dos símbolos? Por que a menção às profissões?

---

---

---

---

- A auto-imagem de Viçosa está fundamentada, entre outros elementos, na ideia de que ela é uma “Cidade Educadora” e essa imagem consubstancia o tombamento de diversas edificações que abrigaram ou ainda abrigam instituições de ensino. Reflita sobre isso e registre suas impressões.

---

<sup>206</sup> Conferirem: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/departamento-de-turismo>. Acesso em: 07/06/15. Grifos Nossos.

- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- Observe a tabela produzida pela ONG Censur Viçosa, a respeito do grau de escolaridade entre os adultos do município (dados de 2013):

| TABELA 28 – Nível Educacional De População Adulta (25 Anos Ou Mais) – Viçosa-MG – 2013 |       |       |       |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-------|-------|-------|
| INDICADOR                                                                              | Ano   |       |       |
|                                                                                        | 2009  | 2011  | 2013  |
| Taxa de analfabetismo (%)                                                              | 5,6   | 5,51  | 7,58  |
| % com menos de 8 anos de estudo                                                        | 53,17 | 53,11 | 50,53 |
| % com menos de 11 anos de estudo                                                       | 79,75 | 80,54 | 79,37 |
| % com mais de 11 anos de estudo                                                        | 20,25 | 19,46 | 20,63 |
| Média de anos de estudo                                                                | 8,2   | 8,3   | 8,9   |

Figura 5: *Census – Retrato Social de Viçosa V*<sup>207</sup>.

- Analise os dados da tabela e faça uma associação entre estas informações e o lema “cidade educativa” ou “cidade cultural” tido como “vocação da cidade de Viçosa”.
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 
- 

### 1.3.5: Capela de Nosso Senhor dos Passos, Praça do Rosário, Matriz de Santa Rita de Cássia.

Ribeiro Filho sintetiza o processo de formação do espaço urbano do município destacando “as quatro cidades de Viçosa”:

---

<sup>207</sup> Retrato Social de Viçosa V. Conferir: <http://www.censusvicosa.com.br/images/publicacoes/492/boletim-estatistico-2015-maropdf.pdf>. Acesso em: 26/07/15.

a **primeira cidade** se refere à **cidade patrimônio**, devido ao **traçado urbano planejado pela Igreja**, materializado em um conjunto de terras doadas a Igreja por um ou mais fazendeiros. A **segunda seria a cidade ferroviária**, dado a construção do ramal da ferrovia, possibilitando um acréscimo nas trocas comerciais, exportação agrícola, expansão do capital e intercâmbio cultural, assim como integrando novas áreas ao processo produtivo, tanto rurais como urbanas. A **última refere-se à cidade universitária, mediante a construção da ESAV**. Obstante as três cidades já mencionadas, Ribeiro Filho (1997) destaca o surgimento de uma **quarta cidade, materializada pós década de 60**, chegando até os dias atuais, mediante a expansão das atividades da Universidade, proporcionada pela sua federalização<sup>208</sup>.



Figura 30: capela Nossa Senhor dos Passos. Rua dos Passos, Viçosa – MG.  
Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.

Seguindo esta linha de raciocínio proposta por Ribeiro Filho, em termos de construções de igrejas, segundo a expansão do espaço urbano em Viçosa, temos o seguinte:

- “Primeira Cidade”

Observe o trecho do histórico da Capela dos Passos, enviado pelo Departamento de Patrimônio da Prefeitura Municipal de Viçosa ao IEPHA, em 2008:

<sup>208</sup> RIBEIRO FILHO, Geraldo Browne. “A formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG”. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 1997. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFRJ, 1997. Apud: PAULA, Karine de Almeida. “Urbanização, atividade imobiliária e adensamento urbano nos bairros Centro e João Braz em Viçosa (MG)”. Viçosa: UFV/Departamento de Geografia, 2011.. Monografia de conclusão do Bacharelado em Geografia. p.27. Grifos nossos.

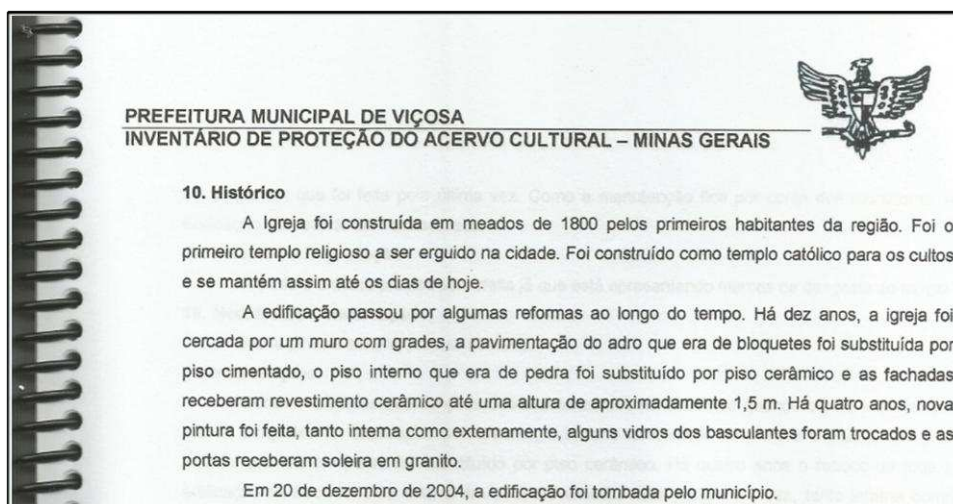


Figura 31: imagem do documento enviado ao IEPHA, em 2008, pela Prefeitura Municipal de Viçosa. Arquivo do Departamento Municipal de Cultura e Patrimônio Histórico, Viçosa – MG. Digitalização: Walkiria Martins.

#### CAPELA DOS PASSOS

Localização: Praça Senhor dos Passos s/nº, Centro

Tombamento: Decreto Nº 3090/2004 – 20/12/2004

O surgimento da primeira ermida, que deu origem à Capela do Senhor dos Passos se confunde com o próprio surgimento do povoado que deu origem à Viçosa. Em 8 de março de 1800 o bispo de Mariana Dom Cipriano de São José deu autorização ao Padre Francisco José da Silva para erguer uma capela em honra a Santa Rita, em terras doadas por Capitão Manoel Cardoso Machado e Dona Ana Joaquina de Fraga, que passaram a constituir o patrimônio da capela de Santa Rita do Turvo (antigo nome do povoado). [...] O acesso pela estrada que vinha de Ponte Nova possibilitou rápido desenvolvimento da área junto à capela, sendo que em 1813 o núcleo urbano se expande criando nova centralidade, próxima à antiga Matriz (atual Praça Silviano Brandão). Em 1913 foi erguida uma nova capela em honra à Santa Rita, que viria dar origem à antiga Matriz da cidade (demolida na década de 1950). Em 1932 é criada a Paróquia de Santa Rita. Aponta-se que após isso a capela recebeu a imagem de Nosso Senhor dos Passos (peça de roca datada do século XIX) e foi dedicada em honra ao mesmo. Desde então a capela foi reformada diversas vezes, não havendo muitos detalhes sobre essas obras. **A última grande obra ocorreu no segundo quarto do século XX, em que foi erguida a edificação que hoje se encontra no local.** A edificação foi tombada devido ao **valor histórico agregado, por ser marco da fundação da cidade de Viçosa, e pelo seu valor histórico-cultural para a comunidade**<sup>209</sup>.

- Observe que nesta justificativa fez-se questão de frisar que a atual capela, por não ser a original, foi tombada devido ao valor histórico a ela agregado. Existe patrimônio cujo valor não seja agregado?

<sup>209</sup> Conferir: <http://www.vicosa.mg.gov.br/a-cidade/bens-tombados>. Acesso em: 27/07/15. Grifos nossos.

- 
- 
- *A que é atribuída a “importância” desta capela para justificar o seu tombamento como patrimônio de Viçosa?*

- 
- 
- 
- **“Segunda cidade”**

Agora, observe uma fotografia da antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário, localizada à Praça do Rosário, onde hoje está o prédio da Prefeitura Municipal. Esta igreja foi demolida em 1965.



Figura 32: antiga Igreja do Rosário, à Praça do Rosário, Viçosa – MG<sup>210</sup>.

- Você sabia que o local onde hoje fica o prédio principal da Prefeitura Municipal de Viçosa, à Praça do Rosário, havia até a década de 60 uma igreja católica? O que a demolição desta igreja representa para a memória dos viçosenses?

---

---

---

- Imagine que hoje o Departamento de Patrimônio decidisse tombar o atual prédio da Prefeitura de Viçosa. Que memória estaria sendo preservada?

---

---

---

- A memória da Praça do Rosário, como lugar da administração pública de Viçosa, remonta às origens da Praça do Rosário?

---

---

---

<sup>210</sup> Conferir em: <http://www.redlinemg.com/wp-content/uploads/2012/10/igreja-do-rosario-demolida-em-1965-vicosa-mg.jpg>. Acesso em: 25/07/15.

- *À medida que a memória da Praça como “lugar político” for iluminada pela patrimonialização, o que ocorrerá com a memória da Praça como “lugar religioso”?*  
Qual a implicação disso?

---



---



---

Também na Praça Silviano Brandão ocorreu uma substituição interessante para a nossa análise. Observe:



**Figura 33: na Praça Silviano Brandão, Viçosa – MG, a antiga igreja Matriz foi mantida, enquanto a nova igreja – hoje Santuário de Santa Rita de Cássia - era construída<sup>211</sup>.**

- Observe esta imagem tendo como base as questões relacionadas à memória, à identidade e ao patrimônio histórico de Viçosa, que discutimos até o momento. Registre suas reflexões.

---



---



---

Agora, observe a atual Matriz de Santa Rita de Cássia:

<sup>211</sup> Conferir: <http://www.redlinemg.com/wp-content/uploads/2012/10/duas-igrejas-vicosa-mg.jpg> . Consulta em: 25/07/15.



**Figura 34: santuário de Santa Rita de Cássia, à Praça Silviano Brandão, Viçosa – MG. Destaque para o Edifício Padre Carlos, à esquerda da Matriz (atrás das árvores), onde antes havia a antiga Matriz, demolida logo após a inauguração da nova igreja, em 1953. Acervo particular Isabela Guerra e Walkiria Martins. 05/07/15.**

- O Santuário de Santa Rita de Cássia é um dos bens inventariados do município. Seu tombamento *“iluminaria”* qual memória para os viçosenses?

---

---

---

- Na Praça Silviano Brandão, a *memória religiosa católica*, tem suas *“origens”* relacionadas à construção do Santuário de Santa Rita? Reflita sobre as implicações disso e registre as suas observações.

---

---

---

 **Vamos aprofundar esta discussão:**

- Se pensarmos em todas as igrejas católicas que já foram demolidas em Viçosa e em todas as igrejas católicas que atualmente existem na cidade – Fátima, São João Batista, São Silvestre, etc. – pode-se afirmar que o tombamento da Capela dos Passos ou o *inventariamento do Santuário de Santa Rita de Cássia*, representam “**a memória** do catolicismo em Viçosa”?

---

---

---

---

- *E se considerarmos todos os viçosenses “não católicos”, praticantes de outras religiões.* O que dizer sobre a patrimonialização de dois templos católicos como únicos bens imóveis de caráter religioso, cogitados como patrimônios de todos os viçosenses?

---

---

---

- Deixe aqui suas impressões do percurso.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

 Bom, hoje fizemos um longo percurso pela cidade. Esperamos que este momento tenha sido importante para você como cidadão e também para sua prática profissional. Uma vez que despertamos nosso interesse pela leitura da paisagem

que nos cerca, deixamos de ser meros transeuntes. Ao transitar por outros pontos da cidade, pare e olhe ao seu redor; leia os múltiplos textos que sua paisagem apresenta. Você se surpreenderá com sua própria cidade e poderá descobrir nos lugares mais corriqueiros, coisas que nunca tinha percebido antes. Ler a cidade poderá ser importante para compreendê-la mais e, assim, ajudá-la a ser cada vez melhor. É exatamente esta a mensagem de Saramago que serve de epígrafe a este capítulo!

➤ Antes de encerrarmos esse momento, pense em todo o percurso que fizemos e registre suas impressões:

- Você tem alguma história ligada a algum destes bens?

---

---

---

---

- *“Qual cidade de Viçosa” está representada por meio do patrimônio que visitamos?*  
*“Quais são as cidades de Viçosa” excluídas?*

---

---

---

Ulpiano Bezerra de Meneses afirma que “a identidade e a memória garantem a produção e reprodução da vida social, psíquica e biológica. Dão suporte a um eixo de atribuição de sentidos sem o qual a vida se fragmentaria num permanente salto no escuro”<sup>212</sup>.

Portanto, se determinados grupos não encontram suas referências acolhidas, há uma dificuldade de entendimento de que sua maneira de estar na cidade não deve ser excluída, que seu discurso também é legítimo.

---

<sup>212</sup>MENESES, Ulpiano Bezerra de. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. In Ciências & letras. Porto Alegre. n 27-Jan.-jun de 2000. p. 94.

- Agora que conhecemos e discutimos os bens preservados de Viçosa vamos construir juntos uma proposta educativa baseada no patrimônio!
- Para a execução do trabalho seguiremos alguns princípios. A proposta deve ocupar-se com a cultura local e trazer referências que já não estejam privilegiadas pelo poder público e que considere a participação efetiva dos educandos, inclusive como produtores de referências culturais. No espaço abaixo você deve apresentar e descrever a sua escolha, apresentar a metodologia, elencar os objetivos e propor uma finalização.

## 2. Museus

Um dos espaços privilegiado para a aprendizagem a partir do patrimônio é o museu. Reconhecido como um espaço para a educação e lazer, o museu é bastante visitado por grupos escolares, turistas e público em geral.

Segundo o ICOM (Conselho Internacional de Museus),

o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite.<sup>213</sup>

Portanto, para o ICOM, uma instituição só pode ser considerada museu se ocupar-se da preservação do patrimônio e dos processos educativos e de lazer, a partir dele. O Brasil possui mais de 3.500 instituições museais e muitas mais são abertas anualmente, mas a concentração de cerca de 70% destas instituições nas regiões sul e sudeste faz com que cerca de 76% dos mais de 5.500 municípios brasileiros não contem com nenhum museu.<sup>214</sup> É necessário dizer que as regiões com menor número de museus também são as mais carentes de outros recursos, como escolas, postos de saúde e universidades. A concentração de museus

---

<sup>213</sup> Disponível em: [http://www.icom-portugal.org/documentos\\_def,129,161,lista.aspx](http://www.icom-portugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx). Acesso em: 10/07/2015

<sup>214</sup> Dados do Cadastro Nacional de Museus do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <http://sistemas.museus.gov.br/>. Acesso em: 10/07/2015. Viçosa possui 7 instituições cadastradas no sistema.

nas regiões mais ricas do país é um dado significativo e Bourdieu<sup>215</sup> nos serve de referência quando aborda as desigualdades a partir do capital cultural.

Mas dizer que uma cidade possui um museu não significa que ele é acessível ou visitado por todos os grupos sociais, que são representados de formas diferentes nas instituições e também se integram a elas de formas distintas. Por isso, é importante que desenvolvamos projetos educativos em que procurem não reforçar símbolos, convencer ou conscientizar as pessoas da importância dos museus, mas que procurem acolher o público, dialogar com ele, permitir o conhecimento sobre a cultura material exposta, enfim, entender a sociedade que armazena e expõe determinados objetos, permitindo que os visitantes gostem ou não de visitá-los considerem ou não que as exposições tem algo a dialogar com ele, mas apenas depois de terem a oportunidade de conhecer.

Algumas instituições museais possuem equipes educativas preparadas para dialogar com o público. Es tes profissionais recebem nomes distintos como educadores, mediadores ou guias, mas a função é ser o ponto de ligação entre as exposições (meio de comunicação específico do museu) e o público.

Há uma diversidade de públicos possíveis, idosos, crianças, famílias, grupos escolares, turistas, dentre outros, e muitas formas de desenvolver a visita: visita-palestra, discussão dirigida e descoberta orientada são algumas delas.

Na visita-palestra o nível interacional é baixo e o monitor fala a maior parte do tempo. No entanto, perguntas são bem vindas e os visitantes estimulados a participar das discussões. A discussão dirigida consiste no diálogo entre o monitor e os visitantes. Além de lançar perguntas e esperar pelas respostas, os monitores dão informações em intervalos apropriados durante a discussão. Na descoberta orientada são oferecidas atividades e jogos dentro da exposição. O monitor é responsável por estabelecer hipóteses ou uma questão problema e acompanhar o público que buscará solucionar a questão.<sup>216</sup>

Estas são algumas das metodologias possíveis, em todas elas alguns pressupostos devem ser considerados, o educador deve ter conhecimento da exposição, pois só assim será possível dialogar e estar aberto a acolher as interpretações do visitante.

O museu possui um modo de comunicação específico, a exposição, para que os objetos estejam presentes no espaço expositivo do museu, eles foram selecionados com o

---

<sup>215</sup>BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.) .Escritos de educação. Tradução Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 71-80.

<sup>216</sup> ARAUJO, Vanessa Barboza; FERNANDES, Joanna Guimarães. Educação patrimonial no MHAB: pressupostos teóricos e metodológicos. In OLIVEIRA, Leônidas José. (org.) O Museu e a cidade sem fim: setenta anos de história preservada no MHAB, o Museu da Cidade. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Museu Histórico Abílio Barreto, 2013. p. 80

objetivo de construir uma interpretação. Portanto, temos a construção de uma ideia, por meio de objetos, textos e imagens em um espaço específico. Vamos observar as imagens abaixo. A primeira fotografia é de uma loja da Apple, em Nova York, a segunda refere-se ao Museu Nacional de Tecnologia Leonardo da Vinci, em Milão.



- Qual a semelhança entre os dois locais apresentados nas imagens? Quais são as diferenças? É possível estudar o comportamento da sociedade que criou os objetos expostos nos dois locais, a partir da observação destes? Existe diferença entre a loja de departamento e o museu? Você frequentaria estes espaços com o mesmo objetivo?

---

---

---

---

---

---

---

Uma das diferenças marcantes entre o museu e a loja de departamento é que os objetos do museu não fazem mais parte do circuito da vida, não possuem mais a função para a qual foram fabricados, ninguém usaria um copo exposto em um museu para beber água ou o computador Power Mac G4 Cube, pertencente ao acervo do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, para executar seu trabalho. Mas poderíamos entrar em uma loja e adquirir um tablete para uso e, a cada novo lançamento, poderíamos descartar este objeto e adquirir um novo.

Ou seja, a exposição dos museus não tem o objetivo de nos seduzir para o consumo, como em uma loja, mas de nos instigar a compreender o outro, a partir de uma construção narrativa no espaço.

A interpretação produzida pela equipe do museu por meio da exposição é uma das possíveis, mas existem diversas outras propostas pelo público. E na mediação entre a interpretação do público e a narrativa proposta pela exposição que é desenvolvido o trabalho educativo no museu.

Algumas características específicas da educação em museus são o tempo curto de contato do visitante com a exposição, o uso dos objetos como gerador da discussão<sup>217</sup> e o deslocamento do corpo do visitante ao longo da visita. Ao contrário do que acontece na escola, em um museu os visitantes não precisam estar parados em suas carteiras, para aprender eles tem que se deslocar, percorrer a exposição para que possam conhecer o museu. Isto é uma forma de interatividade, pois o visitante é obrigado a sair da passividade do corpo parado. Por isso, no planejamento de uma visita ao museu devemos sempre nos lembrar destes tópicos: corpo, tempo e objeto.

Como estudo de caso para a compreensão de um museu e a proposição de uma visita educativa, percorreremos a Casa Arthur Bernardes. Um dos motivos principais de escolhermos este local é a sua localização central em Viçosa, que facilita o acesso de diversos públicos e o fato dela apresentar objetos do cotidiano, podendo gerar ressonâncias em vários públicos distintos.

---

<sup>217</sup> Francisco Régis Lopes Ramos defende a utilização dos objetos como geradores de conhecimento, inspirado pelas palavras geradoras de Paulo Freire.

A Casa Arthur Bernardes é uma construção eclética, construída entre 1922 e 1926 para o então Presidente da República, tombada em 1995 pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA). Foi adquirida pela UFV e hoje abriga o memorial Arthur Bernardes com a finalidade de exaltar a memória do Presidente Bernardes, pesquisar e preservar o acervo legado por ele<sup>218</sup>.

Valorizar e celebrar a memória de Arthur Bernardes como importante cidadão viçosense e expoente do nacionalismo brasileiro é o objetivo dos organizadores da exposição.

- Mas, será esta a única possibilidade de aprendizagem na casa? Vamos refletir sobre quais outras discussões podemos propor?

---

---

---

---

---

---

---

---

- Quais outros objetos poderíamos introduzir na exposição?

---

---

---

- Na nossa visita surgiram outras possibilidades interpretativas?

---

---

---

### ➤ Proposta de atividade

Faremos, em duplas, uma proposta de visita educativa à Casa Arthur Bernardes.

<sup>218</sup><https://www.dti.ufv.br/dac/casa.asp>. Acesso em: 13 de julho de 2015.

- Para auxiliá-los, é importante pensar nas seguintes questões:
- Qual o grupo que vocês irão acompanhar? (idosos, famílias, grupos escolares).
  - Qual o objetivo? (lazer, discussão de um tema específico, apresentação dos conceitos de museus, discutir um objeto específico em sua multiplicidade).
  - Quais as etapas? Quais perguntas devem ser priorizadas?

Como será a finalização? (conversa final, atividade prática, avaliação)?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### 3. Exposição

Ao longo das últimas semanas, discutimos questões ligadas à memória, identidade, patrimônio cultural e museus. Percorremos a cidade, percebendo o uso que os cidadãos fazem do seu espaço. Agora vamos produzir uma exposição coletiva. Cada um de vocês fará duas fotos sobre aquilo que vocês consideram patrimônio de Viçosa, pode ser um objeto, pessoa, local, festa, enfim, as possibilidades são muitas. Além das fotos, cada um também deve produzir um texto explicativo da sua escolha.

As fotos serão selecionadas, ampliadas e farão parte de uma exposição pública.

### ➤ Sugestões de atividades

Apresentamos algumas propostas educativas que poderão ser úteis ao seu trabalho sobre a interface entre educação e patrimônio cultural. As atividades aqui apresentadas são apenas propostas que poderão ser adaptadas, reformuladas e utilizadas da maneira que acharem melhor.

#### **1- Eu e a cidade. Eu mudo com o tempo, a cidade muda também.**

Proposta: observar fotografias dos estudantes ou familiares na cidade.

Objetivos:

- discutir as transformações e permanências do espaço urbano;
- refletir sobre a cidade, a partir da escala humana;
- estimular a interpretação de imagens.

**Descrição:** solicitar aos alunos que levem para a escola fotografias deles mesmos ou de familiares em espaços da cidade. O educador também pode trazer algumas fotografias próprias ou recolhidas em sites e blogs.

Proponha que os alunos troquem as fotografias em sala, aqueles que receberam a foto do outro criam histórias que expliquem a fotografia, procurando identificar o local e o momento. Depois, o proprietário da foto explica a sua fotografia. Neste momento o educador pode intervir e discutir as diferenças entre a história “inventada” pelo colega e as memórias narradas pelo proprietário da fotografia.

Em um segundo momento, os alunos tiram fotografias recentes nos locais que apareceram nas fotografias, depois eles retornam à escola e comparam as duas imagens procurando identificar as mudanças e permanências no espaço, jeito de vestir das pessoas e da própria técnica fotográfica.

**Material necessário:** fotografias pessoais, lápis, papel, câmeras digitais ou celulares, computador e projetor.

## **2- Brincar também é patrimônio**

### **Proposta:**

- ouvir moradores mais velhos sobre as brincadeiras e brinquedos de antigamente.

### **Objetivos:**

- aproximar as crianças do patrimônio, a partir de atividades que façam parte do seu universo;
- estimular a escuta;
- abordar a reflexão sobre a memória;
- possibilitar o aprendizado a partir do lúdico.

**Descrição:** convidar familiares ou moradores referenciais na cidade para relatar, na escola ou em outro espaço da cidade, as suas memórias de criança, principalmente aquelas relacionadas às brincadeiras. Estimular os estudantes a fazerem comparações entre a forma de brincar de hoje e a de antigamente. Relacionar as diferenças e semelhanças das brincadeiras às transformações do espaço urbano, mudanças tecnológicas, entre outras. Por fim, os alunos brincam com os jogos e atividades relatados pelo morador mais velho.

### **Material necessário:**

ambiente que possibilite aos alunos escutar o relato do morador e no qual possam também brincar.

## **3- Selecionando um bem.**

**Proposta:** selecionar um bem cultural da cidade e construir o seu histórico.

### **Objetivos:**

- refletir sobre a seleção de bens culturais;
- estimular a pesquisa histórica;
- abordar os canais de atuação possível para o cidadão no poder público;
- discutir a democracia.

**Descrição:** estimular a discussão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e as características e vivências dos estudantes na cidade. Pedir, que, a partir dos relatos e conhecimentos prévios, selecionem um bem da cidade a ser protegido. A partir das várias sugestões, o professor deve propor que cada um justifique a sua sugestão e, faça uma votação. Com o bem selecionado, a turma será dividida em 5 grupos e cada um deles será responsável por uma parte do histórico. Um grupo responsabiliza-se por produzir imagens do bem (fotos, vídeos e desenhos); outro grupo entrevista moradores para saber se eles conhecem o bem e se tem histórias relacionadas a ele, o terceiro grupo busca informações históricas em blogs, sites e em arquivos; o quarto grupo preenche a planilha de inventário e o quinto grupo, a partir de todas as informações levantadas, elabora uma justificativa a ser enviada ao Conselho Municipal de Patrimônio de Viçosa.

**Material necessário:** lápis, papel prancheta, gravadores de áudio, máquinas fotográficas e computador.

#### **4- A cidade como patrimônio**

**Proposta:** identificar problemas na cidade e propor soluções.

**Objetivos:** incentivar a participação dos estudantes nas tomadas de decisões sobre a cidade que habitam;

- estimular um olhar atento à cidade;
- abordar os canais de atuação possível para o cidadão no poder público;
- contribuir para a formação de sujeitos críticos e propositivos;
- incentivar a criatividade na busca de soluções.

**Descrição:** o educador propõe uma discussão sobre os problemas que os alunos identificam na cidade, a partir das suas observações cotidianas. A turma seleciona dois problemas que afetam mais negativamente os cidadãos, constroem propostas de soluções a partir da sua viabilidade econômica e legal. O Plano Diretor da cidade está em fase de discussão e é aberto ao público, as propostas nascidas na escola poderiam ser apresentadas ao IPLAM.

**Material necessário:** papel, lápis, máquinas fotográficas.

### **5-Piquenique na Casa Arthur Bernardes**

**Proposta:** fazer um piquenique no gramado da Casa Arthur Bernardes

**Objetivos:** possibilitar que as pessoas se apropriem de um espaço público;

- usar um espaço conhecido por sua formalidade de maneira lúdica e agradável;
- discutir os usos destes espaços;
- refletir sobre a importância de se pensar na coletividade quando construímos um equipamento público.

**Descrição:** um museu pode ser apropriado de diversas maneiras. Uma delas é visitando a exposição, mas também os moradores da cidade podem propor outros usos para o espaço. A Casa Arthur Bernardes possui um grande gramado que poderia ser utilizado para brincadeiras e um piquenique. Que tal fazer uma aula-passeio no espaço? Proponha aos alunos um piquenique no gramado da Casa, leve alguns materiais para que os alunos possam brincar também, permita que eles se apropriem do espaço livremente (mas sem descumprir as regras impostas pela administração do espaço). Ao final do piquenique, proponha algumas discussões com os alunos. Pergunte se eles têm um espaço livre como aquele em casa e, se eles tiverem como poderia ser usado. Dentro da Casa Arthur Bernardes não encontramos nenhum brinquedo. Pergunte aos alunos como poderíamos brincar, sem brinquedos? Viçosa é carente de espaços públicos, como jardins e parques que possam ser utilizados pela população. Os jardins da Casa Arthur Bernardes são um destes poucos espaços públicos na região central. Discuta com os alunos: como este espaço poderia ser melhor utilizado pela população? O que falta para que as pessoas os utilizem? Quais equipamentos poderiam ter neste espaço para seu melhor usufruto? Os alunos podem desenhar as suas ideias individualmente, e depois, em sala, reúna as propostas e discuta com eles se realmente são viáveis. Lembre aos alunos que eles estão propondo o equipamento para um espaço público, por isso a proposta não pode demandar manutenção complexa. Deve ser boa para o maior número de pessoas possíveis e estar relacionada ao local a ser instalada.

**Material necessário:** papel, brinquedos, lanche e toalhas.

## 6- Um personagem, várias visões

**Proposta:** a partir da visita à Casa Arthur Bernardes e da observação de charges da época, discutir as várias visões sobre este personagem.

### **Objetivos:**

- possibilitar que os alunos façam leituras de diferentes documentos, textos, charges e objetos;
- estimular a comparação entre diferentes visões sobre um mesmo personagem;
- permitir que os alunos, a partir de pesquisas e observações, possam chegar às suas próprias visões, estimulando um olhar crítico e autônomo.

**Descrição:** fazer uma visita à Casa Arthur Bernardes, apresentando a visão dos curadores da exposição, que consideram que a casa tem “a finalidade de exaltar a memória do Presidente Bernardes”<sup>219</sup>.

Arthur Bernardes foi presidente do Brasil entre 1922 e 1926 na Primeira República. Em alguns momentos sua memória é exaltada

sobretudo, pelo emprego de toda a sua energia na defesa da exploração do petróleo, na luta contra a "Itabira Iron", a qual pretendia o direito de explorar o minério de ferro de nossas jazidas, no combate contra a instalação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica, que tinha por objetivo o desmembramento da Amazônia do território brasileiro, e na criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, hoje Universidade Federal de Viçosa<sup>220</sup>.

Por outro lado, é conhecido por restringir a liberdade de imprensa, intervir nos estados opositores ao seu governo e por ter enfrentado várias revoltas tenentistas.

---

<sup>219</sup> <https://www.dti.ufv.br/dac/casa.asp>. Acesso em: 13 de julho de 2015.

<sup>220</sup> Ibidem.

Os alunos devem ser apresentados a estas duas facetas por meio de imagens e textos.



Um exemplo de material que poderá ser utilizado é a charge acima, publicada na revista Careta, e que ironiza o fato de Arthur Bernardes ter governado o Brasil em Estado de Sítio.

Após a visita à Casa Arthur Bernardes e a observação dos textos e das charges, os alunos podem discutir quem foi Arthur Bernardes, como podemos entender este personagem, se a Casa Arthur Bernardes contribui para a compreensão do personagem ou para o reforço de um mito.

## 6- Comunicar é aprender

**Proposta** - criação de um blog no qual fossem comentados assuntos relacionados ao patrimônio cultural de Viçosa.

**Objetivos:** estimular a escrita;

- Permitir que outras pessoas possam compartilhar dos conhecimentos adquiridos pelos alunos;
- Estimular o uso da internet como canal de comunicação propositivo.

**Descrição:** solicitar que os alunos criem uma página no facebook ou um blog nos quais eles abordem o patrimônio cultural de Viçosa, apresentem os problemas identificados e sugiram soluções.

**Material necessário:** computador ligado à rede mundial de computadores.

---

<sup>221</sup>Charge do vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2001. Cf: [http://www.klickeducacao.com.br/simulados/simulados\\_mostra/0,7562,POR-2000-23-121-2001,00.html](http://www.klickeducacao.com.br/simulados/simulados_mostra/0,7562,POR-2000-23-121-2001,00.html). Acesso em: 05/08/2015.

### **Até Breve!**

Queremos compartilhar suas ideias. Ao longo das últimas semanas conversamos sobre o patrimônio cultural de Viçosa e o seu potencial educativo, discutimos propostas, conceitos e atividades, gostaríamos de continuar a dialogar com vocês.

Desenvolveu uma proposta interessante com os alunos? Gostaria de compartilhar conosco? Nós criamos uma página no facebook para continuarmos a nossa conversa (educação e patrimônio – Viçosa/MG) e poderemos trocar ideias entre os participantes. Inclua a sua proposta na página. A sua ideia pode servir de inspiração para outro colega ou ser comentada por outras pessoas que podem contribuir. Se você também executou uma das atividades propostas neste Caderno de Campo, compartilhe conosco, dê sua opinião, faça sugestões. Esperamos manter contato e continuar aprendendo juntos.

Agradecemos a participação de todos, esperamos que o curso tenha contribuído para a formação de vocês e os aguardamos na inauguração da exposição.

[walkiriamartins@ufv.br](mailto:walkiriamartins@ufv.br)

[belguerra@hotmail.com](mailto:belguerra@hotmail.com)

Abraço

Isabela e Walkíria.

## Bibliografia

- ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- ARAÚJO, Vanessa Barboza; FERNANDES, Joanna Guimarães. Educação patrimonial no MHAB: pressupostos teóricos e metodológicos. In OLIVEIRA, Leônidas José. (org.) O Museu e a cidade sem fim: setenta anos de história preservada no MHAB, o Museu da Cidade. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura/ Museu Histórico Abílio Barreto, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.) .Escritos de educação. Tradução Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 71-80.
- BURKE, Peter. Cultura popular na idade moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANDAU, Joël. Memória e Identidade. Trad. Maria Letícia Ferreira. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. Patrimônio cultural, escola, cidadania e desenvolvimento sustentável. In Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005.
- CHAGAS, Mário. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1999.
- CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2001.
- CIVALE, Leonardo. Sobre luzes e sombras: A revitalização da Praça XV de Novembro no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro e o papel da paisagem urbana como patrimônio cultural (1982-2012). In Cadernos de Geografia. v.25, nº44, 2015. p.134-148.
- DE CERTAU, Michel. Andando na Cidade. In Revista do patrimônio histórico e artístico nacional, nº 23, 1994. p.21-31.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ IPHAN, 1996.
- HONÓRIO, Letícia de Melo. A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa, MG. Belo Horizonte, UFMG, 2012. (Dissertação de Mestrado).
- HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In História e memória. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).
- LE GOFF, Jacques. Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora UNESP. 2000

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Educação em museu: sedução, riscos e ilusões. In *Ciência e Letras*, Porto Alegre, n. 27, jan./jun. 2000, p. 91-101.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. Viçosa: mudanças socioculturais: evolução histórica e tendências. Viçosa: Editora UFV, 1990.

PAULA, Karine de Almeida. Urbanização, atividade imobiliária e adensamento urbano nos bairros Centro e João Braz em Viçosa (MG). Viçosa: UFV/Departamento de Geografia, 2011. (Monografia).

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó: Argos, 2004.

## Anexo M – Fôlder de divulgação



### CURSO DE EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO

Curso de formação para educadores e agentes culturais da Rede Pública Municipal de Viçosa/MG

### APRESENTAÇÃO

#### "Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo"

O curso pretende discutir questões relacionadas ao patrimônio cultural de Viçosa e sua relação com a educação, através da problematização de conceitos como paisagem, memória coletiva, identidade, patrimônio e suas relações com a educação. O objetivo é possibilitar que os educadores e agentes culturais reflitam sobre a cidade como contexto de diversas relações, sobre a transformação do espaço urbano ao longo do tempo sob as remediações sofridas pela paisagem urbana em decorrência do processo de modernização da cidade e das práticas patrimonialistas. O curso será composto por aulas teóricas e práticas (aulas de campo), além de dinâmicas de grupo que estimulem as discussões e trocas de conhecimentos entre os participantes. Espera-se fornecer aos educadores ferramentas para a elaboração de aulas e oficinas nas escolas e

instituições culturais multiplicando saberes e possibilitando a construção de espaços de debate acerca das práticas educativas e das potencialidades da cidade. Espera-se ainda, oferecer bases teóricas e práticas para que os educadores trabalhem com seus educandos questões relacionadas à configuração e à vivência dos espaços públicos da cidade, em uma visão crítica, participativa, que estimule o envolvimento dos diferentes setores sociais e que concorra ao envolvimento da sociedade com as questões patrimonialistas como um exercício de cidadania.

O curso terá duração total de 20 horas e será dividido em 5 encontros semanais de 4 horas cada. Os certificados de participação serão emitidos pela Universidade Federal de Viçosa.

### RESPONSÁVEIS

Isabela Tavares Guerra

Historiadora, especialista em História da cultura e da arte pela UFPA, mestra em curso de patrimônio cultural, paisagens e cidadania pela UFV. Atua como educadora em diversas instituições museológicas de Belo Horizonte.

Walteria Maria de Freitas Martins

Históridora, mestra em curso de patrimônio cultural, paisagens e cidadania da UFV. Atua como professora de História do ensino médio e pré-vestibular na rede particular, em Viçosa.

#### Orientador:

Professor Dr. Leonardo Civalle

Departamento de Geografia da UFV e do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da mesma Universidade.

### INFORMAÇÕES

#### Número de vagas

total de 30 (trinta), das quais 15 (quinze) preferencialmente para professores da rede pública municipal de Viçosa.

#### Inscrições

as inscrições são gratuitas e deverão ser feitas nas escolas municipais de Viçosa e/ou na Secretaria Municipal de Cultura, no 2º andar do Colégio Viçosa, entre os dias 03 e 12 de agosto de 2015 (dias úteis e horário comercial).

#### Local do curso

Auditorio do Espaço Cultural Hervê Coadovil.

#### Horário

de 14h às 18h, toda quinta-feira entre os dias 13 de agosto e 10 de setembro de 2015.

### PROGRAMAÇÃO

#### Encontro 1:

20/10/15 | 18h - discussão sobre o patrimônio da cidade a partir da observação dos professores, dinâmicas e leitura de textos. Abordagem de conceitos básicos que aproximam o campo do patrimônio ao da educação. Atividades práticas. Duração: 4 horas.

#### Encontro 2:

24/10/15 | 18h - aula de campo com visitas aos bens tombados e não tombados de Viçosa. Duração: 4 horas.

#### Encontro 3:

27/10/15 | 18h - Discussão teórica sobre Museus. Abordagem dos principais conceitos e realização de atividades práticas. Duração: 4 horas.

#### Encontro 4:

29/10/15 | 18h - visita à instituição de memória, abordando os potenciais educativos do local. Local: Casa Arthur Bernardes. Duração: 4 horas.

#### Encontro 5:

03/11/15 | 18h - produção de fotografias pelos participantes que serão utilizadas para reflexão sobre o patrimônio cultural. Avaliação do curso. Duração: 4 horas.

#### Exposição das fotografias:

Estação Cultural da UFV de 11 a 20 de novembro.

Horário de 8h30 às 11h30 e de 14h às 17h30.

Agendamento de grupos: 3899-3283



## Anexo N – Power Point utilizado no Curso Educação e Patrimônio

### Curso

Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo.

Isabela Guerra e Walkiria Martins

Orientador: Profº Drº Leonardo Civalle

Outubro/Novembro 2015



### Patrimônio Cultural

O patrimônio cultural pode ser entendido como uma herança, um bem que possibilita o conhecimento da sociedade, da memória e da identidade dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade.



2

## O que constitui o Patrimônio:

*Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza **material e imaterial**, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira[...]*

*(Art. 216 – Constituição 1988)*



3

## Bens que compõe o Patrimônio Cultural

### Patrimônio Imaterial



Expressões Orais e gráficas dos wajapis  
Site: <http://www.unesco.org/>

## O Patrimônio Cultural e suas relações com a Identidade e a Memória

Fazemos parte de uma sociedade que valoriza muito a cultura, as tradições, a identidade e a memória.



- As paisagens de nossas cidades vêm sofrendo mudanças rápidas e profundas nos últimos anos.
- Surge nesse contexto, a “*retórica da perda*”.



- A memória e tudo o que estiver relacionado à ela, passa a ser muito valorizado, pois ela nutre as identidades.

- Vídeo produzido por Sérgio Brumano.  
<http://sergiobrumano.blogspot.com.br/>



- As memórias ajudam a estabelecer a identidade do grupo e são também modeladas por ela.
- A memória é subjetiva e é também um instrumento de poder.
- Vídeo: palestra da escritora Chimamanda Adichie – “*O perigo de uma história única*”.  
<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuhW8>



## “Dessacralizando” o patrimônio:

- Elaboração das memórias coletivas e das identidades.
- O Patrimônio na paisagem: territorialização da memória.
- Uma memória → Uma identidade →  
Um patrimônio → Diversos grupos sociais  
→ Lugar/Patrimônio **público**?



## Patrimônio para todos

- Valorizar novas memórias e identidades.
- Quando os diferentes grupos se veem representados no patrimônio cultural.
- Patrimônio: zona de conflito – o caso do “Abraço ao Balaústre”.
- Memória: campo de luta por espaços na cidade – o caso “Hervé Cordovil”.



## Proposta de atividade

- Proposta de tombamento ou registo a ser apresentada ao Conselho Municipal de Patrimônio de Viçosa.
- 1- Nome do bem
- 2- Nome do proprietário
- 3- Localização
- 4- Descrição
- 5- Estado de conservação
- 6- Uso atual
- 7- Dados históricos
- 8- Justificativa

## Educação e Patrimônio

- Educação que se baseia no patrimônio, cultura, memória e identidade;
- Possibilita a interpretação dos bens culturais;
- Deve discutir os mecanismos que levam a preservação de determinados bens e exclusão de outros.

## Aula de campo

- Visita aos bens tombados de Viçosa, abordando as leituras da cidade.

## Museus

- Instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite. ICOM

## Exemplos

### Inhotim



Foto: [www.inhotim.org.br](http://www.inhotim.org.br)

### MASP

foto [www.masp.org.br](http://www.masp.org.br)



## Exemplos

### Museu da Pessoa

Foto: [www.museudapessoa.net](http://www.museudapessoa.net)



### Ecomuseu Morro da Queimada

Foto: <http://morrodaqueimada.fiocruz.br/ecomuseu.php>



## Exemplos

Museu Casa Guimarães Rosa  
Foto: [www.minascultural.com.br](http://www.minascultural.com.br)



Museu de ciência e da técnica da  
Escola de Minas de Ouro Preto  
Foto: <http://www.museu.em.ufop.br/>



## Proposta de atividade

- Montagem de exposição
- Montar uma exposição com os objetos trazidos pelos membros do grupo.
- Visitar a exposição do outro grupo
- Propor uma interpretação.

## Visita de Campo

- Casa Arthur Bernardes:
- Fazer as leituras da exposição.
- Propor intervenções.
- Criar uma proposta educativa em duplas.

## Exposição

- Seleção de 1 foto por participante para exposição.
- Tema: patrimônio cultural de Viçosa.
- Cada participante deverá trazer no mínimo 2 fotos e no máximo 5 fotos para a curadoria coletiva. As fotos devem ter no mínimo 2mb e um pequeno texto que justifique a escolha.

## Agradecimentos

- Prefeitura Municipal de Viçosa
- Departamento de Geografia
- Departamento de História

Nos encontramos na inauguração da  
exposição!

Obrigada!  
Isabela Guerra  
Walkiria Martins

## Anexo O – Convite para a Inauguração da Exposição

### Convite

#### Inauguração da exposição

*Olhares sobre a cidade*  
Reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa  
10 de novembro às 18h



A mostra é fruto do curso Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo. As fotografias foram produzidas pelos cursistas e procuram discutir as vivências na cidade e o envolvimento social nas questões patrimonialistas.

O curso é fruto da pesquisa de Isabela Guerra e Walkiria Freitas sob orientação do Professor Leonardo Cívale do Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania da UFV.

Local: Estação Cultural da UFV

Período da exposição : 11 a 20 de novembro Horário: 8h30 às 11h30 e de 14h às 17h30

Agendamento de grupos: 3899-3233 /e-mail: [estacaocultural@ufv.br](mailto:estacaocultural@ufv.br)

#### Realização



#### Apoio:



**Anexo P – Livreto da Exposição Olhares sobre a cidade**

## **Olhares sobre a cidade**



## **Exposição Patrimônio e Educação**

No período de 11 a 20 de novembro de 2015 a Estação Cultural receberá a exposição fotográfica **“Olhares sobre a cidade”**, sobre referências culturais de Viçosa e região. A exposição busca discutir o patrimônio cultural, trazendo diferentes olhares sobre a cidade.

A mostra é fruto do curso **“Educação e Patrimônio: reflexão sobre o patrimônio cultural de Viçosa e seu potencial educativo”**. Ao longo de 5 aulas os cursistas discutiram, em aulas práticas e teóricas, questões relacionadas ao patrimônio cultural de Viçosa e sua relação com a educação, através da discussão de conceitos como paisagem, memória coletiva, identidade, patrimônio e suas relações com a educação.

A exposição, cujas fotografias foram produzidas pelos cursistas, procura problematizar questões relacionadas à configuração e à vivência dos espaços públicos da cidade, em uma visão crítica, participativa, que estimule o envolvimento dos diferentes setores sociais e que conceba o envolvimento da sociedade com as questões patrimonialistas como um exercício de cidadania.

O curso foi desenvolvido pelas alunas Isabela Tavares Guerra e Walkíria Maria de Freitas Martins, sob orientação do Professor Leonardo Civalle, no âmbito do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa.

Horário de visitas: 8:30 às 11:30 e das 14 às 17:30

Agendamento de grupos: Mônica Bicalho (3899-3233 /e-mail: [estacaocultural@ufv.br](mailto:estacaocultural@ufv.br)).

## Hotel Alcântara



Edificação localizada no centro de Viçosa. Selecionada pelo autor da fotografia por causa das suas características arquitetônicas e pelos diversos usos ao longo da sua existência.

## Trilhos de Trem



Trecho da linha férrea, símbolo da chegada da modernidade na cidade. Seleccionada pela autora por representar um período de transformações em Viçosa e por aparecer em vários pontos da cidade, sendo referência para diversos moradores.

## Congado



Congado de São José do Triunfo. Selecionado pela autora por ser uma referência de manifestação religiosa da cidade. Representa a diversidade cultural de Viçosa.

## Representação da infância de Nello Nuno



Nelo Nuno de Moura Rangel foi um artista nascido em Viçosa em 1939 e um precursor da pintura neo-expressionista dos anos 1980. Casa selecionada pela autora por remeter a infância do artista que utilizava estas memórias para a produção do seu trabalho.

## São Bartolomeu



A Bacia do São Bartolomeu é uma importante fonte de oferecimento de água para abastecimento público. O autor busca, com a seleção deste bem natural, problematizar o descaso com esse patrimônio.

## Recanto das Cigarras



Espaço dentro do Campus da UFV bastante utilizado pela comunidade viçosense. Cercado por mata, o recanto é um espaço propício para festas, piqueniques e contemplação.

# Feira



A Feira de Viçosa, Minas Gerais, que acontece todos os sábados no centro da cidade, é uma das manifestações cogitadas a se tornar um patrimônio imaterial da cidade. Seleccionada pelo autor por permitir uma preservação da cultura camponesa regional que continua perdendo território devido ao avanço da modernidade no campo.

## Procissão



Procissão de Santa Rita que acontece em maio em Viçosa em homenagem a sua padroeira. Seleccionada pelo autor por ser uma manifestação religiosa antiga na cidade com participação intensa da população, incluindo a presença da Lira Santa Rita, banda tradicional da cidade, fundada na década de 1920.

## Ipês da Santa Rita



Ipês da Avenida Santa Rita. O autor considera que a salvaguarda dos ipês garantiria, além da beleza e conforto térmico, a permanência do passeio central da avenida, espaço utilizado pela população para passeios e encontros.

# Sobrado Imperial



Sobrado Imperial do século XIX de propriedade do município de Pedra do Anta, cidade localizada na Zona da Mata mineira, há 38 km de Viçosa e possui 3.339 habitantes (Fonte: IBGE – estimativa de 2015). Ele é uma referência para o município, apesar do descaso com a sua conservação

## Pontilhão



Pontilhão de Ferro localizado em Ponte Nova. Selecionado pela autora, por ser considerado uma referência histórica da modernidade no início do século XX. A chegada da estrada de ferro Leopoldina Railway proporcionou mudanças no cenário econômico e cultural da cidade.

**Vida que segue, vida que resiste. O olhar distante de quem almeja uma vida melhor.**



Edifício Arthur Bernardes, mais conhecido como Bernardão. O autor capturou a imagem a partir da visão distante de quem almeja fazer parte deste espaço.

## **Outros patrimônios**

**Estas fotos aqui apresentadas foram selecionadas por um grupo, de acordo com aquilo que se acredita ser uma possibilidade de democratização das referências culturais da cidade. Você gostaria de nos mostrar também a sua proposta?**

**Desenhe ou escreva o nome de um bem cultural que você gostaria de ver preservado em Viçosa.**

**Ficha técnica**

**Fotografia e Seleção de imagens**

**Cursistas**

**Montagem da exposição**

**Isabela Guerra**

**Mônica Bicalho**

**Walkíria Maria de Freitas Martins**

**Orientação: Leonardo Civale**

**Realização:**



**Apoio:**



**PREFEITURA  
DE VIÇOSA**  
O FUTURO É AGORA

**PEC**  
PRÓ-REITORIA DE  
EXTENSÃO E CULTURA

